UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CAIO HENRIQUE VICENTE ROMERO

**Política e edição de livros na Argentina:
EUDEBA entre 1958 e 1974**

Versão Corrigida

São Paulo
2020

CAIO HENRIQUE VICENTE ROMERO

**Política e edição de livros na Argentina:
EUDEBA entre 1958 e 1974**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Profa. Livre Docente Gabriela Pellegrino Soares

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R763p	<p>Romero, Caio Henrique Vicente</p> <p>Política e edição de livros na Argentina: EUDEBA entre 1958 e 1974 / Caio Henrique Vicente Romero ; orientadora Gabriela Pellegrino Soares. - São Paulo, 2020. 160 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.</p> <p>1. HISTÓRIA. 2. HISTÓRIA DA ARGENTINA. 3. EUDEBA. 4. PERONISMO. 5. HISTÓRIA DO LIVRO. I. Soares, Gabriela Pellegrino, orient. II. Título.</p>
-------	---

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): CAIO HENRIQUE VICENTE ROMERO

Data da defesa: 15/05/2020

Nome do Prof.a orientadora: GABRIELA PELLEGRINO SOARES

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 14/07/2020

A handwritten signature in black ink, reading 'Gabriela Pellegrino Soares', written in a cursive style.

Assinatura da orientadora

ROMERO, Caio Henrique Vicente. **Política e edição de livros na Argentina: EUDEBA entre 1958 e 1974.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

A Lucilene Vicente, minha mãe
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Naquela noite, para convidar o irmão à ternura, a menina pediu o chá à criada. Tendo a criada servido a taça da cega e levado até ela a sua mão, Matsu respondeu: obrigada, mãe perto. E disse: é o contrário de uma qualquer mulher longínqua. A criada comoveu-se imediatamente e se tornou para o fogo, a fazer de conta que ainda aquecia alguma coisa que importava mexer. Por haver feito isso, falhou de reparar que também Itaro se afogou nos olhos. Metido num silêncio que, afinal, apenas a cega conseguiu entender na perfeição. Matsu sorriu. Havia plantado palavras no seu discursivo jardim. A fera seria incapaz de o atravessar ignorando a beleza. Por isso, a fera acalmou.

(Valter Hugo Mãe. *Homens imprudentemente poéticos*.)

Desde cedo, as palavras foram meu medo, meu refúgio e meu encantamento. Durante muito tempo, entretanto, não soube divisar onde começava um e onde terminavam os outros. Nos gibis, na família, na escola, nos livros, na rua, em conversas mal ouvidas e muito lembradas, sempre estavam elas ali, as palavras. De recebê-las, somente, a transformá-las em instrumento de sobrevivência, afeto e resistência foi um longo percurso. Gostaria de agradecer a algumas pessoas que nele me acompanharam.

À minha professora e orientadora Gabriela Pellegrino Soares, toda minha gratidão pela confiança, pela orientação precisa e exigente e pela compreensão e acolhimento em todos os momentos de nossa longa convivência. Seu cuidado com a docência e sua dedicação à pesquisa sempre foram elementos motivadores para minha carreira e minha vida pessoal – e assim permanecem.

A minhas professoras e professores da graduação em História, que me ajudaram a construir o docente que hoje sou. Márcia Regina Berbel, Antônio Penalves Rocha, Eduardo Natalino dos Santos, Júlio Pimentel Pinto, Maria Helena Capelato, Jorge Grespan, Modesto Florenzano, Carlos Zeron, Wilson Barbosa, Sara Albieri, Kátia Abud e Maurício Cardoso, entre outros, merecem todo meu carinho e reconhecimento. Reservro um lugar especial para a professora Maria Lígia Coelho Prado, que fez parte do meu processo de encantamento pela História das Américas e me ensinou a importância de estarmos atentos a nossos alunos. Desde o dia em que tive meu nome lembrado por ela dois anos depois de nosso último encontro em sala, esforço-me para guardar o nome de todos os meus alunos, sabendo o quanto esse pequeno gesto humaniza nossas relações.

À professora Maria Helena Capelato e ao professor Nelson Schapochnik, agradeço pelo aprendizado construído em nossas aulas e por meio da arguição realizada em minha banca de qualificação.

A meus professores de todos os tempos, em especial àquele que me apresentou as primeiras palavras mais densas e encadeadas em volumes de 300 páginas, Cassiano Butti. Além das aulas e dos empréstimos de livros, aprendi com Cassiano que podemos usar as palavras para expressar sentimentos e pensamentos que nem imaginávamos existir. O pequeno livro *O mistério da Chocolight*, que guardo com carinho até hoje, que o diga. Agradeço também àquela que, durante três anos, fez meus olhos brilharem com a História. Hoje minha amiga, Glória Noronha é para mim um exemplo de determinação, docência e idealismo.

A meus amigos e companheiros da vida acadêmica, meu muito obrigado por todo o apoio. A Fernanda Sposito – que também foi minha professora –, agradeço pela paciência de sempre, pelas conversas, leituras e pelo auxílio em minha banca de qualificação. Rafael Scarelli, companheiro de quarto em Mariana e pesquisador incrível, foi o responsável por uma leitura crítica essencial para a finalização dessa dissertação. Aos demais membros do grupo de pesquisadores coordenado pela professora Gabriela, meus carinhosos agradecimentos pelo aprendizado e convivência: Laís Olivato, Douglas de Freitas, Tânia Mendonça, Giovanna Mazza, Camila Grejo, Elisabet Prudent, Mariana de Moraes Silveira e Sônia de Meneses. Aos colegas e professores do Laboratório de Estudos de História das Américas (LEHA-USP), pelos anos de trocas (recentemente longínquas, infelizmente), especialmente Stella Maris Franco, Ana Beatriz Mauá, Valdir Donizete, Ângela Meirelles e Camilla Fontes.

A todos os que fizeram parte do percurso desta pesquisa em minhas passagens pela Argentina. Os professores Susana Zanetti (*in memoriam*), José Luis de Diego, Leandro de Sagastizábal e Pablo Giordanino ofereceram contribuições valiosas. Ao Presidente da EUDEBA, Gonzalo Álvarez e ao Gerente Geral da editora, Luis Quevedo, meu sincero agradecimento pela acolhida e fornecimento de materiais, espaço físico e condições para que eu pudesse reproduzir importantes documentos. A todos os trabalhadores da EUDEBA, da parte editorial ao depósito, declaro minha gratidão por, ao longo de 10 dias, receberem-me como membro da editora. Ganhei uma mesa e um computador para trabalhar, além de carinho, livros, conversas e auxílios preciosos. As *facturas* – docinhos – que levei no último dia para compartilhar com todos não conseguiram exprimir meus sentimentos por eles. A todos um saudoso abraço do Brasil. Agradeço também, na figura de Cecilia – chefe do arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno – a todas as funcionárias e funcionários dos arquivos e universidades que me receberam e me ajudaram a encontrar documentos. Ainda na Biblioteca

Nacional, agradeço à generosidade da pesquisadora Judith Gociol, que, em meio à correria da organização de uma exposição, atendeu-me e forneceu materiais importantes.

Aos meus companheiros de docência e alunos, agradeço pela força, pelo companheirismo e pelas doses de energia necessárias para levar adiante nossa profissão. Especialmente, agradeço a Maria Isabel Pedroso Fragoso por sua arguta e empolgada leitura e pela lembrança diária de que afeto, generosidade e competência acadêmica podem e devem caminhar juntos. Aos amigos do CONSA, Cida, Laís, Ody, Everton, Rafael, Silvio, Elisa e Janaína, pela breve convivência – interrompida pela dedicação a esta dissertação. Aprendi muito com vocês. Agradeço também a Laércio Carrer, como coordenador do Ensino Fundamental II do Colégio Albert Sabin, pelo incentivo à prática da docência como pesquisa constante e pela valorização dos Direitos Humanos na construção de uma sociedade mais justa.

Representando os alunos, registro um especial agradecimento a Marina Kawamura, Júlia Yamazoe, Sophie Cancissu e Ana Carolina Tonin, que confiaram a um professor desconhecido e novo na escola sua orientação na Olimpíada Nacional em História do Brasil. Obrigado a todos os meus alunos. Saibam que nos construímos mutuamente dia após dia.

A meus amigos, muito obrigado pelo carinho, pela confiança, pela generosidade, pelo trabalho coletivo. Caio Henrique Covo, André Tiê, Rafaela Altran, Bárbara Carneiro, Vinícius Hidemi, Rodrigo Tadeu e Renato Silva participaram desse processo desde o início. Thaís Neves, Mariana Soares e Simone Prado chegaram depois, mas vieram com tudo. Só as conheci devido à confiança de Sérgio Andrielli, antigo companheiro que viu diversos Caios ao longo do tempo e sempre foi meu esteio em momentos de crise. Caio Mendes, Alessandro Mortaio, Rodrigo Mutuca, Rosângela Felício, Eduardo Sisti, Luiz Carlos de Bonis, Edson Ferreira – que me levou a Buenos Aires pela primeira vez –, Luis Farat, Beatriz Montenegro, Harini Kaneshiro e Mayara Alves conviveram com minha intermitência maior que o normal nesses três anos. Agradeço pela persistência, pelas conversas e pelo apoio.

Por fim, agradeço a meus familiares, especialmente a meus avós, Rosa e João, que foram a base dessa dissertação. Sandra Lúcia, Maria Laura e a família Ferreira, que acompanharam todo esse processo e me ajudaram na construção de pontes entre as palavras e os afetos. Maria Clara, para quem guardei a palavra amor até agora, é a melhor companheira que uma pessoa pode desejar. Obrigado por tudo.

Lucilene Vicente, minha mãe perto, raiz destas palavras. As sementes que planto aqui são suas. Tenho certeza de que poderei lhe apresentar meu jardim florido.

Fôssemos infinitos

Tudo mudaria

Como somos finitos

Muito permanece.

(Bertolt Brecht)

RESUMO

ROMERO, Caio Henrique Vicente. **Política e edição de livros na Argentina: EUDEBA entre 1958 e 1974**. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta dissertação tem por objetivo analisar parte da trajetória da *Editorial Universitaria de Buenos Aires* (EUDEBA), uma importante editora de livros argentina ligada à *Universidad de Buenos Aires* (UBA). A EUDEBA foi criada em 1958 e permanece ativa. Nosso recorte temporal, aqui, parte de 1958 e vai até o ano de 1974. Nesse período, a editora passou por várias administrações e teve de dialogar e negociar com as diversas gestões políticas que ocuparam – *de facto* ou de direito – os mais altos cargos da Nação e da UBA. Por meio do estudo de fontes históricas de diversos tipos, temos por objetivo lançar luz às relações estabelecidas entre a editora e seu entorno cultural e político ao longo do conturbado século XX argentino.

A pesquisa foi feita tendo por base dois questionamentos centrais: de que maneira o projeto editorial da EUDEBA pôde ser concretizado na realidade prática do trabalho de edição de livros? De que maneira o contexto político da Argentina e da América Latina durante os anos 1960 e 1970 afetou o trabalho editorial da empresa? Tais questões foram analisadas por meio de uma metodologia que privilegiou a junção entre as perspectivas da história política e da história da edição de livros. Como resultado, temos a apresentação da EUDEBA como um projeto cultural complexo, marcado por negociações, contradições e, sobretudo, pela construção de representações acerca de seu trabalho editorial que serviram aos mais diversos interesses ideológicos.

Palavras-chave: História, História da Argentina, EUDEBA, Peronismo, História do Livro.

ABSTRACT

ROMERO, Caio Henrique Vicente. **Política e edição de livros na Argentina: EUDEBA entre 1958 e 1974**. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This dissertation aims to analyze part of the trajectory of *Editorial Universitaria de Buenos Aires* (EUDEBA), an important Argentine book publisher linked to the *Universidad de Buenos Aires* (UBA). EUDEBA was created in 1958 and remains active. Our period, here, starts from 1958 and runs until 1974. During that period, the publisher went through several administrations and had to negotiate with the various political administrations that occupied the highest positions of the Nation and of the UBA. By studying historical sources of various types, we aim to shed light on the relations established between the publisher and its cultural and political environment throughout the troubled 20th century in Argentina.

The research was carried out based on two central questions: how could the EUDEBA editorial project be started and developed? How did the political context in Argentina and Latin America during the 1960s and 1970s affect the company's editorial work? Such questions were analyzed using a methodology that privileged the junction between the perspectives of political history and the history of book publishing. As a result, we have an overview of EUDEBA as a complex cultural project, marked by negotiations, contradictions and, above all, by the construction of representations about its editorial work that served the most diverse ideological interests.

Keywords: History, History of Argentina, EUDEBA, Peronism, Book History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 – A CONSTRUÇÃO DA EUDEBA E OS “AÑOS SESENTAS” NA ARGENTINA: INTELECTUAIS, CULTURA E EDIÇÃO DE LIVROS.....	19
2 – ARGENTINA, AS MÚLTIPLAS “REVOLUÇÕES” DOS “AÑOS SESENTAS” E A EUDEBA (1958-1966)	58
3 – OS VIOLENTOS ANOS 1970 E A EUDEBA (1966-1973).....	85
4 – “EUDEBA NO ES UNA ISLA”: A BREVE EXPERIÊNCIA DA ESQUERDA PERONISTA (1973-1974).....	108
EPÍLOGO	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
ANEXO 1: CONVERSAS COM SUSANA ZANETTI (IN MEMORIAM).....	155
ANEXO 2: ILUSTRAÇÕES DE JUAN CARLOS CASTAGNINO PARA <i>MARTÍN FIERRO</i>	160

Introdução

Esta dissertação tem por objetivo analisar parte da trajetória da *Editorial Universitaria de Buenos Aires* (EUDEBA), uma importante editora de livros argentina ligada à *Universidad de Buenos Aires* (UBA). A EUDEBA foi criada em 1958 e permanece ativa. Nosso recorte temporal, aqui, parte de 1958 e vai até o ano de 1974. Nesse período, a editora passou por várias administrações e teve de dialogar e negociar com as diversas gestões políticas que ocuparam – *de facto* ou de direito – os mais altos cargos da Nação e da UBA. Por meio do estudo de fontes históricas de diversos tipos, temos por objetivo lançar luz às relações estabelecidas entre a editora e seu entorno cultural e político ao longo do conturbado século XX argentino.

O estudo de tais relações partirá de duas questões centrais. Em primeiro lugar, tentaremos compreender as diretrizes gerais que pautaram a criação da editora e sua concretização em termos práticos dentro do cotidiano do trabalho editorial. Tal preocupação justifica-se pelo fato de que a editora foi organizada em um período de forte tensão política e cultural na Argentina, incorporando-se a um projeto de universidade que visava à desperonização de seus meios acadêmicos e, ao fim e ao cabo, do país. Desse modo, analisaremos de que maneira tais pressupostos impulsionaram o projeto de elaboração da EUDEBA. Projeto, esse, montado por um importante personagem do mercado editorial latino-americano, Arnaldo Orfila Reynal, à época diretor da editora *Fondo de Cultura Económica* do México. Suas concepções acerca da edição de livros e do modelo de operações da nova empresa estão registradas em um estudo que elaborou para balizar sua construção.

Orfila Reynal planejou uma estrutura editorial que permitisse à empresa transcender os limites do labor universitário – e os muros da própria universidade –, buscando difundir seus livros a um número expressivo de leitores por meio de coleções diversificadas, a partir da elaboração de estratégias de distribuição e venda, preços acessíveis e exemplares graficamente atrativos. Desse modo, a EUDEBA poderia difundir a cultura letrada a um número maior de pessoas – criando, inclusive, novos leitores – e colaborar na tarefa de construção de um novo cenário cultural “pós-peronista”. Assim, analisar de que maneira tal projeto pôde ser concretizado nos caminhos percorridos pela editora, bem como estudar suas consequências e as negociações e adaptações que foram feitas ao longo do tempo são as principais preocupações da primeira questão que enfrentaremos.

O recorte temporal adotado nesta pesquisa (1958-1974) compreende um período da história argentina marcado por tensões e polifonias em diversos aspectos da vida social, econômica e política. A uma tentativa de “desperonização” do país implantada pelo governo da

autointitulada “Revolução Libertadora” – que derrubou o presidente Juan Domingo Perón em 1955 –, seguiram-se diversos episódios de embate e negociação entre atores políticos dos mais variados matizes – da esquerda revolucionária à direita de inspiração fascista, passando, é claro, pelas mutações e adaptações ocorridas dentro do peronismo. Tais oscilações impactaram as ações da militância política e as políticas governamentais. O apogeu das tensões se deu no ano de 1973, quando, após dezoito anos de exílio, Perón voltou ao país e o peronismo passou novamente a chefiar o Executivo nacional. As disputas internas do peronismo – marcadamente entre os grupos peronistas de esquerda e de direita – e o fortalecimento, nos setores médios da sociedade, da defesa de uma intervenção militar que acabasse com a ação das guerrilhas e com a violência social no país deram a tônica de uma situação de tensionamento que, a despeito do esforço dos setores conservadores do peronismo em pautar o governo após sua morte (ocorrida em julho de 1974), teve seu trágico desfecho no golpe de Estado perpetrado pelas Forças Armadas em 1976.

Aqui, chegamos à nossa segunda questão. Investigaremos de que maneira a história política da Argentina no período em questão penetrou a atuação da EUDEBA e por que caminhos isso pode ter ocorrido. Assim, interessa-nos entender os limites que a ligação da editora com o campo político – a UBA é uma instituição subordinada ao poder Executivo nacional – pode ter imposto à construção e execução de seu projeto editorial. Da mesma maneira, analisaremos os meandros da atuação da EUDEBA com o objetivo de vislumbrar os caminhos pelos quais a editora negociou e assumiu uma postura ativa no sentido de rejeitar ou endossar determinações vindas dos ocupantes dos cargos de poder do país e da universidade. Afinal, as equipes que conduziram os trabalhos da editora durante o período em questão também apresentaram diferentes orientações ideológicas. Do progressismo antiperonista protagonizado pela gestão de José Boris Spivacow – a primeira, vigente de 1958 a 1966 – ao peronismo de esquerda da gestão de Arturo Jauretche – a última em nosso recorte, encerrada em setembro de 1974 –, a atuação editorial da EUDEBA foi pautada por diversas formas de compreensão da realidade e do papel de uma editora universitária.

Ressaltamos a importância de buscar uma melhor compreensão das maneiras pelas quais o trabalho editorial se relaciona com o contexto histórico e político em que se insere. Nosso trabalho pretende observar a EUDEBA como um projeto cultural complexo, permeado por incongruências e contradições, e compreender de que maneira sua execução dialoga com os processos políticos e históricos pelos quais passava a Argentina e o continente americano no período.

Tais eixos de trabalho coadunam-se com uma compreensão da história da edição de livros que almeja analisar de maneira integrada os aspectos materiais e políticos de tal mister. Ao estudar a história da edição de livros, corre-se o risco de focar demasiadamente um dos lados da questão: ora enfatiza-se demais o aspecto material das edições – escolha dos papéis, opções gráficas, tamanho da mancha textual, tipografia, elementos paratextuais, formato dos livros, entre outros aspectos –, ora enfatiza-se demais o contexto político em que determinado projeto editorial transcorre.

Donald Francis McKenzie foi um intelectual neozelandês que contribuiu com o aprimoramento do campo de pesquisa da história da edição de livros. Em 1986, foi editada uma série de palestras por ele ministradas sobre o tema da análise textual. Ao livro, chamou-se *Bibliografia e Sociologia dos textos*.¹ McKenzie defendia a análise textual como forma de análise social. Para a Bibliografia, disciplina que, até então, dedicava-se ao trabalho de descrever e catalogar os textos produzidos ao longo da história, deveria transformar-se em uma Sociologia dos textos. Dessa forma, passar-se-ia a entender os textos, bem como seus suportes – seja nos livros, seja fora deles – como formas expressivas socialmente construídas. Os aspectos materiais, para além de serem dignos de registro e descrição, deveriam ser analisados como parte da construção social dos textos. Afirmou McKenzie:

Quaisquer que sejam suas metamorfoses, as diferentes formas físicas de qualquer texto, e as intenções às quais eles servem são relativas a tempo, lugar e pessoa específicos. Isto só é um problema se quisermos que o significado seja absoluto e imutável. Na verdade, mudança e adaptação são condições de sobrevivência, tanto quanto a aplicação criativa dos textos é uma condição para que sejam lidos.²

As formas materiais dos textos e dos livros configurariam construções e, como tal, contribuiriam para que as obras adquirissem sentido. A edição de livros corresponderia a uma das muitas formas de representação da realidade, servindo também para que agentes sociais pudessem elaborar estratégias de intervenção social por meio do trabalho cultural.

As representações sociais construídas por meio de projetos editoriais dialogam com o contexto histórico e político do tempo e espaço em que se inserem e são veiculadas. Como formas de expressar diferentes visões acerca do mundo social, as representações são fortemente determinadas pelos interesses e pelas intenções dos grupos políticos que as produzem. Assim, argumenta Roger Chartier:

¹ MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

² Idem, ibidem, pp. 83-84.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.³

Entendida dessa maneira, a edição de livros ganha força como objeto de análise histórica, permitindo o estudo dos embates políticos e sociais ocorridos no contexto histórico analisado, uma vez que as lutas sociais também ocorrem no campo das representações, onde, como afirma Chartier, “o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social”.⁴ Nas lutas pelas representações, ocorrem diferentes práticas e estratégias de apropriação de discursos e ideais, tornando ainda mais complexos os processos históricos e políticos em que se localizam.⁵

Podemos tomar como exemplo de tal perspectiva a abordagem adotada por Gustavo Sorá para estudar a trajetória do editor brasileiro José Olympio, iniciada nos anos 1930. Em seu livro *Brasilianas*, Sorá caracteriza diversos aspectos de sua atuação editorial, entre eles as complexas relações tecidas por Olympio com atores políticos e culturais. Essa rede, construída pelo editor desde antes de sua inserção no mercado editorial, teve papel primordial em seu sucesso empresarial e em seu posicionamento em meio à batalha política travada no Brasil durante o Estado Novo varguista. Em um contexto político de extrema polarização ideológica, a repressão à cultura – em especial aos autores de livros comunistas e/ou que se opunham a Getúlio Vargas – foi brutal. Nesse ponto, entra a atuação do editor. José Olympio, por meio do exercício de sua influência social e de sua rede de contatos, defendeu, muitas vezes contrariando interesses governamentais, várias demandas de seus autores – acusados de subversão em diversos momentos –, sem, no entanto, perder as boas relações que possuía com o campo do poder. Por meio de suas intervenções, livros de autores como Graciliano Ramos e Jorge Amado continuaram a ser publicados – apesar destes serem conhecidos opositores do regime getulista –, aumentando seu prestígio pessoal e também o da editora. Ao mesmo tempo, em 1941, José Olympio publicaria o livro *A Nova Política do Brasil*, de ninguém menos que Getúlio Vargas. Tratava-se, de acordo com Sorá, de uma estratégia de “negociações e concessões por etapas; de um estado da vida social, cultural e política difuso, repleto de contradições, impossível de se compreender mediante categorias normativas, como a cooptação [...] ou a rebeldia”.⁶

³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 23.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 27.

⁶ SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 243.

A atuação editorial de José Olympio foi pautada pela tentativa de criar uma representação da editora como um espaço relativamente “neutro” por meio de ações editoriais – organização de coleções, venda massiva de exemplares, publicação de livros de diferentes matizes ideológicos – que constituíam, nas palavras de Sorá, a “matriz prática de uma conduta ‘desinteressada’”.⁷ Tal representação, construída em meio a um contexto político marcado por embates entre grupos que se consideravam inimigos inconciliáveis e por uma forte repressão estatal, permitiu a José Olympio continuar editando, vendendo e seguindo seu projeto editorial. Como consequência dessa estratégia, cristalizou-se a imagem da editora como uma “casa”, conferindo ainda mais poderes a seu dono, como explica Sorá:

Abrigados pelo editor, e seguros em sua livraria, os escritores começaram a se sentir em casa. As possibilidades de enunciação dessa metáfora remetem a um conjunto de fatores que excede o impacto direto da repressão. (...) A repressão política, outras lutas de legitimação, diferentes condições materiais do trabalho editorial, passaram e se sucederam, enquanto a palavra casa cristalizou um tipo particular de vínculo entre certos escritores, o editor e suas famílias.⁸

A edição de livros, assim, pode ser estudada com mais proveito se considerarmos adequadamente os diversos aspectos que a envolvem: estratégias editoriais, relações sociais, condições materiais, contexto histórico e político, representações em construção. Essa perspectiva torna ainda mais rico o enlace entre a história dos livros e a história política e foi adotada em diversos trabalhos sobre a história dos livros e da edição. Ressaltaremos aqui os estudos de Robert Darnton sobre a cultura editorial europeia, em especial o já clássico *O beijo de Lamourette*⁹ e o recente *Censores em ação*¹⁰; de José Luis De Diego, sobre a história da edição de livros na Argentina, as obras *La otra cara de Jano*¹¹ e *Los autores no escriben libros*¹², além de outra obra de Gustavo Sorá sobre a história da edição de livros na América Latina: *Editar desde la izquierda en América Latina*.¹³

⁷ SORÁ, Gustavo. *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 228.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 244.

⁹ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁰ DARNTON, Robert. *Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹¹ DE DIEGO, José Luis. *La otra cara de Jano: una mirada crítica sobre el libro y la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2015.

¹² DE DIEGO, José Luis. *Los autores no escriben libros: nuevos aportes a la historia de la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2019.

¹³ SORÁ, Gustavo. *Editar desde la izquierda en América Latina: la agitada historia del Fondo de Cultura Económica y de Siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017.

Esta dissertação começou a ser gestada após o término de nossa pesquisa de Iniciação Científica, materializada em artigo publicado na Revista Eletrônica da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC).¹⁴ Ali, ao investigar a trajetória de José Boris Spivacow, o primeiro Gerente Geral da EUDEBA, surgiram diversas questões acerca dessa empreitada editorial. A partir desse momento, elaboramos o projeto de pesquisa do Mestrado e iniciamos a leitura de trabalhos historiográficos e teóricos, bem como a busca por fontes. Inicialmente, o plano de voo da dissertação previa um recorte temporal mais modesto: o período “fundacional” da editora, entre 1958 e 1966. Entretanto, desvios de rota foram necessários.

Em viagem de pesquisa à Argentina, fomos aos arquivos em busca de fontes. As principais entre elas, as Atas das reuniões do Diretório da EUDEBA, estavam todas disponíveis no próprio arquivo da editora. Além disso, no mesmo arquivo, havia documentos esparsos, como algumas ações pertencentes aos primeiros acionistas privados da empresa e os originais de um dos documentos mais importantes e menos analisados da editora: o Informe confeccionado por Arnaldo Orfila Reynal para balizar sua construção. Por sua vez, a Biblioteca Nacional Mariano Moreno guardava um imenso acervo sobre a EUDEBA, composto por documentos diversos, como Informes, Balanços anuais, recortes de jornais, anotações de Spivacow, fichas de admissão de funcionários e os livros publicados pela editora. Já no Arquivo Central da UBA, encontramos diversos exemplares de um boletim informativo da universidade, que foram de suma importância para algumas das descobertas da pesquisa. Voltando ao arquivo da Biblioteca Nacional, entretanto, deparamo-nos com um fundo arquivístico que não estava no horizonte: o fundo Rogelio García Lupo, Gerente Geral da editora nos anos do segundo peronismo (1973-1974). Nesse fundo, havia uma pasta contendo apenas documentos relativos à EUDEBA: cartas, bilhetes com mensagens afetuosas, bilhetes com mensagens ameaçadoras, recortes de jornais e anotações diversas. Ali desenhou-se a mais significativa alteração de rota do projeto: a ampliação do recorte temporal até 1974, ano em que foi encerrada a trajetória de García Lupo na editora. Naqueles documentos, a política gritava.

Os próximos e longos passos foram dedicados à análise das fontes. Nesse processo, pautou-nos a busca pelas brechas por meio das quais a política poderia ter-se infiltrado no processo editorial da EUDEBA. Não obstante, não nos descuidamos do aspecto material dos documentos, em especial dos exemplares de livros analisados, e de sua relação com as

¹⁴ ROMERO, Caio. José Boris Spivacow: trajetória. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 12, pp. 143-175, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1334/1205>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

representações que o projeto editorial da empresa buscava construir. Desse trabalho, foram confeccionados os capítulos a seguir, que descreveremos resumidamente.

No Capítulo 1, analisaremos o plano editorial feito por Arnaldo Orfila Reynal para a EUDEBA, buscando entender quais eram seus objetivos e de que maneira estes dialogavam com as ideias do grupo reformista que controlava a UBA naquele momento. Além disso, estudaremos as estratégias e práticas utilizadas pela equipe de José Boris Spivacow para iniciar e consolidar o trabalho editorial da EUDEBA, tentando apreender os elos que as conectam ao plano de Orfila Reynal e ao projeto pós-peronista da universidade.

Provocada por um golpe de Estado que possuía, entre outros interesses, a intenção de acabar com o comunismo na Argentina e perseguir a intelectualidade de esquerda, a renúncia de Spivacow e sua equipe, em 1966, é o ponto de partida e, ao mesmo tempo, de chegada do Capítulo 2. Nele, analisaremos de que maneira a trajetória da EUDEBA durante a gestão de José Boris Spivacow inseriu-se e dialogou com um contexto histórico marcado pela insígnia das “revoluções” (à esquerda e à direita).

No Capítulo 3, estudaremos de que maneira a violência social crescente na Argentina penetrou no trabalho cotidiano da EUDEBA durante o período que sucedeu o golpe de 1966. Marcado pela formação das guerrilhas, pelos protestos sociais e pelos atentados violentos, o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 foi um período de tensionamento extremo para a sociedade argentina. A editora não ficou imune a isso.

Tampouco ficou imune ao giro histórico ocorrido com a volta de Perón ao país e do peronismo ao poder, em 1973. É esse o marco temporal que abre o Capítulo 4, que analisará as práticas da editora durante o curto período do peronismo no poder, entre 1973 e 1974.

1. A construção da EUDEBA e os “*años sesentas*” na Argentina: intelectuais, cultura e edição de livros

Na Argentina, os “*años sesentas*” começaram em 1955. Essa afirmação categórica carrega significados velados. O golpe de Estado que tirou Juan Domingo Perón do poder em 16 de setembro de 1955 é um marco temporal da trajetória política argentina. Tal acontecimento transcendeu, entretanto, a esfera política, influenciando e até mesmo pautando diversos processos de transformação social e cultural ocorridos nos anos vindouros. Um desses processos foi a disputa ideológica pela construção de uma cultura “pós-peronista”.

O fenômeno peronista – bem como a queda do primeiro governo de Perón – está longe de ser objeto de análise simples. De maneira sintética, podemos afirmar que a derrubada do mandatário argentino em 1955 se deu por meio de uma conjunção de forças opositoras extremamente heterogênea. De conservadores a anarquistas, passando por socialistas, comunistas e liberais (progressistas ou não), todos os que comemoraram sua queda poderiam agora lutar por protagonismo e espaço em diversas esferas de atuação. Entre elas, a esfera cultural.¹⁵

Nesse contexto, a atuação dos intelectuais argentinos será muito importante, uma vez que terão a possibilidade de assumir protagonismos em prol de sua visão de mundo e, também, de trabalhar por sua inserção – e a de seus grupos e círculos intelectuais – em um campo de ação e legitimação que era consideravelmente permeável. Em seu livro *Intelectuales y poder en Argentina – la década del sesenta*,¹⁶ Silvia Sigal analisa as motivações e estratégias de diversos grupos intelectuais atuantes na Argentina dos “*años sesentas*”. Entre os diferentes argumentos sustentados por Sigal em sua tentativa de compreender os caminhos percorridos pelos intelectuais argentinos do período, encontra-se um que nos parece essencial mencionar neste ponto: a “disponibilidade ideológica”.¹⁷ Em poucas palavras, esta seria uma espécie de disposição dos intelectuais do período para receber conjuntos de ideias diferentes das que consideravam tradicionais e refletir acerca de modos de ação também distintos dos usuais. Isso teria ocorrido porque, durante anos, a identidade desses intelectuais havia sido construída sob a égide de Perón, entre as fluidas categorias do peronismo e do antiperonismo. No período

¹⁵ Consideramos importante ressaltar que nessa disputa também tomarão parte aqueles que não comemoraram a deposição de Perón, ou seja, seus apoiadores.

¹⁶ SIGAL, Silvia. *Intelectuales y política en Argentina: la década del sesenta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 34.

imediatamente posterior à queda do presidente, diversos grupos intelectuais se abriram a influências distintas em seu trabalho de busca por protagonismo na esfera pública argentina.

Neste capítulo, trataremos das estratégias utilizadas por intelectuais majoritariamente antiperonistas e ligados a perspectivas ideológicas de esquerda para levar a cabo um projeto cultural de grande importância para a Argentina dos “*años sesentas*”. Tal projeto foi a criação da EUDEBA – Editorial Universitaria de Buenos Aires –, que iniciou suas atividades no ano de 1958. Nosso objetivo é analisar de que maneira esse projeto, em sua fase inicial (1958 a 1966), inseriu-se nos debates e embates culturais que marcaram os “*años sesentas*”, constituindo uma empreitada editorial que, posteriormente, viria a tornar-se paradigmática no panorama da História do Livro na Argentina.

Antes de adentrarmos os corredores e salas que abrigaram as primeiras deliberações acerca da criação da EUDEBA, consideramos válido sobrevoar o contexto político que permeou o período. O tom geral dos governos formados após a derrubada de Perón pode ser sintetizado em duas palavras: desperonização e modernização. O discurso construído nos gabinetes e nas declarações de membros do governo à imprensa afirmava que o período de “atraso” representado pelo peronismo havia acabado e que a modernização que levaria ao desenvolvimento do país estava apenas começando.

Nesse sentido, o primeiro presidente eleito pós-golpe, Arturo Frondizi, adotou um discurso que mesclava propostas de mudança e tentativas de conciliação. Visava, assim, ganhar apoio e acalmar os ânimos de grupos políticos que passariam a disputar protagonismo em um cenário em que, oficialmente, o peronismo estava proibido. Apenas oficialmente: os grupos peronistas se organizaram de maneira clandestina e, por meio de seus “delegados”, o antigo líder popular organizava seus fiéis partidários mesmo encontrando-se exilado.¹⁸

Tanto Frondizi quanto seu sucessor, o casualmente homônimo Arturo Illia, buscaram a conciliação com os interesses antiperonistas – marcadamente representados pelas ideias liberais, à direita, e pelas ideias socialistas, à esquerda – e com os “ilegais” interesses peronistas – representados majoritariamente pelos grupos populares e sindicais de apoio ao ex-presidente,

¹⁸ O mais importante desses delegados foi John William Cooke, que articulou as principais negociações ocorridas entre Perón e o governo após 1955, bem como diversas negociações entre o líder exilado e lideranças sindicais. Sobre a atuação de Cooke nos primeiros tempos do exílio de Perón e as estratégias de atuação dos sindicatos argentinos no mesmo período, ver: JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, pp. 107-125.

que ancoravam seus anseios no término de sua proscrição. Frondizi e Illia foram retirados do poder por golpes militares.

Os intelectuais de esquerda engajaram-se em pensar estratégias para auxiliar no desenvolvimento nacional. Apoiaram, em sua maioria, uma aliança com Arturo Frondizi – visto como intelectual progressista –, para que fosse eleito e organizasse as reformas progressistas de que julgavam necessitar a Argentina. A eleição ocorreu, mas a lua de mel durou pouco. Atitudes e acordos do então presidente – notadamente a autorização da exploração estrangeira do petróleo e a autorização da exploração de universidades pela iniciativa privada – provocaram iradas reações nos meios intelectuais. Um dos periódicos à esquerda que circulavam à época, *Propósitos*, por meio de um texto de capa de seu editor, Leónidas Barletta, definiu assim a sua insatisfação com as atitudes do então presidente:

*Hasta ahora el presidente se ha mostrado fuerte con la población inerte. Ha agrietado a su partido y corroído el prestigio de quienes se embarcaron en tan extraña aventura levantando este inocente estandarte: “Un paso atrás, para dar el gran salto”. Hemos retrocedido tanto que por grande que sea el salto, siempre caeremos “atrás”. A los correligionarios que están ubicados o tienen la esperanza de acomodarse, no les importa que gobierne Frigerio o Alsogaray o Perón y van a llevar su adhesión al refugio de Olivos. Los más delicados renuncian. El primer golpe se lo dio el Dr. Frondizi a sí mismo. Ahora se lo dan los que lo acorralan a chorritos.*¹⁹

Barletta sintetiza um certo espírito geral das esquerdas – nesse caso, políticas e intelectuais – em relação a Frondizi e à subida ao poder por meio de uma aliança com políticos conciliadores, moderados, que dariam “um passo atrás” para depois efetuar um “grande salto”. O golpe “*a chorritos*”, que tomaremos a liberdade de traduzir aqui como golpe a “conta-gotas”, prenunciado por Barletta transbordaria o copo da política argentina em março de 1962, quando militares retiraram Arturo Frondizi do poder, acusando-o de conivência com o peronismo e inépcia administrativa.

A intelectualidade argentina não estava imune às negociações e aos acirrados embates que ocorriam na política. Em suas entranhas, ocorriam também disputas e acomodações que influenciavam o transcorrer do processo político, da mesma forma que por ele eram influenciadas. Neste cenário, uma das inúmeras questões que se impunham era qual seria o papel do intelectual perante um mundo em transformação.

O importante pensador Oscar Terán escreveu um livro essencial para a compreensão do período – é dele, inclusive, a expressão “*años sesentas*”, da qual nos apropriamos. Em *Nuestros*

¹⁹ BARLETTA, Leónidas. El golpe a chorritos. *Propósitos*. 20 de maio de 1959.

años sesentas, Terán analisa os percursos teóricos de alguns dos principais intelectuais de esquerda da Argentina entre 1955 e 1960.²⁰ Para ele, a tensão que marca a entrada desses intelectuais no período se dá, principalmente, entre os que denominarei “acadêmicos” e os que Terán denomina “críticos”.

A primeira categoria seria composta por intelectuais mais ligados à estrutura burocrática e institucional das universidades e órgãos de produção e difusão cultural. Seriam, assim, intelectuais não tão preocupados com o conhecimento “para”, mas com o conhecimento “em si”. A segunda categoria, por sua vez, seria composta por intelectuais mais à esquerda, que considerariam, de maneira geral, que a função do intelectual em uma sociedade está necessariamente associada ao seu compromisso com a denúncia das opressões e da desigualdade social. De acordo com essa perspectiva, baseada no conceito de *compromisso* tal qual cunhado por Jean-Paul Sartre e em suas derivações, as pesquisas e os textos produzidos pelos pensadores e cientistas deveriam dialogar diretamente com a realidade social e contribuir para transformá-la. No início dos “*sesentas*” argentinos, o compromisso era enxergado de maneira mais flexível, permitindo que o intelectual dissociasse o conteúdo crítico de seus textos de sua ação política prática. Com o passar do tempo, entretanto, o engajamento dos intelectuais com o posicionamento político à esquerda seria cada vez mais cobrado. José Luis de Diego, em artigo sobre as esquerdas e os intelectuais na Argentina dos anos 1960 e 1970, dá um exemplo de tal cobrança ao mencionar as avaliações críticas feitas dos autores e das obras do *boom* da literatura latino-americana. De acordo com o autor,

Por momentos, se afirma que sus novelas resultan lúcidos aportes al proceso revolucionario mientras los autores lo miran desde sus cómodos sillones de la rive gauche (las obras están a la “izquierda” de los autores); por momentos, se afirma que el compromiso de los autores en favor de Cuba o Chile resulta ejemplar, pero sus obras, experimentales y herméticas, están alejadas de las urgencias que ese proceso revolucionario reclama (los autores están “a la izquierda” de sus obras).²¹

Compromissados ou não, os intelectuais argentinos do período invariavelmente partiam de um mesmo ponto para tratar da situação nacional: o *hecho peronista*, como enuncia Carlos Altamirano.²² Afinal, Perón estava exilado e o peronismo estava proibido, mas os grupos peronistas e suas ideias não paravam de se propagar pela sociedade – em especial entre as camadas populares. Como se posicionar diante disso? As esquerdas e os intelectuais ligados às

²⁰ TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

²¹ DIEGO, José Luis de. Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975). In: *La otra cara de Jano: una mirada crítica sobre el libro y la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2015, p. 325.

²² ALTAMIRANO, Carlos. *Peronismo y cultura de izquierda*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, p. 19.

ideias de esquerda passarão a trilhar caminhos cada vez mais divergentes. Enquanto parte da militância e dos pensadores se baseava em uma interpretação mais ortodoxa – que passou a enxergar o peronismo como uma etapa necessária e passageira na revolução argentina –, os estudantes se abriam para outras vertentes e interpretações e buscavam voz nessas disputas. Além disso, parte dos intelectuais reelaborou seu pensamento acerca do peronismo. Se, como já observamos, tal movimento fora proibido, Perón estava no exterior e, não obstante, suas ideias continuavam sendo fortes entre as camadas populares, talvez fosse adequado repensar determinados posicionamentos acerca delas.

Os intelectuais reivindicarão o papel de debatedores da realidade nacional por meio da razão, da pesquisa. Esses debates ocorrerão nos cafés, nas ruas, nas casas e, também, nos corredores universitários. O historiador Tulio Halperín Donghi afirma, em *Historia de la Universidad de Buenos Aires*, que o processo de derrubada de Perón

*contó con el apoyo activo – que implicaba a la vez planteamiento de firmes exigencias – de los grupos que dentro de la institución habían manifestado más sinceras y profundas aspiraciones renovadoras, y en primer término del movimiento estudiantil.*²³

Dessa forma, uma série de grupos pertencentes à UBA esforçou-se para fazer valer seus pressupostos em um processo que Donghi nomeou “*reconstrucción universitaria*”. Durante o período peronista, a *Federación Universitaria de Buenos Aires* (FUBA) destacou-se por sua oposição a medidas que visavam diminuir a autonomia universitária e minar os recursos e a importância da universidade; agora, participaria ativamente do processo de reordenação que se iniciava.

Não é por outro motivo que, no dia 23 de setembro de 1955, uma semana após a derrubada de Perón pelas forças militares, os estudantes ocuparam a reitoria da UBA, localizada na Rua Viamonte, número 444, e estabeleceram que a condução da universidade seria entregue a uma junta dirigida pela presidenta da FUBA, Amanda Toubes, e pelo secretário da FUBA, Alberto Gellón, estudantes da Faculdade de Filosofia e Letras e da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais, respectivamente.²⁴ Em pouco mais de uma semana na gestão universitária, empreenderam diversas mudanças, como a reintegração de estudantes que haviam sido expulsos, o encerramento dos cursos de formação política, ideologicamente conduzidos pela administração peronista, e o fim da exigência de um certificado de boa conduta – oferecido pela

²³ DONGHI, Tulio Halperín. *Historia de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Libros del Rojas [EUDEBA], 2012, p. 159.

²⁴ CUCCHI, Rubén J. *Los años del decanato de José Babini*. Buenos Aires: EUDEBA, 2016, p. 15.

polícia – para que os alunos ingressassem na universidade.²⁵ Alguns trechos de um informe da FUBA publicado na primeira quinzena de outubro de 1955 são extremamente reveladores acerca da ação estudantil nesse contexto:

El Gobierno de la Universidad quedó formado por la Mesa Directiva de la Junta Representativa de la FUBA y dos delegados por cada gobierno de facultad. Por resolución del gobierno de la Universidad, el 27 de septiembre a las 17.30 se realizó en el Aula Magna de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, una clase inaugural a cargo del Dr. José Luis Romero sobre el tema “La cultura argentina y la universidad”. En dicha clase, que tuvo carácter de homenaje a los profesores expulsados desde 1943, hablaron los siguientes oradores: Sra. Amanda Toubes, Presidente de FUBA; Ing. Ludovico Ivanisevich Machado y Dr. Juan Ovidio Zabala.²⁶

Como se nota, os estudantes procuraram colocar-se à frente de um processo de reorganização da administração e do funcionamento da universidade, emparelhando-se aos professores. Estes ocupavam um lugar hierárquico, ao menos segundo a declaração da FUBA, equivalente ao dos estudantes, que estão representados na mesa da aula inaugural pela presidenta de sua federação, Amanda Toubes. Além de renegar o peronismo por meio da homenagem aos professores expulsos desde 1943, os estudantes e os professores que participaram da aula inaugural buscavam afirmar-se como conhecedores do panorama cultural da Argentina e inserir a universidade como importante personagem no debate acerca do tema. No mesmo documento, afirma-se:

Durante el Gobierno provisorio de la Universidad los estudiantes impidieron el acceso a las aulas a los profesores indignos, dejando sentado públicamente que los alumnos no permitirán que esos profesores retornen a la Universidad. Por otra parte, en algunas Facultades, se dispuso la puesta en comisión de todo el personal docente hasta tanto se efectúen las investigaciones correspondientes sobre las condiciones éticas del mismo y sobre la validez de los concursos y nombramientos por que accedieron a la vida universitaria. En la facultad de Filosofía y Letras, por ejemplo, se decidió el llamado general a concurso para todas las cátedras. En una reunión de prensa del día 29, el Ministro de Educación, expresó que estaba agradecido por la correcta actitud de los estudiantes.²⁷

O governo autoatribuído dos estudantes cuidou de expurgar – definitiva ou provisoriamente – os professores considerados “indignos” de seus cargos, indicando que cada

²⁵ Tais mudanças foram empreendidas pela *Junta Representativa de FUBA* e pelas *Juntas Directivas Provisionales* e, posteriormente, ratificadas pelas autoridades interventoras nomeadas pelo governo. Documentos citados por CUCCHI, Rubén J. *Los años del decanato de José Babini*. Buenos Aires: EUDEBA, 2016, pp. 15-17.

²⁶ *Boletín de los centros de estudiantes del Doctorado en Química del Doctorado en Ciencias Naturales y de la Comisión de Doctorados del CEI afiliados a FUBA*. 1ª quinzena de outubro de 1955, p. 5. Documento reproduzido em CUCCHI, *ibidem*, p. 75.

²⁷ CUCCHI, *ibidem*, p. 75.

faculdade definiria o método de seleção de novos docentes. No caso, a Faculdade de Filosofia e Letras escolheu o método do concurso, o que é reportado pelo informe. O informe se encerra com a asseveração de que o Ministro da Educação, autoridade constituída, agradecera a correta atitude dos estudantes. A menção à fala do ministro soa estranha, à primeira vista, por constar de um documento que inicia seu discurso ressaltando o caráter autônomo e diligente do corpo estudantil. Por que, então, seria necessário terminar recorrendo à autoridade das palavras do senhor Ministro? Tal recurso, provavelmente, visava a legitimar a atitude dos estudantes da FUBA ante o conjunto da universidade, pois, como é possível notar pelo texto, as práticas dos estudantes nesse período tão conturbado estão longe de ser unânimes. Dessa forma, a autoridade funcionava como legitimação de uma ação estudantil que tencionava afirmar o poder de participação dessa parcela da universidade nas decisões presentes e vindouras.

Em 29 de setembro de 1955, o historiador José Luis Romero foi escolhido como interventor da UBA pelo Ministro da Educação do governo provisório – Atilio dell’Oro Maini – a partir de uma lista tríplice elaborada pela FUBA. Além de Romero, a lista continha os nomes dos professores Vicente Fatone e José Babini.²⁸

As diretrizes gerais defendidas pela maior parte dos setores universitários remontavam aos princípios gerais da paradigmática Reforma Universitária de 1918, em especial no que dizia respeito à defesa da autonomia universitária, do caráter laico do ensino e da gestão democrática da universidade. Em seu período à frente da reitoria, José Luis Romero defendeu o fim da estrutura de cátedras e a instauração de ciclos básicos nas diferentes faculdades – medidas que foram adotadas posteriormente. O processo de reorganização da UBA, entretanto, não se deu de maneira linear ou pacífica. Em 1956, Romero renunciou a seu cargo em protesto contra um decreto presidencial que autorizava a criação indiscriminada de universidades privadas e confessionais. Tal decreto provocou reações indignadas do movimento estudantil e dos professores de diversas universidades argentinas, levando à demissão de Atilio Dell’Oro Maini e ao adiamento da implantação da lei. Alguns governos depois, as linhas gerais do decreto foram aprovadas e implantadas, mas tais fatos demonstram o poder de pressão e participação política dos agentes universitários no contexto analisado.

Após a convocação de uma assembleia estatuinte e a realização de longos debates, aprovou-se um novo estatuto para a UBA. Em termos amplos, o estatuto retomava os ideais de

²⁸ José Babini foi um importante personagem do processo de reorganização da UBA. Além de ocupar a direção da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais, foi um intelectual que defendeu a manutenção da liberdade de cátedra e os princípios republicanos na escolha dos professores que atuariam na universidade. Por fim, vale ressaltar que foi um dos membros do primeiro Diretório da EUDEBA.

autonomia universitária e gestão democrática defendidos na Reforma Universitária de 1918. No entanto, a estrutura de poder na universidade não se tornou totalmente paritária – o voto dos professores ainda valia mais do que o das outras categorias universitárias. Foi eleito um novo reitor: o professor da Faculdade de Filosofia e Letras, Risieri Frondizi.²⁹

Assumindo-se como reformista e reorganizador, o reitorado de Frondizi adotou práticas de inserção da universidade na sociedade argentina. Criou, por exemplo, o Departamento de Extensão Universitária, responsável por realizar eventos, palestras e cursos dedicados a atrair o público não acadêmico para a universidade. Além disso, foram criados a associação e os seminários para graduados, visando manter o vínculo entre a universidade e seus egressos.

De certa forma, a UBA assumiu então a intenção de recolocar a instituição universitária no centro dos debates intelectuais, aproximando-se da descrição feita por Carlos Altamirano de uma das características das universidades contemporâneas:

*En nuestra época la universidad, entendida como núcleo del sistema de enseñanza superior, es el centro productor de las profesiones de donde se recluta la enorme mayoría de aquellos que desempeñan en el espacio público el papel de intelectuales, sean médicos o enseñantes, sociólogos o abogados, biólogos o lingüistas, críticos literarios o historiadores, arquitectos o filósofos.*³⁰

A ação dos meios universitários e intelectuais, no sentido da retomada de seu protagonismo, pode ser mais bem compreendida se lembrarmos que, durante os anos de Perón, as universidades argentinas haviam sofrido duros golpes que visavam a diminuir sua autonomia e afastá-las da política. A oposição majoritária do meio universitário ao peronismo, manifestada com veemência em diversos momentos, sobretudo nas eleições de 1946, foi retaliada pelo governante.³¹ Sobre o tema, afirma Silvia Sigal:

*El peronismo había cerrado más de cien revistas y periódicos, dejando sobrevivir otros con un público restringido. La Universidad, institución pública por excelencia del espacio intelectual, podía difícilmente gozar de una tolerancia análoga. El gobierno decidió imponer el orden cambiando el cuerpo de profesores, colocando fuera de la ley las organizaciones estudiantiles opositoras y reorganizando la institución a través de la Ley Universitaria 13.031, sancionada el 9 de octubre de 1947.*³²

²⁹ Risieri Frondizi era irmão de Arturo Frondizi, o primeiro presidente eleito da Argentina após a derrubada de Juan Domingo Perón.

³⁰ ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales*: notas de investigación sobre una tribu inquieta. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, p. 132.

³¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena*: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998, p. 131.

³² SIGAL, Silvia. *Intelectuales y política en Argentina*: la década del sesenta. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001, pp. 36-37.

A intervenção do governo peronista retirara do corpo universitário – professores, funcionários e estudantes – muitas prerrogativas decisórias conquistadas com a Reforma Universitária de 1918.³³ Diversos professores foram expulsos da universidade. Alguns nela continuaram e adaptaram sua atividade acadêmica e política aos ditames da nova ordem.³⁴ A postura esperada dos membros da universidade era de isenção ante qualquer questão política. O artigo 4º da Lei Universitária 13.031, aprovada em 1947, diz o seguinte sobre as funções específicas das universidades:

*Las universidades no deberán desvirtuar en ningún caso y por ningún motivo sus funciones específicas. Los profesores y los alumnos no deben actuar directa, ni indirectamente en política, invocando su carácter de miembros de la corporación universitaria, ni formular declaraciones conjuntas que supongan militancia política o intervención en cuestiones ajenas a su función específica, siendo posible quien incurra en transgresión de ello, de suspensión, cesantía, exoneración o expulsión según el caso. Esto no impide la actuación individual por la vía legítima de los partidos políticos, pero, en ese caso, actuarán como simples ciudadanos y no en función universitaria.*³⁵

Sob a alegação de que existem funções específicas que as universidades devem desempenhar – o que é apenas uma constatação, uma vez que o artigo 2º postula as funções da universidade, todas elas relacionadas ao ensino, à pesquisa e à formação moral e cívica – o decreto afirma que a atuação universitária deve a elas se restringir. Dessa forma, o decreto cobre com um véu de boas intenções seu profundo objetivo: limitar a participação dos membros da universidade na política da época. Afinal, se o ensino e a pesquisa são os objetivos da educação superior, que sejam feitos sem ligações com a política do tempo presente, mantendo-se imunes à “desvirtuação”. O decreto abre, também, precedentes perigosos para a cassação de professores

³³ Para uma análise da Reforma Universitaria de 1918, ver: BUCHBINDER, Pablo. *¿Revolución en los claustros?* La Reforma Universitaria de 1918. Buenos Aires: Sudamericana, 2008; e a recente obra de BUSTELO, Natalia. *Todo lo que necesitás saber sobre la Reforma Universitaria*. Buenos Aires: Paidós, 2018.

³⁴ Acreditamos ser importante ressaltar que há uma corrente interpretativa que tende a relativizar os aspectos negativos da experiência universitária sob o primeiro peronismo. Citamos como exemplo os trabalhos do historiador Julián Dércoli, que argumenta no sentido de enaltecer as políticas peronistas para a universidade ligadas a uma alteração na forma de produção de conhecimento. Segundo ele, passa-se gradativamente de um conhecimento alienado, baseado em uma autonomia universitária alheia aos interesses nacionais, para um conhecimento aberto à sociedade. Para a análise completa, ver: DÉRCOLI, Julián. *Las leyes universitarias del primer peronismo. Hacia una nueva forma de producción del conocimiento. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-010/556>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

³⁵ Lei 13.031, de 9 de outubro de 1947. Consultado no site da CONEAU – *Comisión Nacional de Evaluación y Acreditación Universitaria*, órgão ligado ao Ministério da Educação da Argentina. Disponível em: <http://www.coneau.gob.ar/CONEAU/?page_id=493>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

e a expulsão de estudantes – o que, de fato, aconteceu.³⁶ A militância e a discussão políticas deveriam ser exercidas nos espaços que o governo determinasse, no caso, os partidos políticos.

Ainda na época peronista, apesar do peso da máquina estatal, as ideias circularam de modo intenso. Nas revistas – como *Sur*, *Imago Mundi*, *Contorno* e a já mencionada *Propósitos* –, nos centros de estudos – como o Instituto Di Tella e o *Colegio Libre de Estudios Superiores* – e nos meios culturais – como o teatro independente – ocorreu o que Silvia Sigal chamou de “auto-organização intelectual”.³⁷ Assim, os intelectuais buscaram criar espaços para que ocorressem debates teóricos e, muitas vezes, para que fosse assegurada sua própria sobrevivência material.

Foi o que ocorreu com a revista *Imago Mundi*. Fundada em 1953, carregou o subtítulo “*Revista de historia de la cultura*”, por meio do qual, de acordo com Oscar Terán, “*se percibe con justeza que el objetivo perseguido se inscribe en un serio intento de actualización de la cultura nacional y de vinculación de la misma con algunos de los focos teóricos más estimulantes del área occidental.*”³⁸ Artigos de intelectuais de diversas áreas do conhecimento, como o filósofo Rodolfo Mondolfo, o matemático José Babini e o crítico de arte Jorge Romero Brest, foram publicados, reforçando o intento de elaborar “*una versión cultural alternativa de la producción universitaria vigente*”.³⁹

José Luis Romero, diretor da revista e personagem importante dos “*años sesentas*”, afirmaria, anos mais tarde, que *Imago Mundi* tentara ser “*una universidad que se preparaba en la sombra para reemplazar a la oficial a su debido tiempo*”.⁴⁰ Certamente, há uma porção generosa de exagero na sentença de Romero, uma vez que não se poderia, à época, antever o que ocorreria após a queda de Perón – nem mesmo se ela ocorreria. No entanto, a construção de um espaço cultural que propiciasse um debate frutífero de ideias e mantivesse em ação os principais intelectuais da época foi alcançada.

³⁶ Apesar disso, é importante ressaltar o papel preponderante que tiveram as organizações estudantis na construção de um movimento de resistência às intervenções do peronismo nas universidades. Sobre esse aspecto, veja-se o artigo de TCACH, César. Peronismo y Reforma Universitaria: raíces de un desencuentro – una mirada desde su cuna – Córdoba (1943-1955). *PostData*, n. 1, v. 24, pp. 177-198, abr./set. 2019. Disponível em: <<http://www.revistapostdata.com.ar/2019/06/test/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

³⁷ SIGAL, Silvia. *Intelectuales y política en Argentina: la década del sesenta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001, pp. 63-73.

³⁸ TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, p. 68.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 69.

⁴⁰ Declaração constante na obra de LUNA, Félix. *Conversaciones con José Luis Romero*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986, p. 183. Retirada do artigo de TERÁN, Oscar. *Imago Mundi. Punto de Vista*, ano XI, n. 33, pp. 3-7, set./dez. 1988.

A “*universidad en la sombra*”, composta pelo espaço cultural formado por intelectuais antiperonistas, ganhou a luz do dia após a queda de Perón, momento em que muitos desses intelectuais – entre eles o próprio José Luis Romero – ganharam maior relevância na academia e na universidade, dedicando-se, em grande medida, à reorganização e à “desperonização” do ambiente universitário.⁴¹ Foi nesse contexto que emergiu no Conselho Superior da UBA a proposta – posteriormente atribuída por Risieri Frondizi a si próprio – de criação de uma editora universitária. Surgia ali o embrião do que se tornaria a *Editorial Universitaria de Buenos Aires* – EUDEBA. Assim, a criação da editora associou-se a um discurso modernizador e de retomada de determinados ideais da Reforma de 1918 por parte da universidade, conectando-se, também, a uma tentativa de desperonização da UBA, marcada, no plano institucional, pelo expurgo de professores ligados ao peronismo e pela recontração de professores expulsos nos governos de Perón. No dia 31 de maio de 1958, foi encaminhado a Risieri Frondizi um estudo que sugeria diretrizes e planos de ação para a criação da editora universitária. No início do turbilhão dos “*años sesentas*”, tomava forma a EUDEBA.

O estudo foi elaborado por ninguém menos que Arnaldo Orfila Reynal, importante intelectual e editor argentino. Orfila Reynal participara do processo de reforma universitária iniciado em 1918 na cidade de Córdoba, representara os estudantes argentinos no primeiro congresso internacional de estudantes realizado no México em 1921 e era, em 1958, diretor da editora *Fondo de Cultura Económica* (FCE) no México. Tais credenciais levaram Risieri Frondizi a contratá-lo para elaborar o projeto de criação da editora. Frondizi e o Vice-reitor da UBA, Florencio Escardó, apontaram que o modelo de edição conduzido por Orfila Reynal no FCE do México era o que mais se assemelhava ao que pretendiam criar na Argentina. O FCE mesclava o melhor de dois mundos: uma editora de grande sucesso comercial que possuía obras especializadas de grande interesse dentro do mundo acadêmico.⁴²

Arnaldo Orfila Reynal protagonizou o processo que levou o FCE a tornar-se uma referência na publicação de livros acadêmicos acessíveis e bem editados – entre 1948 e 1965, período em que dirigiu a casa editorial no México, foram publicados 1206 novos títulos e 622 reimpressões.⁴³ Tais características também estiveram presentes na editora *Siglo XXI*, fundada por ele logo depois de sua saída do FCE, e no próprio trabalho da EUDEBA em seu período

⁴¹ Sobre o tema, ver também dois livros importantes de Pablo Buchbinder: *Historia de La Facultad de Filosofía y Letras*, Buenos Aires: EUDEBA, 1997; e *Historia de las universidades argentinas*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

⁴² ÁLVAREZ, Gonzalo; ARCHAIN, Alejandro; DÍAZ, Carlos. *Un editor de tres siglos: la vida y los libros de Arnaldo Orfila Reynal*. Buenos Aires: EUDEBA, 2015, pp. 42-44.

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 30.

fundacional (1958-1966). Se a experiência prévia na indústria editorial o gabaritou para ser convidado por Risieri Frondizi a planejar a empreitada da UBA, a criação da nova editora universitária e a posterior colocação em prática de muitas das diretrizes constantes no projeto que elaborou possibilitaram a consolidação da imagem de Orfila Reynal como um editor diferenciado, que atuou como mediador cultural e criou e conduziu projetos editoriais que marcaram os séculos XX e XXI.⁴⁴

No início de seu projeto, Arnaldo Orfila Reynal postulava:

*Debe encararse el aspecto fundamental de la Editorial Universitaria [...]. Es de suponer que, fundada en la ciudad de Buenos Aires, donde existe una industria editorial próspera, bien orientada y eficiente, lo que se busca es crear una entidad diferente que cumpla una función complementaria de la que específicamente tiene asignada la Universidad. Es decir que, fundamentalmente, la Editorial Universitaria debe ponerse al servicio del estudiante y del profesor en primer término, satisfaciendo las necesidades fundamentales que se observan en esos medios con respecto al problema del libro. Y en este sentido, la acción editorial tiene dos posibilidades fundamentales a cumplir: la didáctica y la de extensión cultural que la Universidad ha proclamado entre sus fines. La didáctica, podrá satisfacer la necesidad de proveer al estudiante de textos de estudio muy seleccionados [...] y de obras de consulta que el profesorado estime conveniente difundir. La extensión universitaria debe entenderse en su doble aspecto: la que amplíe de una parte, el campo de preparación profesional del estudiante [...]; de otra, la que sirva para ampliar la obra social que a la Universidad le preocupa, ofreciendo a grandes sectores sociales ajenos a las aulas [...] libros accesibles sobre temas de cultura general que podrán cumplir una obra positiva en función social universitaria.*⁴⁵

A editora nasceria, assim, com uma proposta de difusão da cultura letrada para além dos limites da universidade – sem deixar de lado, entretanto, as necessidades acadêmicas da instituição. De saída, pode-se perceber a preocupação em determinar que o editor, no projeto da EUDEBA, teria um papel de mediador cultural, dialogando com diferentes setores de dentro e de fora da universidade e elaborando estratégias que promovessem ações ligadas à didática e à extensão cultural.

O trecho citado permite vislumbrar, também, a concepção de que o trabalho de edição tem como uma de suas finalidades levar a produção intelectual para o maior número de leitores possível. Tal concepção é atrelada por Orfila Reynal ao que ele chamava de função social da

⁴⁴ Sobre Arnaldo Orfila Reynal, ver: SORÁ, Gustavo. *Editar desde la Izquierda en la América Latina: la agitada historia del Fondo de Cultura Económica y de Siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017; ÁLVAREZ, Gonzalo; ARCHAIN, Alejandro; DÍAZ, Carlos. *Un editor de tres siglos: la vida y los libros de Arnaldo Orfila Reynal*. Buenos Aires: EUDEBA, 2015.

⁴⁵ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958. pp.1-2. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

universidade, fator que se alinha ao projeto de reorganização da UBA levado adiante pelo grupo que assumiu a direção da universidade após a queda de Perón.

É notória, no excerto em questão, a qualidade da pesquisa feita sobre o mercado editorial argentino – universitário e não universitário. Além disso, chama a atenção a ênfase no “acolhimento” dos estudantes e professores feito por Orfila Reynal, propondo uma ação cultural colegiada e coletiva que congregasse os diversos setores universitários em prol do trabalho editorial que seria iniciado.

De maneira aparentemente involuntária, o excerto do projeto de Orfila Reynal dialoga com uma visão expressa no já mencionado periódico *Propósitos* pelo estudante Gustavo Soler, que em janeiro de 1958 escreveu:

*FALTA UNA EDITORIAL UNIVERSITARIA, que edite los libros de texto, con los cursos y dictados durante el año, como dispuso Rivadavia al fundar la universidad y que todavía no se ha cumplido y por cuya causa existe un infame comercio en la venta y alquiler de libros, en donde medra la usura y la incompetencia científica. Eso usted lo aludió y también será apoyado, sin duda, por todos. Pero se olvidó de conectarlo con la angustia económica de los educandos que luchan en el medio hostil de una sociedad en crisis.*⁴⁶

O incisivo texto de Soler é dirigido ao reitor Risieri Frondizi e permite que notemos o eco que sua fala acerca da criação de uma editora universitária – feita em seu discurso de posse no reitorado – teve em um dos meios de comunicação atuantes nos embates intelectuais da esquerda argentina. A iniciativa é valorizada por Soler, com a ressalva de que a editora deverá ter um compromisso com a acessibilidade dos textos para os estudantes mais pobres.

O plano inicial da EUDEBA prosseguia com o detalhamento das coleções sugeridas para os três primeiros anos, a saber:

*1) Serie Didáctica o Educación y Conocimiento (Tratados, Manuales, Obras de Consulta y de Cultura General); 2) Teoría e Investigación; 3) Extensión cultural*⁴⁷ *(a) Textos Clásicos – 1. Panoramas históricos; 2. El ámbito y las estructuras nacionales; 3. El pensamiento argentino. Letras y Artes; 4. Proyectos y realizaciones; b) Biblioteca Argentina; c) Problemas contemporáneos; d) Divulgación); 4) Serie Americana.*⁴⁸

O trecho é acompanhado por quatro páginas em que Orfila Reynal descreve de que maneira poderiam ser estruturadas as coleções. A *Serie Didáctica* teria por objetivo suprir a

⁴⁶ SOLER, Gustavo. Carta al nuevo rector. *Propósitos*, 9 de janeiro de 1958. Consultado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, na Argentina.

⁴⁷ As subdivisões das categorias 2 e 3 são apresentadas conjuntamente.

⁴⁸ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958, p. 3. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

demanda dos estudantes de cada curso. Sugere-se que os professores indiquem obras importantes ou proponham obras próprias adaptadas aos programas das disciplinas. Em *Teoría e Investigación*, propunha que fossem publicadas obras ligadas aos institutos da UBA ou a cada professor, individualmente. Ressalta que a coleção teria tiragens reduzidas, sendo natural que não alcançassem a mesma difusão de outras coleções.⁴⁹ A coleção que surge com maior riqueza de detalhes no relatório é *Extensión Cultural*. Nela, Orfila Reynal propõe grandes tiragens e uma grande variedade de possíveis publicações, incluindo obras históricas, livros sobre diferentes aspectos da Argentina – geografia, história, cultura, educação, entre outros –, títulos que discutissem problemas contemporâneos nacionais e internacionais e livros de divulgação em geral, que “*difundan entre grandes sectores, temas de cultura general que podrán editarse en base a traducciones o a textos originales que puedan obtenerse*”.⁵⁰ Por fim, a *Serie Americana* traria ensaios ou monografias de autores latino-americanos “*que tengan un interés general, con jerarquía suficiente y que expongan un aspecto de la historia, la vida, los hombres, la realidad de cualquier país americano*”.⁵¹

Além da preocupação com a intervenção no panorama cultural e político da Argentina, as características pensadas por Orfila Reynal para as coleções da EUDEBA trazem à tona uma proposta de trabalho editorial que não se restringisse aos corredores universitários, mas que se expandisse, tomando-os e extrapolando seus limites.

Tal constatação aparece também na preocupação dedicada aos aspectos materiais das publicações. Em uma seção denominada *Características de las ediciones* e em diversos trechos do documento, o autor delineia suas intenções nesse sentido, afirmando que as traduções devem ser cuidadosas e bem trabalhadas, as edições devem ser atrativas e de bom acabamento e que as tiragens devem ser adequadas a cada título. Nesse ponto, vale ressaltar que a tiragem mínima por ele proposta é de mil exemplares, para monografias acadêmicas, e a maior quantidade sugerida é de dez mil exemplares, para livros destinados a público mais amplo.⁵² A materialidade dos livros também é um ponto importante no que se refere à sua abrangência, afirmando-se que “*debe lograrse una presentación física atractiva, que no exhiba la característica de las ediciones clásicamente oficiales o universitarias y que por el contrario*

⁴⁹ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958, p. 4. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

⁵⁰ Ibidem, p. 6.

⁵¹ Ibidem, p. 6.

⁵² Ibidem, p. 7.

las presente con aspecto externo de cualquier libro de editorial comercial".⁵³ Além disso, ao tratar das diretrizes da coleção de extensão cultural, Orfila Reynal afirma que "*sus características físicas deben ser estudiadas para lograr un modelo cómodo, bello y económico. Habrá que buscar un tipo de papel de bajo precio pero de buena calidad y encuadernación rústica con cubierta atractiva a color*".⁵⁴ O projeto de formulação da EUDEBA reitera, assim, a intenção de publicar obras importantes em termos de valor cultural e colocá-las à disposição do maior número possível de pessoas por meio de edições de qualidade, atraentes e baratas. Isso é reforçado por outros pontos do documento que, ademais, atestam a consistência dos conhecimentos editoriais de Arnaldo Orfila Reynal e a ligação de seu projeto com o "espírito" reformista que, como vimos, marcou os "*años sesentas*" na Argentina. À página doze, consta uma seção intitulada *La comercialización*, que é assim introduzida:

*Uno de los planteos fundamentales que deben hacerse en la organización de una Editorial es el aspecto de la distribución de sus ediciones. La obra puede malograrse desde dos puntos de vista: el económico y el cultural, pues un fracaso en la distribución de los libros puede anular el propósito inicial de la obra, ya que para que se cumpla la alta finalidad que se persigue es indispensable que sus libros lleguen en el menor tiempo posible y por los mejores canales, a manos de sus destinatarios.*⁵⁵

A esse parágrafo, seguem-se duas páginas de considerações sobre os pressupostos econômicos que deveriam nortear a nova editora. Tais pressupostos, baseados na junção do caráter cultural da editora com sua sustentabilidade comercial, eram acompanhados, inclusive, por uma previsão de gastos, receitas e do déficit financeiro dos primeiros sete anos da EUDEBA:

⁵³ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958. pp. 6-7. Consultado no arquivo da Editorial Universitária de Buenos Aires.

⁵⁴ Ibidem, p. 5.

⁵⁵ Ibidem, p. 12.

Figura 1 – “Cuadro de financiación teórica en los primeros siete años”

<u>CUADRO DE FINANCIACION TEORICA EN LOS PRIMEROS 7 AÑOS</u>								
<u>Gastos Generales</u>								
<u>y de producción</u>								
<u>En miles de pesos</u>								
	<u>1958</u>	<u>1959</u>	<u>1960</u>	<u>1961</u>	<u>1962</u>	<u>1963</u>	<u>1964</u>	<u>1965</u>
	3.466	6.656	6.656	6.656	6.656	6.656	6.656	6.656
<u>Ventas probables de la producción</u>								
1959	-	650	1.300	1.300	1.300	1.300	1.300	650
1960		-	650	1.300	1.300	1.300	1.300	1.300
1961			-	650	1.300	1.300	1.300	1.300
1962				-	650	1.300	1.300	1.300
1963					-	650	1.300	1.300
1964						-	650	1.300
1965								650
		650	1.950	3.250	4.550	5.850	7.150	7.800

Fonte: Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958.⁵⁶

Figura 2 – “Déficit Financiero anual”

<u>Déficit Financiero anual</u>								
	<u>1958</u>	<u>1959</u>	<u>1960</u>	<u>1961</u>	<u>1962</u>	<u>1963</u>	<u>1964</u>	<u>1965</u>
	3.466	6.006	4.705	3.406	2.106	806	+ 494	+ 1.144

Fonte: Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958.⁵⁷

Tais quadros foram elaborados por Orfila Reynal tendo por base seu conhecimento teórico e sua experiência no mercado editorial, como se pode entrever pelo seguinte trecho do projeto:

⁵⁶ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958, p. 16. Consultado no arquivo da Editorial Universitária de Buenos Aires.

⁵⁷ Ibidem, p. 17

*Es bien sabido que es ésta [a edição de livros] una de las actividades que presentan más difícil financiación, por la lentitud con que se obtiene el retorno de los capitales invertidos. El término en que puede agotarse una edición es siempre variable y al hablar de un término promedio de seis años, nos ponemos en actitud prudente [...]. El déficit financiero en los siete primeros años de operación será pues de \$18.858.000 [...] pero a los que habrá que hacer frente con aportaciones que cubran el capital de operación necesario para cubrir el déficit financiero de cada ejercicio. [...] Para operar en esa forma se requiere un subsidio anual [...]. La industria editorial ofrece muy pocas posibilidades de prever con seguridad su desarrollo. [...] Pero sí puede asegurarse que partiendo de que quiere prestarse un servicio cultural que puede en parte ser subvencionado por la Universidad, las cosas no podrán variar fundamentalmente.*⁵⁸

A preocupação de Orfila Reynal com o aspecto comercial da empreitada é grande a ponto de fazê-lo colocar no projeto de construção da editora uma previsão financeira que previa um grande prejuízo inicial. A racionalidade de Arnaldo Orfila Reynal ao incorporar o prejuízo ao informe tem como objetivo principal reforçar a importância da viabilidade comercial de uma editora para levar a cabo sua proposta de difusão cultural. Para além disso, permite vislumbrar um sinal de alerta: como a EUDEBA não será uma editora comercial tradicional, sua sustentabilidade financeira, ao menos nos primeiros anos, estará sujeita ao subsídio universitário.

Fica claro o plano de afirmar o papel de difusora cultural da EUDEBA, ao mesmo tempo que ela não negaria seu caráter comercial. Competir com editoras do nível de Losada, Sudamericana, Emecé, Kapelusz, Paidós – além das editoras especializadas que dominavam os programas das disciplinas universitárias nas áreas de Ciências Exatas, Direito e Ciências Naturais – seria tarefa muito complicada se não fosse elaborado um planejamento comercial eficiente. Afinal, sua fundação ocorria em um momento subsequente à “época de ouro”⁵⁹ do mercado editorial argentino, e o panorama, em 1958, era de queda geral na quantidade de livros editados em território nacional. Isso se deu, principalmente, pela reorganização das editoras espanholas, após um período de desmonte devido às tensões advindas da Guerra Civil Espanhola. Durante o conflito, diversos editores e intelectuais espanhóis haviam migrado para a Argentina e outros lugares da América Latina e definido “novos meridianos da produção editorial em castelhano”, apropriando-nos da expressão que intitula o artigo de Gabriela

⁵⁸ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958, pp. 15-18. Consultado no arquivo da Editorial Universitária de Buenos Aires.

⁵⁹ DIEGO, José Luis de. 1938-1955: la “época de oro” de la industria editorial. In: DIEGO, José Luis de. *Editores y políticas editoriales en la Argentina – 1880-2000*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 31.

Pellegrino Soares sobre o tema.⁶⁰ Reorganizadas as editoras em território ibérico e dadas as condições econômicas do território argentino – dificuldade no crédito, alto preço do papel, desvalorização da moeda –, abriu-se um período que Jorge Rivera chamou de “apogeu e crise da indústria do livro”, localizando-o entre 1955 e 1970.⁶¹ A crise seria superada pela consolidação do mercado interno. Após uma fase de baixa produção, teria início um período de grande movimentação editorial, que contou com a fundação de diversas editoras – entre elas, a EUDEBA.

O projeto discorria também sobre a organização dos cargos e funções dentro da editora, além das questões organizacionais e jurídicas relativas ao seu funcionamento e concernentes à dinâmica da relação entre a universidade e a EUDEBA. Destacaremos a poderosa figura do Gerente Geral, que teria plena autoridade executiva na editora e deveria se dedicar exclusivamente à tarefa.

Para exercer o cargo, Orfila Reynal escolheu José Boris Spivacow, matemático licenciado que trabalhava há alguns anos na editora Abril.⁶² Amanda Toubes, representante estudantil à época, afirma que Arnaldo Orfila Reynal, com a lista de candidatos em mãos, disse que havia um, em especial, que parecia interessante. Suas características: “*es un hombre con experiencia, es joven, es interesante, es matemático, pero tiene un inconveniente: es loco*”.⁶³ Essa declaração apresenta de maneira retumbante uma das características que acompanhariam José Boris Spivacow durante sua carreira (e depois dela): a criação de uma imagem quase mítica em torno de sua figura como editor.⁶⁴ Analisaremos, adiante, algumas estratégias e ações adotadas por Spivacow e sua equipe de trabalho na condução da EUDEBA entre 1958 e 1966.

⁶⁰ SOARES, Gabriela Pellegrino. Novos meridianos da produção editorial em castelhano: o papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. In: SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (Século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios: USP – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017, pp. 173-186.

⁶¹ RIVERA, Jorge B. Apogeo y crisis de la industria del libro: 1955-1970. In: *Capítulo. Historia de la literatura argentina*. Volumen 4 – los proyectos de la vanguardia. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986.

⁶² A editora Abril foi criada na Argentina em novembro de 1941 por meio da associação de três imigrantes italianos, Cesare Civita, Alberto Levi e Pablo Terni. Em 1947, Cesare criou uma filial homônima no Brasil, a qual passou a ser dirigida, em 1949, por seu irmão, Victor Civita. SCARZANELLA, Eugenia. *Uma editora italiana na América Latina: o Grupo Abril (décadas de 1940 a 1970)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

⁶³ Depoimento compilado em MAUNÁS, Delia. *Boris Spivacow: memoria de un sueño argentino*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1995, pp. 201-202.

⁶⁴ Sobre José Boris Spivacow, ver: MAUNÁS, Delia. *Boris Spivacow: memoria de un sueño argentino*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1995; GOCÍOL, Judith. *Boris Spivacow: el señor editor de América Latina*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010; ROMERO, Caio. José Boris Spivacow: trajetória. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 12, pp. 143-175, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1334/1205>>. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

O lema escolhido pela editora para o início de suas atividades foi “*libros para todos*”, pressupondo que o processo editorial da nova empresa não se restringiria às demandas da universidade. Desse modo, ao menos institucionalmente, a EUDEBA atrelava-se a uma postura reformista e compromissada que, entretanto, mantinha como uma de suas preocupações centrais a demanda de edição universitária. Como qualquer projeto cultural, a editora apresentava-se como uma instituição híbrida, que misturava diferentes práticas e representações para atingir seu objetivo, construindo uma trajetória que não deveria prescindir de nenhum dos dois domínios. Seria possível levar *libros para todos*?

Entre as práticas elaboradas na tentativa de efetivar o lema da editora, destacou-se a instalação de *kioscos* nas ruas da Argentina. Os *kioscos* eram bancas de vendas de livros construídas em lugares de grande movimento com o objetivo de divulgar e vender os livros da EUDEBA, como mostra a fotografia a seguir:

Figura 3 – *Kiosco* da Eudeba na Praça Onze, em Buenos Aires

Fonte: Arquivo da EUDEBA.⁶⁵

Os *kioscos* inseriam os livros no cotidiano de diversas pessoas que, de outra forma, não os acessariam. Na *Memoria y Balance General* – documento oficial produzido pela editora

⁶⁵ A foto foi obtida no escritório da EUDEBA em Buenos Aires, por meio do auxílio de Ariel, e a localização é mencionada por Leandro de Sagastizábal em: SAGASTIZÁBAL, Leandro. *50 años de libros para todos*. Buenos Aires: EUDEBA, 2008, p. 3 (caderno de imagens).

como uma espécie de “prestação de contas” para os acionistas e para a sociedade – do segundo exercício da editora (de 24 de junho de 1959 a 30 de junho de 1960), a iniciativa encontra-se descrita da seguinte maneira:

*Estos quioscos instalados en las calles son un complemento de los propósitos enunciados al hablar de la Serie del Siglo y Medio, ya que con ellos se pretende poner el libro al alcance del hombre que habitualmente no entra en una librería, para que lo vea y lo compre como compra una revista o un diario.*⁶⁶

Tal alternativa constituiria, portanto, uma aplicação dos objetivos de difusão cultural e educacional para além dos limites da universidade. Chama a atenção que tenha surgido junto com a coleção *Serie del Siglo y Medio*, organizada como forma de comemorar o sesquicentenário da independência da Argentina. Com uma lista inicial de 20 títulos que continham textos considerados essenciais para a compreensão do processo de construção da nação e da cultura argentinas, a coleção possuiu uma tiragem de 25.000 exemplares para cada livro, em contraposição aos 7.500 exemplares iniciais de cada título da primeira coleção publicada pela editora – *Cuadernos*.⁶⁷ A distribuição e venda de livros considerados essenciais ao maior número possível de leitores era encarada, dessa forma, como “*un serio esfuerzo por crear nuevas masas de lectores*”, propiciando “*un beneficio para la cultura popular*”.⁶⁸

Até o momento, as referências à localização dos *kioscos* surgem desencontradas nos livros e documentos sobre a editora. No arquivo central da UBA, obtivemos acesso aos primeiros boletins de informações da instituição. Tais boletins tinham por objetivo divulgar e integrar as ações acadêmicas e sociais da universidade e foram criados no mesmo contexto de reorganização pós-peronista. Folheando-os, encontramos na contracapa do boletim de número 18, publicado em novembro de 1960, os endereços de vinte e um *kioscos* espalhados por todo o país. Numerando-os, temos: 1) Avenida de Mayo y Piedras; 2) Carlos Pellegrini y Corrientes; 3) Pueyrredón y Rivadavia; 4) F. Lacroze y Triunvirato; 5) Cabildo y Juramento; 6) Rivadavia y Montiel; 7) Florida 656; 8) Rivadavia 1571 – em frente à sede da EUDEBA; 9) Rivadavia y Bolívar – Ramos Mejía; 10) Laprida y Alem - Lomas de Zamora; 11) Belgrano y Acassuso – San Isidro; 12) Alvear y Arenales – Martínez; 13) Plaza Belgrano – Lanús; 14) Brown y Rivadavia – Quilmes; 15) Plaza San Martín – San Martín; 16) Alvear y Independencia – Villa Ballester; 17) 25 de Mayo y Rivadavia – Morón (perto da estação de trem); 18) Plaza Pringles

⁶⁶ *Memoria y Balance General – segundo ejercicio – 24/06/59 al 30/06/60*. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*.

– Rosario; 19) San Martín y Tucumán – Santa Fe; 20) Av. Gral Paz y Colón – Córdoba; 21) Muñecas y San Martín – Tucumán. Distribuindo-os em mapas com diferentes escalas, obtivemos os seguintes resultados:

Figura 4 – Mapa: *kioscos* da Eudeba espalhados pelo país em novembro de 1960

Fonte: Elaboração do autor.⁶⁹

⁶⁹ O mapa foi elaborado pelo autor por meio do site Google Maps. Fonte: *Boletín de informaciones de la Universidad de Buenos Aires*, n. 18, novembro de 1960.

Figura 5 – Mapa: *kioscos* da Eudeba espalhados pela *Gran Buenos Aires* em novembro de 1960

Fonte: Elaboração do autor.⁷⁰

⁷⁰ O mapa foi elaborado pelo autor por meio do site Google Maps. Fonte: *Boletín de informaciones de la Universidad de Buenos Aires*, n. 18, novembro de 1960.

Figura 6 – Mapa: *kioscos* da Eudeba espalhados pelo centro de Buenos Aires em novembro de 1960

Fonte: Elaboração do autor.⁷¹

⁷¹ O mapa foi elaborado pelo autor por meio do site Google Maps. Fonte: *Boletín de informaciones de la Universidad de Buenos Aires*, n. 18, novembro de 1960.

A distribuição dos *kioscos* e a diligência da iniciativa – foram construídos 21 *kioscos* em dois anos de existência da editora – oferecem-nos indícios de que o lema *libros para todos* possuiu uma correspondência prática bastante interessante. A localização dos *kioscos*, instalados em logradouros importantes – como a *calle* Florida, a avenida Rivadavia e a Avenida de Mayo –, próximos a estações de trem – como no bairro de Morón, periferia de Buenos Aires – em praças centrais – como a Praça Pringles, em Rosário – e em urbes importantes do interior da Argentina – como Córdoba, Rosário e Tucumán –, é um fator que contribuiu para a difusão dos livros da editora e para a quebra de paradigmas acerca da cultura letrada. Afinal, se havia um *kiosco* inclusive em frente à livraria sede da EUDEBA – localizada até hoje na avenida Rivadavia, próximo ao Congresso Nacional – a mensagem transmitida era a de que os livros não deveriam assustar os leitores. Pelo contrário, deveriam ir até eles, levando a livraria à rua. O projeto de Orfila Reynal estava sendo colocado em prática com as adaptações e inovações feitas pela equipe de Spivacow, imbuída, observamos, do mesmo espírito de intervenção cultural e reformismo que emana do documento elaborado como projeto de criação da editora. Em 1965, na *Memoria y balance* referente ao ano de 1964, aparecia a seguinte informação sobre a quantidade de canais de venda utilizados:

*830 distribuidoras y librerías; 40 stands instalados en facultades de todo el país; 41 quioscos instalados en las calles de las ciudades más importantes del país y en pueblos del gran Buenos Aires; 7 quioscos instalados en hospitales; 65 concesionarias; 40 vendedores a crédito; 35 comisionistas; 103 puestos de diarios y revistas; 2 librerías propias.*⁷²

A análise desse documento propicia outras considerações instigantes. Em primeiro lugar, nota-se a extrapolação de seu caráter meramente “oficial”. Feita originalmente, como dissemos, para subsidiar a aprovação das contas do exercício anual da editora pelos acionistas, a *Memoria y balance* da EUDEBA passou por constantes ressignificações editoriais e simbólicas desde sua primeira publicação. Entre 1959 (primeiro exercício) e 1963 (quinto exercício), foi arquivada, conforme pudemos observar por meio da análise documental, na forma de um relatório datilografado. A partir do sexto exercício, consistiu em um livreto diagramado e impresso em papel brilhante, diferenciando-o da forma tradicional de um documento burocrático e aproximando-o dos produtos finais da editora. Isso simbolizava, de certa maneira, uma concretização de muitos dos ideais embutidos no processo de construção da

⁷² *Memoria y balance general* – 1/7/64 - 30/6/65. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 3.

EUDEBA. Se até mesmo um relatório gerencial poderia ser impresso de maneira atrativa e bem acabada, muito mais poderia ser esperado dos livros ali editados.

Além disso, com o passar dos anos, nota-se o incremento – em tamanho e em informações – das *Memorias y balances*. Às 14 páginas do documento de 1959, confrontamos as 51 da *Memoria* referente a 1964 (sétimo exercício), e como resultado observamos que tais documentos são sinais do processo de consolidação do projeto editorial da equipe que fundou a EUDEBA. Dessa forma, ao invés de listar apenas o que foi feito e o que se pretende realizar, a *Memoria* do sétimo exercício traz trechos que valorizam uma atividade editorial tida como “excepcional” na perspectiva do cenário editorial argentino. Para que isso seja comprovado, argumenta-se sobre os diferenciais da EUDEBA, como baixos preços e títulos expressivos e de alta qualidade. O projeto estaria, dessa maneira, destacando-se em relação às outras editoras nacionais – e até mesmo latino-americanas – e cumprindo seu papel de difusor do livro e da leitura. O documento reforçava esse fato por meio da seguinte alegação: “*Un dato ilustrativo acerca de la difusión alcanzada por EUDEBA: la Cámara Argentina del Libro realizó en la Feria del Libro de 1964 una encuesta, de la que pudieron tabularse 3.308 respuestas*”.⁷³ A EUDEBA teria sido classificada em primeiro lugar, com 1.687 respostas que a mencionavam a partir da pergunta “nomeie cinco editoras que conheça”. Ao dado, acrescentava-se na *Memoria* que as editoras classificadas em segundo, terceiro e quarto lugares tinham de 25 a 30 anos de existência.

Por fim, a *Memoria y balance* de 1965 trazia dois anexos: *Evolución de EUDEBA* e *Colecciones de EUDEBA*. O primeiro apresentava dez gráficos que mostravam o crescimento quantitativo – número de publicações, patrimônio, valor do catálogo, lucros, entre outros dados – da editora desde sua criação:

⁷³ *Memoria y balance general* – 1/7/64 - 30/6/65. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 9.

Figura 7 – Gráfico de *Resultados de los balances* – 1958-1965

Fonte: Memoria y balance general – sétimo exercício. 1965.⁷⁴

O gráfico acima mostra um crescimento dos lucros da EUDEBA a cada exercício. Busca, com isso, transmitir a imagem de que a editora possui plena saúde financeira. Tal situação, entretanto, é parcialmente verdadeira. Como a própria *Memoria* aponta em sua página 10, o crescimento continuava sendo sustentado por constantes aportes financeiros da UBA – no exercício em questão, os subsídios remontaram a 29 milhões de pesos. Apesar do auxílio financeiro da universidade ter sido propugnado pelo projeto de Arnaldo Orfila Reynal, seu incremento anual entre 1958 e 1965 pode ser considerado um indício de que, a despeito do aumento exponencial do catálogo, da grande quantidade de livros comercializados e da qualidade do trabalho editorial realizado, a sustentabilidade financeira da editora ainda patinava.

Não obstante, sua consolidação no mercado editorial estava bem encaminhada, dado o crescimento alcançado nas novidades publicadas (de 31 lançamentos, entre 1959 e 1960, para 166 entre 1964 e 1965), nos títulos reimpressos (de dois, entre 1959 e 1960, para 73 entre 1964 e 1965) e na quantidade de exemplares impressos (de 234.500, entre 1959 e 1960, para

⁷⁴ *Memoria y balance general* – 1/7/64 - 30/6/65. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 22.

2.428.100 entre 1964 e 1965).⁷⁵ Tal processo podia ser observado, também, por meio da lista de bancos e empresas com os quais a EUDEBA negociava:

Figura 8 – Lista de bancos e empresas com os quais a EUDEBA trabalha

Bancos:	JULIO KAUFMAN S.R.L.	Talleres de Encuadernación:
BANCO ARGENTINO DE COMERCIO	GUILLERMO KRAFT LTDA. S.A.	DELBONO
BANCO DE LA NACION ARGENTINA	LAGOS	DIMOR S.R.L.
BANCO DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES	LUMI Hnos. S.R.L.	FUKSMAN, PICASSO y CIA. S.R.L.
BANCO DE LONDRES Y AMERICA DEL SUR	PABLO PAOPPI e Hijos S.R.L.	POLOSECKI S.C.A.
BANCO DEL ESTE	LA PRENSA MEDICA ARGENTINA	LUIS PRAT
BANCO HOLANDES UNIDO	ROTEX VENTOR	SAN TELMO S.R.L.
BANCO MUNICIPAL DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES	SISTO, LEMME Y CIA.	T.E.F.A.
BANCO POPULAR ARGENTINO	TECOGRAF S.R.L.	
BANCO SHAW	TROQUELGRAF S.A.	
FIRST NATIONAL CITY BANK	VERDAD S.R.L.	Proveedores de Papeles en el Extranjero:
NUEVO BANCO ITALIANO	YUNQUE S.R.L.	KARTOPAPEL S.R.L.
SOCIEDAD COOPERATIVA DE CREDITO	ZLOTOPIORO Hnos. S.R.L.	E. G. KLEIBER
BARTOLOME MITRE LTDA.		
Talleres Gráficos:	Linotipias:	Proveedores de Papeles en el País:
ACONQUIJA	ARIEL	Papeles comunes:
AMERICALEE	AVELLANEDA S.C.A.	CELULOSA ARGENTINA S.A.
AIZEN S.R.L.	COMETA S.C.A.	Papeles especiales:
BENNATI - TERLIZZI	NEGRI	COPAEN
BODONI S.A.	PONTALTI	COPAGRA S.A.
CADEL S.C.A.	VARELA Hnos.	RAMON CHOZAS S.A.
COMPANIA IMPRESORA ARGENTINA S.A.		E. FLAIBAN S.A.
CYMENT	Talleres de Fotograbados y Fotocromos:	ILUSTRA S.R.L.
BARTOLOME U. CHIESINO S.A.	ALFA S.R.L.	PAPELERA SARANDI S.A.
DIDOT S.C.A.	ATLAS	
LA ESTRELLA	CINI, MIGLIARINI & CIA.	Varios:
FRIGERIO ARTES GRAFICAS	COLUMBIA S.A.C.	COLPLAST S.C.A.
GRAFICA OESTE S.A.	HUECO-GRAF	DUCILO S.A.
IMPRENTA LOPEZ	ERWIN KARMAN	HERRERO Y OCAMPO
	JUAN B. MAFFIOLI	FRANCISCO LERA S.A.
	CASA PINI	PAPELBRIL S.A.
	ZUCCHI, SOSS y CIA.	

Fonte: Memoria y balance general – sétimo exercício. 1965.⁷⁶

De tal lista, destaca-se a quantidade de bancos aos quais a editora recorria para obter financiamentos e empréstimos – muitos deles bancos públicos – e a variedade de oficinas de impressão e linotipia que prestavam serviços à EUDEBA. Tal dado permite inferir a grande dimensão da produção editorial empreendida até então pela empresa, uma vez que as negociações travadas com as diversas empresas de impressão se davam com base na quantidade de exemplares impressos. Com grandes tiragens e muitas reimpressões, a EUDEBA conseguia contratos vantajosos com muitas oficinas, o que nos permite vislumbrar também uma das maneiras pela qual a editora driblou as dificuldades da impressão, constante gargalo dos projetos editoriais.

⁷⁵ *Memoria y balance general* – 1/7/64 - 30/6/65. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, pp. 14-17.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 23.

Na página contígua, há uma lista com a “*ubicación de librerías, stands, quioscos, concesionarias y sucursal de EUDEBA*”:

Figura 10 – Lista com a localização dos pontos de venda da EUDEBA em 1965

Ubicación de librerías, stands, quioscos, concesionarias y sucursal de EUDEBA

CIUDAD DE BUENOS AIRES:

2 librerías.
1 galería de arte.
17 stands en facultades e institutos de enseñanza media.
15 quioscos en la vía pública.
7 stands-bibliotecas circulantes en hospitales.

GRAN BUENOS AIRES:

3 stands (Adrogué, Avellaneda y San Miguel).
11 quioscos (Avellaneda, Lanús, Lomas de Zamora, Morón, Olivos, Quilmes, Ramos Mejía, San Isidro, San Justo, San Martín, Vicente López).

PROVINCIA DE BUENOS AIRES:

La Plata: 2 stands - 2 quioscos.
Bahía Blanca: 1 quiosco - 1 concesionaria.
Mar del Plata: 1 quiosco - 1 concesionaria.
Concesionarias en: Anzul, Balcarce, Bolívar, Bragado, Campana, Coronel Suárez, Chacabuco, Chivilcoy, Dolores, Junín, Lincoln, Luján, 9 de Julio, Olavarría, Pergamino, San Nicolás, Tandil, Tres Arroyos, Zárate.

PROVINCIA DE CÓRDOBA:

Córdoba: 2 stands - 2 quioscos.
Concesionarias en: Alta Gracia, Cosquín, Cruz del Eje, Deán Funes, Laboulaye, La Falda, Río Cuarto, Río Tercero, San Francisco, Villa Dolores, Villa María.

PROVINCIA DEL CHACO:

Resistencia: 1 stand - 1 concesionaria.

PROVINCIA DE ENTRE RÍOS:

Paraná: 1 stand - 1 concesionaria.
Concordia: 1 stand.
Concepción del Uruguay: 1 stand.
Concesionarias en: Chajarí, Gualaguay, Gualaguaychú, Nogoyá, Rosario del Tala, Santa Elena, Villaguay.

PROVINCIA DE MENDOZA:

Mendoza: 3 stands - 1 quiosco.
Concesionarias en: San Martín, San Rafael, Rivadavia.

PROVINCIA DE SANTA FE:

Rosario: 4 stands - 4 quioscos.
Santa Fe: 1 stand - 1 quiosco.
Rafaela: 1 quiosco - 1 concesionaria.
Concesionarias en: Cañada de Gómez, Casilda, Esperanza, Reconquista, Rufino, Venado Tuerto, Villa Constitución.

PROVINCIA DE SAN LUIS:

San Luis: 1 stand - 1 concesionaria.
Concesionaria en: Villa Mercedes.

PROVINCIA DE SALTA:

Salta: 1 stand - 1 concesionaria.

PROVINCIA DE TUCUMÁN:

San Miguel de Tucumán: 2 stands - 1 quiosco.
Concesionaria en: Concepción.

PROVINCIA DE CATAMARCA:

Concesionaria en: Catamarca.

PROVINCIA DE CORRIENTES:

Concesionarias en: Corrientes y Paso de los Libres.

PROVINCIA DE CHUBUT:

Comodoro Rivadavia: 1 quiosco.

PROVINCIA DE FORMOSA:

Concesionarias en: Formosa y Clorinda.

PROVINCIA DE JUJUY:

Concesionaria en: San Salvador de Jujuy.

PROVINCIA DE LA PAMPA:

Concesionarias en: Santa Rosa y General Pico.

PROVINCIA DE LA RIOJA:

Concesionarias en: La Rioja y Chilecito.

PROVINCIA DE MISIONES:

Concesionaria en: Posadas.

PROVINCIA DE NEUQUÉN:

Concesionaria en: Neuquén.

PROVINCIA DE RÍO NEGRO:

Concesionaria en: San Carlos de Bariloche.

PROVINCIA DE SAN JUAN:

Concesionaria en: San Juan.

PROVINCIA DE SANTA CRUZ:

Concesionaria en: Río Turbio.

PROVINCIA DE SANTIAGO DEL ESTERO:

Concesionaria en: Santiago del Estero.

REPÚBLICA DE CHILE:

Santiago de Chile: 1 sucursal.

Fonte: Memoria y balance general – sétimo ejercicio. 1965.⁷⁸

O mapa e a listagem da localização dos pontos de venda funcionam, na *Memoria*, como uma espécie de aprofundamento da listagem de canais de venda feita no início do documento. Comparando-se o mapa de 1965 com os mapas que elaboramos anteriormente neste capítulo, nota-se que o crescimento dos pontos de venda e representação – entre eles os *kioscos* – manteve-se acelerado entre 1960 e 1965. Os títulos publicados eram uma das partes do projeto. Era necessário fazê-los chegar aos leitores, bem como formar novos leitores. Assim, a distribuição – bem como os baixos preços – conformava parte orgânica desse arcabouço

⁷⁸ *Memoria y balance general* – 1/7/64 - 30/6/65. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 28.

editorial. Dessa forma, vemos como a editora logrou expandir sua atuação pelo território nacional e internacional, abrindo, inclusive, uma sucursal na capital do país vizinho.

Se os *kioscos* foram criados com o objetivo de divulgar essencialmente a *Serie del Siglo y Medio* – ainda que posteriormente tenham servido à divulgação de outras obras da editora –, os *stands* da EUDEBA instalados nas faculdades comercializavam todos os livros da editora e ofereciam descontos a estudantes e professores. Isso provocou reações de livreiros, em especial quando foi ampliada, a partir de 1961, a instalação de *stands* em universidades do interior do país. Em agosto de 1963, em reunião dos membros do Diretório da empresa, José Boris Spivacow informou que chegara até ele uma carta da associação de livreiros de Córdoba. Na carta, era dito que aos associados se solicitara a interrupção da venda de livros da EUDEBA até que fosse revista a política de descontos. Dado que a adesão, segundo Spivacow, foi baixa e concentrou-se majoritariamente em livrarias do interior do país – local em que, presumidamente, as vendas de livros representavam uma fatia menor do mercado que na capital –, a postura da editora seria de reiterar os princípios que nortearam a criação da empresa e manter a política de descontos para professores e estudantes.⁷⁹ Dentro de alguns meses a editora oficializaria publicamente essa diretriz, afirmando, em sua *Memoria y balance* do ano de 1962:

*Es absolutamente natural que la editorial de la Universidad guarde una actitud particularmente considerada para con estudiantes y profesores y les venda sus libros en mejores condiciones, puesto que ellos constituyen el objeto primordial de su labor y han posibilitado su misma existencia. Por otra parte, ello había sido establecido en los estudios que sirvieron de base para la creación de EUDEBA.*⁸⁰

Na realidade, a análise atenta do informe de Arnaldo Orfila Reynal – que condensou os estudos que serviram de base para a criação da editora – não permite afirmar que ali estivesse ratificada a política de descontos. Orfila Reynal, inclusive, sugeria que, para evitar conflitos com os distribuidores privados, deveria ser feita uma política de preços iguais para todos os leitores, sem distinção entre público geral e universitário. A decisão da equipe de Spivacow foi conceder os descontos, e podemos inferir pela análise do documento apresentado acima que isso fez parte de uma estratégia que envolvia a atração de estudantes e professores em direção à editora – convencendo-os de que a editora seria também uma “*cátedra, y de vasta*

⁷⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA nº 68, de 30 de agosto de 1963. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

⁸⁰ *Memoria y balance general* – 1/7/62 - 30/6/63. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 10.

ressonância”⁸¹ –, pensando também na sustentabilidade financeira do projeto, uma vez que esse seria, em princípio, seu público consumidor privilegiado. Uma vez que essa tentativa foi contestada por agentes do mercado livreiro, aludiu-se ao plano inicial da editora e à sua ligação com o meio universitário para defender tal prática. Equilibrando-se entre a mediação cultural e o caráter comercial de sua empreitada – que, como vimos, não eram antagônicos –, no mesmo documento a EUDEBA busca matizar os efeitos de sua política de descontos, em aceno aos atores livreiros do mercado editorial, dizendo:

*Aun desde el punto de vista comercial, la competencia que efectúan los stands no perjudica en última instancia al librero, porque, si bien puede quitarle algunas ventas directas a estudiantes o profesores, crea en cambio un mayor interés por sus libros en el público general, interés que se traduce en ventas mucho mayores para el librero.*⁸²

A despeito de algumas divergências e alterações de rumo – das quais é exemplar o caso dos descontos a estudantes e professores –, os pressupostos compilados por Arnaldo Orfila Reynal sobre a distribuição e a venda das obras haviam sido aplicados e expandidos por Spivacow e sua equipe. Os livros estavam à venda em faculdades, nas ruas, nos hospitais, nas bancas de jornais, nos *kioscos* e nas livrarias próprias da EUDEBA. A visualização espacial da distribuição dos *kioscos* e os números em questão permitem afirmar que a editora logrou um favorável ingresso no mercado editorial e no panorama cultural de sua época – nada mais “*años sesentas*” que levar os livros às ruas. Com isso, o projeto de difundir a cultura letrada e intervir, a partir da universidade e da publicação de livros, na realidade cultural do país pôde ser viabilizado. Na mesma *Memoria* de 1965, diz-se que a “*EUDEBA ha elegido la línea de las grandes tiradas y de los precios económicos. Aunque ello externamente se presenta como una modalidad de distribución y venta, es, en el fondo, una actitud social y cultural*”.⁸³ A representação da EUDEBA como um projeto cultural de mediação e intervenção na realidade também está presente nesse pequeno texto publicado em uma revista interna da UBA no ano de 1962:

En junio de 1958, la Universidad de Buenos Aires creó, por iniciativa de su Rector, doctor Risieri Frondizi, la Editorial Universitaria de Buenos Aires (EUDEBA), con el propósito no solo de difundir en nuestro medio las obras fundamentales de la ciencia [...], sino también contribuir al conocimiento de la realidad y las creaciones intelectuales del país y del continente. [...]

⁸¹ *Memoria y balance general* – 1/7/62 - 30/6/63. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 9.

⁸² *Ibidem*, p. 10.

⁸³ *Memoria y balance general* – 1/7/64 - 30/6/65. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 3.

*EUDEBA ha probado que una editorial universitaria puede estar al servicio de la cultura del pueblo sin menoscabar su jerarquía ni desatender las funciones estrictamente universitarias. Y que pueden publicarse libros de toda índole y a precios reducidos, sin originar pérdidas ni gastos adicionales.*⁸⁴

Nos documentos internos da EUDEBA e da UBA, portanto, o projeto editorial da empresa é apresentado como uma empreitada de mediação cultural que traria aportes importantes para o desenvolvimento do país e para o conhecimento da realidade nacional.

Ao analisarmos os títulos publicados pela editora nos primeiros anos de funcionamento, é nítida a concretização, novamente, de diversos pontos do projeto de Arnaldo Orfila Reynal. A observação dos nomes das coleções remete imediatamente aos termos sugeridos por seu idealizador. A primeira delas, *Cuadernos*, propunha-se a publicar livros científicos de divulgação – muitos dos quais traduzidos da coleção *Que sais-je?*, da editora *Presses Universitaires de France* – e foi lançada junto com outras duas coleções: *Temas de Eudeba* e *Manuales*, ambas de caráter acadêmico e circulação mais restrita.

Na obra *Libros para todos*, organizada pela pesquisadora Judith Gociol, da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, há uma lista com todos os títulos publicados pela EUDEBA em seu período fundacional.⁸⁵ As coleções são apresentadas brevemente, e os principais títulos de cada uma ganharam resenhas de professores e acadêmicos argentinos. Na apresentação da coleção *Cuadernos*, há o seguinte trecho: “*Cuadernos fue concebida como una suerte de enciclopedia universitaria introductoria, integrada por traducciones de trabajos técnicos, científicos, filosóficos y económicos realizados y revisados por especialistas, pero en tono de divulgación*”.⁸⁶

O primeiro título da coleção, *Las bases físicas y químicas de la herencia*, de George Wells Beadle, saiu em 1959 com uma tiragem de 7.500 exemplares, segundo Spivacow.⁸⁷ Tal número é comprovado pelo que consta na *Memoria y balance* do segundo exercício da editora, publicada em 1960, que afirma também o êxito da coleção, sendo necessário elevar as tiragens, naquele ano, a 10.000 exemplares e publicar uma segunda edição de sete dos títulos já lançados.⁸⁸ Além da impressionante quantidade de exemplares publicados, o livro de Beadle

⁸⁴ Retirado do *Guía UBA 1962*. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, pp. 25-30.

⁸⁵ GOCIOI, Judith. *Libros para todos: colecciones de EUDEBA bajo la gestión de Boris Spivacow (1958-1966)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 105.

⁸⁷ Entrevista concedida por José Boris Spivacow a Delia Maunás. In: MAUNÁS, Delia. *Boris Spivacow: memoria de un sueño argentino*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1995, p. 45.

⁸⁸ *Memoria y balance general* – 24/6/59 - 30/6/60. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina, p. 5.

destaca-se por ter sido publicado originalmente no mesmo ano em que saiu pela EUDEBA e pelo fato de seu autor ter sido premiado, em 1958, com o prêmio Nobel de Medicina. Víctor B. Penchaszadeh, acadêmico da área das Ciências Naturais, escreveu, em 2012: “*Obviamente la ciencia de la genética ha tenido increíbles avances desde la publicación de este libro. Sin embargo, es notable cómo muchos principios descritos por Beadle se mantienen*”.⁸⁹ Chama a atenção, também, o aspecto material da obra – padronizada para toda a coleção *Cuadernos*: formato A4, papel rústico, capa em papel cartão mole (gramatura baixa), encadernação sem costura, apenas cola, e mancha gráfica grande, deixando margens relativamente reduzidas (nesse ponto, há um detalhe adicional: diagramação em duas colunas). Tais características transmitem a ideia de que a coleção era feita para venda e distribuição massivas, uma vez que todos os seus elementos formais apontam para o barateamento e a simplicidade da edição. Isso permitia, também, romper uma barreira de acesso aos livros, em especial para as camadas com menos acesso à cultura letrada, que é o aspecto “sisudo” dos livros científicos em geral. A diagramação em duas colunas é sintomática disso, emulando o formato que seria popularizado pelas revistas semanais e pelos fascículos vendidos em bancas de jornal.

As artes gráficas e o design destacaram-se no projeto editorial e comercial da EUDEBA. O setor ficava a cargo de Oscar Díaz, companheiro de trabalho de Spivacow desde os tempos da editora Abril. Díaz foi o criador do logotipo da editora e cuidava da criação de capas atrativas e convidativas, tornando agradável o primeiro contato – visual – entre livro e leitor. Nesse sentido, vale insistir na análise do primeiro livro publicado pela EUDEBA, observando as características de sua capa:

⁸⁹ PENCHASZADEH, Víctor B. Las bases físicas y químicas de la herencia. In: GOCÍOL, Judith. *Libros para todos: colecciones de EUDEBA bajo la gestión de Boris Spivacow (1958-1966)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012, pp. 133-134.

Figura 11 – Capa do primeiro livro publicado pela EUDEBA em 1959

Fonte: Biblioteca Nacional Mariano Moreno.⁹⁰

A capa é composta em tons de amarelo e chama a atenção a foto de um sabugo de milho ampliado com grãos de duas “cores” – relacionando a capa ao tema do livro, a genética. Ademais, o título ocupa grande parte do terço superior da capa, chamando a atenção do leitor, que, certamente, olhou primeiro para o milho. É uma proposta de design e diagramação pouco usual para os títulos acadêmicos e científicos da época, afeitos à sisudez e à ausência de cores e elementos chamativos em suas capas. Esses elementos, aliados ao formato A4 do livro, fazem com que ele se destaque nos pontos de venda e configuram uma aproximação diferenciada em relação à publicação e divulgação de obras científicas em sua época.⁹¹ Cabe recordar aqui as considerações de Roger Chartier a respeito da dimensão material dos impressos. A esse respeito, diz o autor:

*Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor.*⁹²

⁹⁰ BEADLE, G. W. *Las bases físicas y químicas de la herencia*. Buenos Aires: EUDEBA, 1959. Exemplar consultado na Biblioteca nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires.

⁹¹ Um indício da importância e das marcas deixadas pelo trabalho de design e da preocupação gráfica da primeira gestão da EUDEBA pode ser encontrado em uma declaração de Jorge Koremblit, gerente da empresa em 1967 – após intervenção da ditadura de Juan Carlos Onganía –, propondo que as novas obras – fossem elas impressões inéditas ou reimpressões – tivessem um novo projeto gráfico, visando a “diferenciarlas visualmente de toda la producción anterior”. Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 128, de 27 de dezembro de 1967. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires (grifo nosso).

⁹² CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, pp. 126-127.

As intervenções da editora universitária não foram feitas apenas no sentido de baratear os custos da edição, mas também para retirar do livro sua aura acadêmica e deixá-lo mais convidativo para o público geral, não apenas o universitário.

Como pudemos observar, a EUDEBA adotou estratégias de produção editorial que traziam para a prática a tentativa de difundir o conhecimento letrado para diferentes camadas da população. Organização dos livros em coleções, edições em material rústico e com preço reduzido, capas e projeto gráfico atraente, entre outras, foram características do processo de trabalho da editora. Tais preocupações aparecem concretizadas e condensadas no processo de publicação, em 1962, de uma edição do canônico poema de José Hernández, *Martín Fierro*, ilustrado pelo artista Juan Carlos Castagnino.

De acordo com um documento interno da editora, a expectativa acerca da publicação de *Martín Fierro* era a seguinte:

*Impacto: por la calidad y cantidad de ilustraciones, por sus características físicas, por el precio de las ediciones populares y por la resonancia que las obras publicadas por Eudeba alcanzan en el público, se estima que ésta será, y con mucho, la edición más importante del Martín Fierro publicada hasta la fecha.*⁹³

As práticas de edição popular da EUDEBA transformaram-se, no período de quatro anos entre a abertura da editora até a publicação do livro de José Hernandez, em um argumento utilizado para justificar os empreendimentos futuros do grupo. Esse é um indício de que os *libros para todos* atingiram, de fato, um elevado número de pessoas, permitindo que os editores sonhassem alto:

*Tirada: de la edición popular del libro se hará una tirada inicial de 50000 ejemplares y de la carpeta una tirada inicial no inferior a los 5000; estas tiradas se estiman reducidas y se cree que habrá posteriores reediciones. De los libros y carpetas para vender en librerías, a crédito y a coleccionistas se harán ediciones mucho menores.*⁹⁴

A alta tiragem da edição popular e a existência de edições de luxo mostram que, aliada à difusão da cultura letrada, estava uma visão comercial aguçada, necessária inclusive para a manutenção da existência da editora. Teria sido bem sucedida a empreitada do *Martín Fierro*? Vejamos o que diz a revista *Primera Plana* em novembro de 1962:

⁹³ Retirado de documento interno da EUDEBA datado de 03/07/1962. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

⁹⁴ Ibidem.

*Un funcionario de la Comisión Nacional de la Energía Atómica adquirió 60 ejemplares del “Martín Fierro” de EUDEBA para remitirlos a Inglaterra y Estados Unidos, donde estuvo estudiando recientemente. Calculase que sumarán centenares las personas que este fin de año, en lugar de tarjeta de felicitación, recibirán de sus relaciones un primoroso Martín Fierro en algunas de las ocho formas en que salió a la venta. Además, llevar descuidadamente un ejemplar bajo el brazo se ha convertido en contraseña de intelectuales, sobre todo en el radio estudiantil cercano a Filosofía y Letras y a las principales salas de exposiciones.*⁹⁵

A publicação foi um grande sucesso editorial, e a mesma edição da revista afirma que uma reimpressão tinha sido necessária para a versão popular da obra, uma vez que a primeira havia sido vendida em 25 dias (o livro custava 100 pesos e contava com 70 ilustrações de Juan Carlos Castagnino).⁹⁶ A ausência de exemplares suficientes nas lojas especializadas provocou a ira de bibliófilos e leitores que desejavam adquirir a versão de luxo.⁹⁷ David Jacovkis, marido de Mirian Polak, então assessora de Spivacow, escreveu um poema para brincar com o gerente da editora. “*Poema a un gerente enloquecido*” começa narrando a história de um editor que, ao observar a venda de trinta mil exemplares do Martín Fierro em um dia, fica exultante e, ao invés de contentar-se, traça planos de expansão: “*Veinte millones son los argentinos/ Doscientos los sudamericanos/ Tres mil los de este mundo peregrino/ Y todos su ejemplar tendrán a mano*”.⁹⁸

Os membros do diretório da EUDEBA, em sua *Memoria y balance general* do ano de 1963, utilizaram o sucesso do *Martín Fierro* e de outra coleção de livros de arte da editora, *Cuentistas y pintores*, para defender seus valores editoriais e comprovar, de certa forma, o êxito do projeto editorial e comercial da EUDEBA, afirmando que tais edições:

a) Permiten que la obra de nuestros artistas adquiriera una resonancia desconocida hasta ahora en nuestro país y en América toda. En efecto, en menos de ocho meses de las diferentes ediciones de libros y carpetas del “Martín Fierro” se imprimieron más de 200.000 ejemplares. [...] b) Estimulan la labor del artista: para el “Martín Fierro”, Juan C. Castagnino ejecutó más de 200 originales y centenares de bocetos; para “Cuentistas y pintores”, Alonso, Basaldúa, Batlle Planas, Berni, Castagnino, Policastro, Russo, Seoane, Soldi y Urruchúa ejecutaron 342 originales y cientos de bocetos. [...] c) Constituyen una vasta empresa de carácter didáctico y cultural; d) Dan prestigio al libro argentino y hacen conocer otros aspectos del labor que desarrolla la Universidad de Buenos Aires [...] Pero estas ediciones cumplen además una finalidad económica y financiera: a pesar de su reducido precio de venta, su altísima tirada y rápida comercialización han

⁹⁵ Retirado de *Primera Plana*, 24 de novembro de 1962, p. 44. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

⁹⁶ Pode-se analisar duas ilustrações da obra no ANEXO 2, localizado na última página desta dissertação.

⁹⁷ Retirado de *Primera Plana*, 24 de novembro de 1962, pp. 45-46. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

⁹⁸ Poema de David Jacovkis. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

*dado grandes utilidades y fuertes ingresos que permitieron a EUDEBA incrementar su programa fundamental de obras científicas.*⁹⁹

Em primeiro lugar, os autores do texto ressaltam o caráter de difusão cultural cumprido pelas duas coleções. Além de levar obras de arte a um número imenso de pessoas, o documento ressalta que um dos méritos das coleções foi incentivar o trabalho e o reconhecimento de artistas argentinos. Ademais, o último trecho da citação revela a consciência, por parte dos protagonistas desse projeto editorial, da importância do sucesso mercadológico para que a editora se mantivesse. Ao mesmo tempo que são projetos de extensão cultural, as duas coleções de maior sucesso comercial naquele momento operam como financiadoras para que o outro – e principal – eixo de difusão cultural da EUDEBA funcione a contento: a publicação de obras científicas.

O trabalho do grupo de Spivacow na EUDEBA ocorreu entre 1958 e 1966. Em agosto de 1966, com o golpe de Estado perpetrado pelo general Juan Carlos Onganía, grande parte dos funcionários e administradores da EUDEBA renunciaram a seus cargos após o episódio da “*noche de los bastones largos*”, no qual a polícia invadiu, agrediu e prendeu diversos estudantes e professores da UBA. A renúncia foi acompanhada por uma carta, da qual separamos um excerto:

*Durante ocho años un libro costó menos que un kilo de pan [...]. Durante ocho años miles de ojos vieron por primera vez pinturas y dibujos que los maravillaron. Durante ocho años el pueblo argentino se sintió orgulloso de sus escritores, de sus artistas, de sus pensadores, del prestigio de una empresa que con un capital pequeño en relación con su obra [...] representaba como ninguna en el exterior a su propia patria. ¿Cómo pudo surgir y desarrollarse lo que para todo el país y para todo el mundo fue un fenómeno cultural sin precedentes? Pudo surgir y pudo desarrollarse porque fue producto de una Universidad nueva, [...] una Universidad abierta a todos los vientos y puesta al servicio de todo el país. Una Universidad que entregaba al pueblo que la sostenía una de las más antiguas y poderosas herramientas: el libro.*¹⁰⁰

Aqui, transparece a ideia de uma editora compromissada com um projeto amplo de reestruturação da sociedade. Tal projeto envolvia, em primeiro lugar, a reorganização da universidade, em que a EUDEBA se encaixa como produto e agente. Ao mesmo tempo que surgiu nesse contexto, a editora contribuía para a construção de uma universidade que se colocava a serviço do país. Além disso, cabe ressaltar o papel de mediação cultural que a

⁹⁹ *Memoria y balance general* – 1/7/62 - 30/6/63. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

¹⁰⁰ Retirado da carta de renúncia assinada por diversos integrantes da EUDEBA no dia 4 de agosto de 1966. Consultada no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

declaração atribui à editora, reforçando que se tratava da primeira vez que muitos cidadãos tinham acesso aos livros, considerados uma ferramenta de transformação social. Tais livros teriam sido, durante os oito anos transcorridos entre a criação da editora e o golpe de Onganía, projetados, organizados e produzidos por uma universidade que os entregava ao povo – por meio da EUDEBA –, como nunca fizera antes e como não se sabia se continuaria a fazer depois, uma vez que a carta buscava representar a renúncia do grupo como o fim de uma era.

Para que o projeto e a atuação da EUDEBA no mercado editorial de seu tempo possam ser compreendidos com maior nível de complexidade, é necessário mergulhar nos meandros dos processos políticos transcorridos na Argentina a partir dos “*años sesentas*”, bem como penetrar cada vez mais nos indícios documentais disponíveis sobre a editora.

2. Argentina, as múltiplas “revoluções” dos “*años sesentas*” e a EUDEBA (1958-1966)

O dia 23 de fevereiro de 1958 foi um domingo em que o bom tempo reinou na maior parte das províncias da Argentina. Tal fato, de acordo com a narrativa da imprensa, favoreceu o comparecimento dos eleitores às urnas para escolher o novo presidente do país.¹⁰¹ Era a primeira eleição presidencial desde que um golpe de Estado retirara do poder o então presidente Juan Domingo Perón, em setembro de 1955. O pleito eleitoral constituía o principal acontecimento político do dia para a Argentina.

Ao depositar seu voto na urna da seção eleitoral da rua Monasterio, no bairro de Parque Patricios, em Buenos Aires, o candidato à presidência Arturo Frondizi – que venceria o pleito – não poderia imaginar que algumas horas depois, em Havana, capital de Cuba, seu compatriota Juan Manuel Fangio, pentacampeão mundial de automobilismo, seria sequestrado por militantes do Movimento 26 de Julho, liderado por Fidel Castro. O sequestro teve por objetivo oferecer ressonância mundial para o movimento revolucionário cubano de oposição ao regime ditatorial de Fulgêncio Batista, logrando relativo sucesso com a enorme divulgação ocorrida na imprensa mundial, dada a fama e o destaque de Fangio no mundo esportivo – daí sua escolha como “alvo” do rapto. Alguns jornais, inclusive, dedicaram suas capas ao sequestro, deixando para a segunda página o tratamento das eleições presidenciais ocorridas no mesmo dia.¹⁰²

Não foi o caso da edição do dia 25 de fevereiro de 1958 do jornal *O Estado de S. Paulo*, que noticiou a vitória de Arturo Frondizi em suas páginas 1 e 2. No entanto, apesar do enfoque inicial, o assunto voltaria a ser tratado apenas na página 10, ao lado justamente da notícia do sequestro de Juan Manuel Fangio. Dessa maneira, o piloto era transportado das páginas do noticiário esportivo para as páginas de informações e análises políticas.

¹⁰¹ Jornal *O Estado de São Paulo*, 25 de fevereiro de 1958, p. 1. Consultado em 1º de janeiro de 2020 no acervo digital do periódico.

¹⁰² LEÓN, Ángel Dámaso Luis. El deporte como propaganda revolucionaria: los secuestros de Fangio y Di Stéfano. In: *Historia y Patrimonio Cultural* – ICA '18. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, pp. 45-53. O sequestro terminou no dia seguinte com a libertação de Fangio, que foi impedido de participar do Grande Prêmio de Havana, organizado pelo ditador Fulgêncio Batista, e motivo pelo qual Fangio estava presente na capital cubana. O esportista declarou, no dia 25 de fevereiro, que fora bem tratado pelos sequestradores, recebendo reiterados pedidos de desculpas pelo ato violento. Nos anos seguintes, Fangio tornou-se amigo de alguns dos sequestradores e, em seu velório, foram enviadas condolências e coroas de flores em nome de Fidel Castro e do movimento revolucionário 26 de julho. Para mais informações sobre o acontecimento, ver: DUCHINI, Alejandro. “Fangio, sígame que esto es un secuestro”. *Página 12*, 23 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/97422-fangio-sigame-que-esto-es-un-secuestro>>. Acesso em 1º de janeiro de 2020. Além disso, há um relato escrito por um dos sequestradores, Arnol Rodríguez Camps, um livro chamado *Operación Fangio*, que inspirou a realização de filme homônimo de 1999.

De diferentes maneiras e em diferentes intensidades, o movimento revolucionário 26 de Julho e diversas outras “revoluções” permeariam as discussões e acontecimentos políticos – cotidianos ou não – ao redor do mundo nos anos vindouros, bem como as trajetórias e decisões de diversos personagens históricos seriam por eles influenciadas. Este capítulo questiona de que maneira os acontecimentos e contingências políticas dos anos 1960 em uma Argentina marcada pela polarização e pela violência política teriam afetado a condução dos trabalhos editoriais da EUDEBA e, por outro lado, que estratégias foram adotadas pela editora e seus respectivos diretórios e funcionários para lidar e negociar com os agentes políticos que sobre ela exerceram algum tipo de jurisdição no período.

Como abordamos no capítulo anterior, a EUDEBA foi criada em 1958 – após, portanto, o golpe de Estado que retirou do poder Juan Domingo Perón, a autointitulada “Revolução Libertadora” –, na esteira de um processo de “desperonização” da UBA e das universidades nacionais da Argentina. O perfil geral da editora delineou-se como uma espécie de “antiperonismo liberal”, que, tendo por base a confiança no papel exercido pelo livro e pela leitura como agentes de transformação humana e social, propôs uma estratégia editorial que preconizava a edição massiva e a popularização do livro como táticas centrais de ação. Para aquele grupo, a superação do peronismo passaria, portanto, por uma espécie de “ilustração” das massas.

Esse traço ideológico dialogava com o posicionamento antiperonista que grassava entre as classes médias intelectualizadas da Argentina em meados dos anos 1950. O historiador Sebastián Carassai propõe a tese de que um sentimento “iluminista” teria permeado a formação das classes médias argentinas. Dessa maneira, em meados do século XX, a valorização da autonomia intelectual despontava como um importante traço identitário dessa parcela da sociedade. Como sustenta Carassai em sua análise de memórias de membros das classes médias não-militantes dos anos 1970 (e que, portanto, eram mais jovens à época da ascensão do peronismo), o componente iluminista:

*se trata de la percepción de estos sectores medios [...] de sí mismos como sujetos autónomos y librepensadores; es decir, determinados nada más que por su voluntad a pensar y a obrar del modo en que piensan y obran. [...] El peronismo, experimentado como un régimen fascista, dictatorial, inmoral o anticultural, desafió tal autopercepción, eliminando (o amenazando con eliminar) esa autonomía.*¹⁰³

¹⁰³ CARASSAI, Sebastián. *Los años setenta de la gente común*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015, p. 28.

A crescente identificação das massas trabalhadoras da Argentina com Juan Domingo Perón, iniciada durante sua gestão na Secretaria de Trabalho e Provisão nos anos 1940, bem como sua ascensão ao governo, em 1946, fizeram com que o caldo da cultura política das classes médias argentinas entrasse em ebulição.

Perón foi eleito pelo voto universal masculino no dia 24 de fevereiro de 1946. Seu governo, entretanto, foi permeado por práticas associadas a ideários e regimes políticos autoritários e antidemocráticos. A aparente oposição entre democracia e liberdade pode soar estranha. No entanto, em um período histórico marcado por “democracias adjetivadas” – e aqui nos apropriamos de um conceito cunhado por Patrícia Funes –,¹⁰⁴ tal fenômeno torna-se mais palpável. Perón reivindicava para si uma democracia que legitimava suas decisões na relação entre o governante e o “povo”, ente genérico transformado em representação da pátria, que, por sua vez, também era associada ao governante e a personagens a ele relacionados – como a primeira dama Eva Perón. Tal concepção de democracia chocava-se com a concepção democrática liberal, tradicionalmente associada ao pensamento ilustrado, que prevê, em linhas gerais, a separação entre Estado e governante e preconiza a racionalização da relação entre ele e os cidadãos do país. A democracia era reivindicada por diferentes participantes da luta política e social. Ela podia ser “pura” e/ou “nacional” e/ou “autoritária”. Os adjetivos variavam conforme o espectro político e as intenções dos enunciadores. Para grande parte das classes médias argentinas, o peronismo passou a representar a negação das virtudes democráticas. Aos olhos desse grupo, portanto, a democracia passava a ser considerada um substantivo incompatível com o adjetivo “peronista”.

Para o historiador Loris Zanatta, contudo, a democracia peronista alimentava-se de um substrato cultural no qual o liberalismo e suas características intrínsecas eram vistos como elementos exógenos. Zanatta afirma:

*en ese sentido, el peronismo tomó ventaja para su credibilidad democrática de la escasa capacidad que había tenido el liberalismo argentino de ampliar las bases de su sistema institucional, integrando a las clases sociales emergentes, y sobre todo de la superficialidad con que el ethos liberal había sido adoptado por la sociedad argentina. Superficialidad que en gran medida se puede imputar a su vez a la sólida y antigua **tradición holística** del mundo colonial hispánico, reforzada por los orígenes en gran parte latinos y católicos de la población inmigrante.*¹⁰⁵

¹⁰⁴ FUNES, Patrícia. *Las ideas políticas en América Latina*. México, D.F.: El Colegio de México, 2014, p. 146.

¹⁰⁵ ZANATTA, Loris. El peronismo clásico y la vía holística a la democracia. In: NOVARO, Marcos (org.). *Peronismo y democracia: historia y perspectivas de una relación compleja*. Buenos Aires: Edhasa, 2014, p. 85 (grifo nosso).

A “via holística” para a democracia construída por Perón encaixava-se, dessa maneira, no contexto em que estava inserida e respondia a anseios de grandes parcelas da sociedade argentina – em especial dos trabalhadores das grandes cidades, que enxergavam em Perón um líder que, pela primeira vez, olhava para eles como parte do “povo” argentino. Para integrá-los à “pátria” e ao mesmo tempo manter-se como equivalente dela, Perón utilizava um princípio de homogeneidade, que, nas palavras de Zanatta, “*lo lleva a interpretar los disentimientos y los conflictos que atraviesan a la sociedad como patologías de un organismo que, para defenderse, debe curarlas y extirparlas*”.¹⁰⁶ Com isso, o peronismo visava a diminuir o papel do indivíduo no tecido social, colocando a pátria como ente máximo e condicionando a existência social ao pertencimento a ela.

Nesse sentido, é instrutivo o exemplo analisado pela historiadora Maria Helena Rolim Capelato em seu livro *Multidões em cena* do simbolismo construído para o “17 de outubro de 1945”, dia em que milhares de argentinos mobilizaram-se e foram à Praça de Maio para declarar seu apoio ao general Juan Domingo Perón, que havia sido colocado sob custódia pelo exército. Se, de fato, nesse dia as multidões invadiram a praça, a libertação de Perón, como esclarece Samuel Amaral, foi decidida pelo alto comando do exército como uma forma de evitar a enorme greve geral que estava sendo organizada pela CGT para o dia seguinte.¹⁰⁷ Apesar disso, o evento ganhou proporções maiores no imaginário construído pelo peronismo, sendo comparado a outra data emblemática da história argentina, como afirma Capelato:

A propaganda peronista insistia na ideia de que em 1810 o povo exigira a independência da metrópole e em 1945 exigia a independência das potências estrangeiras e de seus sócios, as oligarquias nacionais. Perón era identificado como San Martín e os dois libertadores se encontravam, através do culto da história, na Praça de Maio.¹⁰⁸

Na narrativa peronista, fazer parte da nação implicaria, simbolicamente, ser parte do “povo” que foi – e continuava a ir anualmente, nas celebrações do Dia dos Trabalhadores – à Praça de Maio apoiar o líder. Por sua vez, ao alinharem-se à Revolução Libertadora de 1955 e destituírem Perón do poder, as classes médias argentinas alimentavam-se de (e alimentavam)

¹⁰⁶ ZANATTA, Loris. El peronismo clásico y la vía holística a la democracia. In: NOVARO, Marcos (org.). *Peronismo y democracia: historia y perspectivas de una relación compleja*. Buenos Aires: Edhasa, 2014, p. 93.

¹⁰⁷ AMARAL, Samuel. La democracia y los orígenes del peronismo. In: NOVARO, Marcos (org.). *Peronismo y democracia: historia y perspectivas de una relación compleja*. Buenos Aires: Edhasa, 2014, pp. 67-69.

¹⁰⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 54.

uma narrativa que acusava o peronismo de roubar sua autonomia. Defendendo – ao menos discursivamente – os valores liberais e ilustrados, chamaram a si mesmos de libertadores e propuseram-se a combater os males que associavam ao peronismo.

Passada a euforia de setembro de 1955, impunha-se a necessidade de articular a construção da nova “ordem”. Nesse processo, a desperonização dava o tom dos trabalhos. No campo político, a proscrição de Perón e do peronismo instituída em 1955 levou ao exílio do antigo governante e à proibição oficial da participação organizada do peronismo no processo político argentino. Entretanto, os “libertadores” logo tomaram ciência de que Perón e o peronismo fariam parte orgânica da vida política argentina pós-1955.

Orgânica e, em muitos casos, violenta. Foi o caso da rebelião militar liderada pelo general Juan José Valle em junho de 1956. Ainda que as manifestações públicas dos militares sublevados enfocassem o retorno à ordem democrática como pauta e não mencionassem Perón, o movimento recebeu apoio e teve participação difusa de peronistas. Era o momento de uma reorganização estratégica do peronismo, e vácuos de liderança surgiam em diferentes níveis. A repressão do governo provisório – e militar, comandado pelo presidente *de facto* Pedro Eugenio Aramburu, lembre-se – ao levante foi violentíssima, resultando na detenção e fuzilamento de diversos participantes e de outras pessoas consideradas suspeitas de envolvimento com o caso.¹⁰⁹ O levante de Valle e a reação dos governantes – faces visíveis, então, da Revolução Libertadora – permitem vislumbrar a penetração da violência nas fímbrias da vida social e política da Argentina dali em diante.

A heterogeneidade de posições fazia-se presente também entre os grupos que apoiaram e executaram a Revolução Libertadora. Tais atores políticos protagonizaram, entre 1955 e 1966, um período nomeado por determinada franja da historiografia como “o empate”.¹¹⁰ O poder fora tirado de Perón, mas não havia nenhum grupo com força ideológica ou política suficiente para construir uma hegemonia e conduzir com suficiente tranquilidade a reorganização das instituições nacionais.

Dessa forma, a proscrição de Perón e do peronismo da política nacional, medida tida como inexorável pelas forças condutoras da Revolução Libertadora, tornou-se também um ponto de tensão. Como argumenta Luis Alberto Romero, tal proscrição “*definió una escena*

¹⁰⁹ O episódio deu origem a uma importante reportagem de Rodolfo Walsh que resultou no livro *Operación Masacre*, publicado em 1957. Proporcionou, também, um substantivo massivamente usado nos meios peronistas (até hoje) para se referir à Revolução Libertadora: “*La Fusiladora*”.

¹¹⁰ A expressão é do historiador Juan Carlos Portantiero e foi utilizada também por Luís Alberto Romero em seu manual de história da Argentina contemporânea.

política ficticia, ilegítima y constitutivamente inestable, que abrió el camino a la puja – no resuelta – entre las grandes fuerzas corporativas”.¹¹¹ Iniciou-se, apropriando-nos de uma expressão cunhada pelo cientista social Guillermo O’Donnell em sua análise das disputas e negociações partidárias do período, um “jogo impossível”¹¹² no qual a legitimação do poder dos “libertadores” dependia de sua influência sobre os apoiadores de Perón, que estavam proscritos enquanto membros do peronismo e mantinham-se fiéis a seu líder.

No campo da política institucional, o regime militar iniciado em 1955 anunciava-se como provisório ao propor a realização de uma assembleia constituinte e posteriores eleições, nas quais o poder seria entregue aos políticos civis. A aparente solidez desse propósito não resiste a um olhar mais detido. Poderíamos limitarmo-nos, aqui, ao supracitado levante do general Juan José Valle (1956) como exemplo de dissensão interna das forças armadas. No entanto, já em novembro de 1955 – dois meses, portanto, após o golpe de Estado que derrubou Perón –, o general Pedro Eugenio Aramburu, em comum acordo com os setores mais conservadores do antiperonismo, retirou do poder o general Eduardo Lonardi, que havia comandado o golpe e fazia parte de uma facção das forças armadas que acreditava na retirada de Perón como elemento suficiente para a mudança da realidade argentina. Aramburu, por sua vez, reverberava o pensamento de que o aparato peronista deveria ser totalmente destruído para que o sistema político fosse saneado. Desse modo, enquanto esteve no comando do país, proibiu toda e qualquer propaganda favorável ao peronismo e, no decreto em que instituiu essa regra, afirmou também que estaria proibida a utilização de “*imágenes, símbolos, signos, expresiones significativas, doctrinas, artículos y obras artísticas*”¹¹³ que fossem representativos do movimento.

A retirada de Lonardi do poder ateou fogo a um dos polos peronistas mais importantes do país: o sindicalismo. Em um primeiro momento, imediatamente após o golpe de 1955, os sindicatos controlados pelos peronistas entraram em uma espécie de compasso de espera. Ao mesmo tempo que denunciavam a derrubada de seu líder, aguardavam os sinais do governo provisório e do próprio Perón no exílio. Nesse momento, Lonardi propunha negociar um pacto que retirasse das lideranças sindicais os elementos mais fiéis a Perón, sem que fosse feita,

¹¹¹ ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015, pp. 156-157.

¹¹² O’DONNELL, Guillermo. *Modernization and Bureaucratic-Authoritarianism: studies in South American Politics*. Berkeley: Institute of International Studies, 1973, p. 169.

¹¹³ Decreto-lei 4161, assinado por Pedro Eugenio Aramburu em 5 de março de 1956. Retirado de: NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 14.

entretanto, uma intervenção militar em tais organizações. Em seu discurso de posse, proferido na Praça de Maio em 23 de setembro de 1955, afirmou que “*los sindicatos serán libres y las legítimas conquistas de los trabajadores serán mantenidas y superadas*”.¹¹⁴

Já sabemos, entretanto, que Lonardi não permaneceu como condutor dos trabalhos do governo provisório. A ascensão de Pedro Aramburu e a radicalização da proscrição ao peronismo provocou uma série de greves, boicotes e protestos por parte das centrais sindicais. A reação governamental foi violenta e houve intervenção no principal eixo de ação peronista no meio sindical: a *Confederación General de los Trabajadores* (CGT). A partir desse momento, a mão de Perón, que estava exilado, pôde ser observada com mais clareza ao tentar imprimir – por meio de seus correspondentes na Argentina – o ritmo e as estratégias de ação dos sindicatos. Como momento culminante desse processo, podemos citar o congresso da CGT realizado em 1957, no qual um grupo alinhado a Perón logrou assumir as rédeas da organização. Esse grupo seria conhecido como “*Las 62 Organizaciones*” e ocuparia a hegemonia da CGT nos anos vindouros. Daí em diante, como analisa Daniel James, a relação entre sindicatos e governo será pautada pela oscilação entre a “resistência” e a “integração”.

Essa oscilação é mais matizada do que parece, e não respeita uma ordem linear ou cronológica. Em todos os momentos, houve grupos e movimentos dentro do espectro sindical que pretendiam alcançar ambas as extremidades. Havia “integração”, no sentido de privilegiar as negociações de cúpula entre os sindicatos laborais, patronais e o governo, e havia, ao mesmo tempo, “resistência”, na qual podemos inserir os intentos de combate – violento ou não – ao regime instituído. Dessa maneira, pode-se observar a história do sindicalismo para além da obediência ou não aos ditames de Perón. Em seu trabalho sobre a classe operária argentina após 1955, Daniel James ressalta “*la notable capacidad de la clase trabajadora argentina para actuar por sí misma, para crear organizaciones en el plano de las bases y para organizar la resistencia contra la represión social y política*”, pontuando também que:

*esa vitalidad y resistencia no excluían la desmovilización, la pasividad y la aceptación de la necesidad, así fuera temporariamente, de alcanzar una integración al sistema según lo que dictaran las circunstancias y la experiencia.*¹¹⁵

¹¹⁴ Discurso do general Eduardo Lonardi proferido em 23 de setembro de 1955. Retirado de: VERBITSKI, Horacio. *Medio siglo de proclamas militares*. Buenos Aires: La Página, 2006, p. 67.

¹¹⁵ JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, p. 343.

É importante, assim, reconhecer o protagonismo e a consciência de classe dos trabalhadores, que não estavam submetidos necessariamente a alguma ideologia ou liderança política e participaram ativamente dos processos históricos ocorridos na Argentina após 1955.

As tensões também estiveram presentes em outro evento importante do processo democrático: a assembleia constituinte. Em julho de 1957, ocorreram as eleições para a reunião, e o peronismo, apesar das proscritões e perseguições que lhe haviam sido aplicadas, mostrou sua força novamente: Perón havia convocado seus simpatizantes a votarem em branco, e 24% dos votantes argentinos assim o fizeram.¹¹⁶ Desse modo, a constituinte ocorreria com a marca da presença peronista. Assim o foi, não apenas devido ao grande número de votos em branco, mas também porque a temática do peronismo permeou os debates em diferentes momentos. Um exemplo disso foi a discussão sobre a revogação da Constituição de 1949, promulgada durante o governo de Perón. Apesar do quase consenso a respeito de sua derrubada – tanto como símbolo quanto como prática peronista –, os grupos participantes da assembleia divergiram sobre a abrangência do desmonte que seria executado. Tais divergências explicam-se: era necessário derrubar o texto, mas nem todos desejavam acabar com muitos dos direitos sociais e sindicais conquistados ao longo dos governos peronistas. A assembleia constituinte era composta por políticos eleitos pelo voto, os quais necessitavam, assim, da legitimação de seus posicionamentos nas decisões para manter seu prestígio e sua elegibilidade futura.

A maior força dentro da constituinte pertencia aos políticos ligados à *Unión Cívica Radical* (UCR), que apoiara o golpe de 1955 e apresentava-se como uma espécie de sucessora ideal para o processo de derrubada de Perón. No entanto, à época da eleição da assembleia, o partido já havia sido dividido em dois: UCRI (*Unión Cívica Radical Intransigente*), liderada por Arturo Frondizi, e UCRP (*Unión Cívica Radical del Pueblo*), liderada por Ricardo Balbín. A UCRP manteve uma linha de ação que defendeu a manutenção das proscritões ao peronismo, enquanto os intransigentes reivindicavam o legado social-popular de Hipólito Yrigoyen, que fora presidente da Argentina por duas vezes no início do século XX pela UCR. Tal reivindicação, atualizada à ordem do dia, levou Frondizi a defender que a constituição de 1949 não fosse derrubada e que fossem mantidas diversas regras e determinações trabalhistas criadas por Perón. Dessa forma, associava o legado de seu partido às conquistas do governo peronista que possuíam muitos defensores entre a população. Frondizi percebera algo importantíssimo: enquanto o peronismo estivesse oficialmente proscrito, quem atraísse seus votos triunfaria.

¹¹⁶ NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 31.

Assim, lançou-se em uma estratégica arriscada, mas também eficaz, nas palavras de Luis Alberto Romero:

*Con un discurso moderno, referencias claras a los problemas estructurales del país y una propuesta novedosa, que llenaba de contenidos concretos los viejos contenidos radicales, nacionales y populares, se había convertido sin dificultades en la alternativa para las fuerzas progresistas y para un sector amplio de la izquierda.*¹¹⁷

Após a dissolução da assembleia constituinte, Frondizi foi candidato à presidência pela UCRI, sendo eleito em fevereiro de 1958 com 44,8% dos votos, grande parte deles advindos do eleitorado peronista. Se as negociações com os peronistas – entre eles um acordo secreto feito com Perón visando a derrubada futura das proscricções ao movimento – garantiram a vitória nas urnas, elas também o obrigariam a cumprir seus combinados. E as dificuldades não paravam por aí. A historiadora Catalina Smulovitz pontua que:

*si bien los militares sabían que alguien iba a recibir los votos peronistas, también sabían que la estrategia desarrollada por Frondizi había obturado la posibilidad de construir un frente antiperonista poderoso y determinado el fracaso de los objetivos iniciales de la Revolución Libertadora. Consiguientemente, Frondizi, como responsable de estos fracasos, era una figura que debía ser vigilada de cerca.*¹¹⁸

Além disso, Smulovitz afirma que existiam ao menos outros dois elementos principais de instabilidade no governo que se iniciava: a precariedade do apoio peronista e a animosidade política provocada pela forma como fora efetuada a cisão da UCR, fato que dificultaria a construção futura de acordos políticos. O governo começaria sob fortes tensões e polifônicas expectativas.

Por esse motivo, Frondizi apostou alto em seus primeiros meses de governo, lançando medidas que buscavam equilibrar os interesses de seu amplo espectro de apoiadores: aumentou em 60% os salários no país, retirou as proscricções políticas aos seguidores de Perón – mas não ao próprio Perón nem a seu partido –, sancionou uma lei de associações profissionais que emulava outra lei aprovada em 1945, sob a égide de Perón, além de conceder liberdade de organização sindical. Os malabarismos de Frondizi, no entanto, apenas amenizaram os sinais

¹¹⁷ ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015, p. 161.

¹¹⁸ SMULOVITZ, Catalina. *Oposición y gobierno: los años de Frondizi – I*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988, p. 37.

da tempestade que se avizinhava. Os raios e trovões voltariam com força total tempos depois, em um processo de desgaste político simbolizado pela “*batalla del petróleo*”.

Em 1954, já como presidente do Comité Nacional da UCR, Arturo Frondizi, dando continuidade a seu trabalho como intelectual, publicou um livro chamado *Petróleo y política*. Essa obra inseriu Frondizi em um campo analítico da economia e da realidade argentina que se identificava com as premissas de um nacional desenvolvimentismo alinhado com muitas das reflexões propostas por intelectuais ligados à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) da ONU. Fundada em 1948, a CEPAL produzia, naquele momento, reflexões sobre a situação das Américas, e a principal linha de análise era o desenvolvimentismo (“*desarrollismo*”). Seguindo a síntese proposta por Celia Szusterman, os princípios centrais do desenvolvimentismo cepalino podem ser assim elencados:

a) nacionalismo anti-dependente; b) capitalismo modernizante; c) integración regional; d) “esfuerzo” nacional [*national effort*]; e) expansão do mercado interno; f) absorção da força de trabalho; g) elevação do nível tecnológico; h) criação endógena de tecnologia.¹¹⁹

Dos sete capítulos em que se divide o livro de Frondizi, o mais instigante para aproximarmos-nos de seu nacional desenvolvimentismo é a introdução do livro, intitulada “*La lucha antiimperialista como etapa fundamental del proceso democrático de América Latina*”. Em 70 páginas, o autor desenvolve uma série de argumentos que buscam expor as mazelas provocadas pela dominação estrangeira sobre a economia nacional – em especial sobre o petróleo –, a importância da luta anti-imperialista e um interessante desfecho em que é valorizada a ação democrática como forma privilegiada de atuação – o que não é de todo espantoso, vindo de um dirigente da UCR. À página 50 da introdução, Frondizi afirma:

*Una acción verdaderamente nacional no puede estar basada en ninguno de los grupos imperialistas. Para nosotros, no existen imperialismos buenos ni malos, pues todos son malos, lo que nos obliga a luchar por una orientación independiente que asegure los intereses de la nación y del pueblo por sobre todas las cosas.*¹²⁰

No entanto, alguns anos haviam se passado, e Frondizi agora ocupava o cargo de Presidente da República. Para a consecução de uma política desenvolvimentista plena,

¹¹⁹ SZUSTERMAN, Celia. *Frondizi and the Politics of Developmentalism in Argentina – 1955-1962*. Houndmills: The Macmillan Press, 1993, p. 82 (tradução nossa).

¹²⁰ FRONDISI, Arturo. *Petróleo y política*. Buenos Aires: Editorial Raigal, 1955 (1ª edição 1954), p. L (50 da introdução).

convencera-se o mandatário, era necessário utilizar o dinheiro advindo da exploração de petróleo, ainda que a YPF (*Yacimientos Petrolíferos Fiscales*, empresa petrolífera estatal argentina) não possuísse infraestrutura suficiente para prover o abastecimento nacional. Dessa forma, influenciado pelo desenvolvimentismo mais pragmático de seu secretário de Relações Socioeconômicas, Rogelio Frigerio,¹²¹ Frondizi defendeu que deveria ser feita uma capitalização do país, abrindo espaço para a participação estrangeira na economia, o que ocorreu por meio de acordos com multinacionais e de empréstimos concedidos pelo Fundo Monetário Internacional, o FMI. Tudo isso nos primeiros meses de governo.

A tensão eclodiu. No dia 2 de maio de 1961, o jornal *La Nación* publicava que “*un vasto sector de la zona céntrica y de los barrios de Constitución, Monserrat y San Telmo*” fora alarmado na noite anterior por três explosões de bombas colocadas em frente às igrejas de Santa Catarina, Imaculada Conceição e em frente à Catedral Metropolitana de Buenos Aires.¹²² No que diz respeito à Catedral, o texto da matéria jornalística toma a licença de lamentar que o atentado tenha apagado “*la lámpara votiva que perpetúa la memoria del Soldado Desconocido*”, associando a onda de violência a uma ofensa contra a nação. Na mesma noite, bombas explodiram em um jardim de infância, no escritório de uma companhia inglesa de aviação e em uma escola chamada *Instituto de Profesores de Enseñanza Norteamericana*. Nenhum dos ataques provocou vítimas fatais. É instigante a aparente frieza com que narra os fatos a matéria jornalística. Para além de exercício de presumida imparcialidade – permeada aqui e ali por juízos de valor sobre o caráter “*vandálico*” dos atentados –, isso pode indicar uma espécie de normalização das práticas violentas na sociedade argentina, que se tornavam cada vez mais corriqueiras e anônimas, sendo praticadas por atores de praticamente todos os espectros de identificação política.

Os sindicatos alinhados ao peronismo opuseram-se às políticas presidenciais e decretaram diversas greves, reprimidas pelas forças policiais. Estas, inclusive, não ficaram atrás em termos de movimentação: entre 1958 e 1962 ocorreram nada menos que 32 sublevações militares contra o governo de Frondizi. Os grupos ligados à esquerda e ao nacionalismo peronista acusavam o presidente de traição e retiravam-lhe seu apoio. Arturo Jauretche,

¹²¹ Uma análise aprofundada das relações entre Arturo Frondizi, Rogelio Frigerio, o peronismo e o desenvolvimentismo pode ser consultada em: BOSSIO, Horacio García. *¿Qué nos hace más Nación?: desafíos del desarrollismo frondicista-frigerista*. Remedios de Escalada: EdUNLa Cooperativa, 2014.

¹²² Retirado de *La Nación*, 2 de maio de 1961, p. 10. Consultado na hemeroteca da Biblioteca Nacional de La Nación Argentina.

importante jornalista, intelectual e militante peronista, ainda no início do governo de Frondizi, apontava:

*Todo el aparato antinacional, que ha perdido con Balbín, quiere ahora ganar con Frondizi y se ha puesto en marcha. [...] Le han creado a Frondizi condiciones económicas y sociales catastróficas que han estado en las previsiones de Prebisch y sus ejecutores para que se crea que no se puede hacer nada sin la panacea postiza de lo extranjero. [...] Donde demuestre la menor debilidad, la menor vacilación, lo apretarán, colocándose en protectores.*¹²³

Dois anos depois, um angustiado Jauretche anotaria em um memorando pessoal:

*Fui culpable de la elección de Frondizi. Había que definirse. O seguía la revolución libertadora o seguía una línea popular. Lo malo fue que luego, ya presidente, con Frigerio, nos traicionó.*¹²⁴

Consideramos importante ressaltar que a “traição” atribuída a Frondizi pode ser matizada se analisarmos mais detidamente outros trechos de seu *Petróleo y Política*. Em determinado momento, ele afirma que

*El antiimperialismo no debe llevarnos a sostener que no se debe tener relaciones económicas con las grandes potencias [...]. Debemos tender a incrementar el comercio con los países de América Latina sin perjuicio de comerciar con todos los países del mundo, sin excepción. [...] No hay que olvidar que el antiimperialismo presupone rápido desarrollo económico y elevación del nivel de vida de la población. En otras palabras, no es antiimperialismo encerrarse para vivir en la pobreza.*¹²⁵

De certa forma, o governo de Frondizi aplicou esses pressupostos gerais de sua teoria, seguindo ainda uma concepção política que afirmava que “*en la política económica no interesa el propósito de los actos [...] sino el resultado concreto de la política que se siga*”.¹²⁶

O resultado, no início da década de 1960, não parecia satisfatório. A oposição a Frondizi cresceu com o passar do tempo. Suas medidas econômicas não desafogaram a economia argentina e seu malabarismo para se manter no poder continuava. Em 1961, encontrou-se com

¹²³ Arturo Jauretche. Artigo publicado na revista *Qué*, em 6 de maio de 1958. *Apud*: GALASSO, Norberto. *Jauretche: biografía de un argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2014, p. 134.

¹²⁴ Arturo Jauretche. Memorando pessoal. Archivo Arturo Jauretche. *Apud*: GALASSO, Norberto. *Jauretche: biografía de un argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2014, p. 133.

¹²⁵ FRONDIZI, Arturo. *Petróleo y política*. Buenos Aires: Editorial Raigal, 1955 (1ª edição 1954), pp. LIX-LX (59-60 da introdução).

¹²⁶ Idem, *ibidem*, p. LXI (61 da introdução).

Ernesto “Che” Guevara, então ministro do governo cubano, e com Jânio Quadros, então presidente do Brasil, aumentando a desconfiança de setores da elite econômica e do exército acerca do real posicionamento político do presidente.

Em 1962, ocorreram eleições provinciais, e o peronismo venceu nas principais localidades. Frondizi tentou manejar a situação, interveio nas províncias, negociou com os partidos de sua base, mas a queda veio: em 28 de março de 1962, o exército depôs o presidente, que ainda conseguiu organizar sua substituição por José María Guido, presidente do Senado, que governou até a realização de novas eleições em julho de 1963, nas quais foi eleito um político da UCR del Pueblo, Arturo Illia, cujo mandato começou em outubro do mesmo ano. Um dado não pode passar despercebido: Illia foi eleito com 25% dos votos. Em segundo lugar, 17% de votos em branco – coordenados por Perón no exílio –, e em terceiro lugar, com 16%, a UCRI. O restante dos votos foi dividido entre outros cinquenta partidos nacionais e provinciais.¹²⁷ Tal cenário é representativo da extrema beligerância política que grassava na Argentina do início da década de 1960.

Desde seu princípio contestado e com pouca legitimidade reconhecida perante a sociedade argentina, o governo de Illia foi marcado por sucessivas crises. Carlos Altamirano afirmou que sua administração foi:

*enfrentada por el peronismo, que no dejaría de recordar que el gobierno era producto de una elección con proscripciones, tampoco hallaría apoyo en las asociaciones empresarias, ni en los órganos de prensa del liberalismo, que la atacarían por su indulgencia frente a la acción sindical y por su adhesión al intervencionismo estatal y al nacionalismo económico, esto es, por su fidelidad a lo que había cristalizado como acervo ideológico de la intransigencia radical.*¹²⁸

Altamirano argumenta que, durante o governo de Arturo Illia, começou a despontar na sociedade argentina um sentimento de necessidade de mudança, um “*cambio imperativo*”, nas palavras do autor.¹²⁹ Era uma sociedade que havia passado por mudanças rápidas e incorporado diversas características da modernidade de meados do século XX. De acordo com Marcos Novaro, o aumento do número de ricos “*ejecutivos*” das grandes empresas, por um lado, e das “*villas*” (favelas) nas grandes metrópoles argentinas, por outro, é um símbolo dessas

¹²⁷ Dados citados em BONAVERA, Pablo (org.). *Orígenes y desarrollo de la guerra civil en la Argentina*. Buenos Aires: EUDEBA, 1998, p. 42.

¹²⁸ ALTAMIRANO, Carlos. *Bajo el signo de las masas – 1943-1973*. Buenos Aires: Ariel, 2001, p. 77.

¹²⁹ Idem, *ibidem*, p. 76.

mudanças.¹³⁰ A modernização chegara, mas seus efeitos não podiam ser acessados por todas as camadas da sociedade nacional. A época poderia ser caracterizada, em suma,

*por la mutación acelerada de las expectativas, el abandono de viejas costumbres, la diferenciación social y, a raíz de todo ello, la incertidumbre. Esto produjo un hondo impacto en la percepción del mundo y de la situación que vivía la sociedad argentina, hasta entonces estable y cerrada.*¹³¹

Um dos fatos que entrou com todas as forças no imaginário político argentino foi a Revolução Cubana. Concretizada a tomada do poder pelas tropas de Fidel Castro e declarado o caráter socialista da revolução, o medo que inspirava na direita argentina transcendia, agora, a preocupação com o sequestro de Juan Manuel Fangio, como vimos na abertura do capítulo. A desigualdade social existente na Argentina e a possibilidade da revolução socialista como possível solução para tal quadro pareciam mais próximas do que nunca. Oscar Terán, ao comentar a suposta “traição” de Arturo Frondizi enquanto presidente da Argentina, afirma que esse feito causou uma grande confusão entre aqueles que haviam cerrado fileiras para apoiá-lo, em especial entre as esquerdas. Estas, que confiaram em seu anti-imperialismo, passaram a questioná-lo como pró-imperialista.¹³² Aos poucos, durante o início dos anos 1960, o modelo de luta anti-imperialista passa a ser a Revolução Cubana, transformada em formato de ação para a América Latina especialmente pelos textos de Régis Debray. Nas palavras de Terán:

*Debray descalifica como vías muertas para el acceso al poder tanto el golpe militar populista como la acción de masas pura, a las que contrapone la teoría del foco de Guevara, quien en La guerra de guerrillas consideraba que el proceso cubano había aportado tres evidencias fundamentales a la doctrina revolucionaria: las fuerzas populares pueden ganar una guerra contra el ejército; no es necesario que estén dadas todas las condiciones para el asalto al poder, puesto que el foco puede crearlas, y en América Latina el terreno de la lucha armada debe ser el campo.*¹³³

Em uma sociedade que desconfiava cada vez mais da capacidade das estruturas políticas democráticas e tradicionais de resolver os conflitos e desigualdades existentes, propostas como o foquismo de Ernesto “Che” Guevara abriam uma possibilidade de ação vista como essencial por alguns setores da esquerda e do peronismo. Foi o caso de alguns universitários que tentaram criar um movimento de guerrilha em Taco Ralo, na província de Tucumán, em 1964. O governo

¹³⁰ NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 50.

¹³¹ Idem, *ibidem*, p. 53.

¹³² TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, p. 178.

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 184.

de Illia, utilizando a prerrogativa da Doutrina de Segurança Nacional, debelou o movimento e reprimiu os participantes. No entanto, a ideia se espalhou. No mesmo ano de 1964, nasceram o *Movimiento Revolucionario Peronista* (MRP) e as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), que fizeram poucas ações práticas e se extinguiram em 1966, mas inspiraram o surgimento de outras organizações de guerrilha.¹³⁴

A baixa confiança na democracia não possuía adeptos apenas dentro das esquerdas. Nos órgãos de imprensa alinhados às direitas argentinas pululavam análises que caracterizavam o presidente como um líder fraco, incapaz de responder aos desafios impostos pela realidade nacional e estrangeira. O exemplo mais bem-acabado de tal cenário é a revista *Primera Plana*, ligada a interesses majoritariamente conservadores, que contribuiu para a construção da imagem de Illia como um presidente débil. Sobre isso, é instigante o exemplo oferecido pelas primeiras tirinhas da personagem Mafalda – criada por Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino – publicadas na revista entre 1964 e 1965. Nelas, há a utilização de elementos humorísticos que, em consonância com o discurso construído pelas matérias da revista, exibem a imagem do presidente de maneira negativa.¹³⁵ Tal fato reverberou, inclusive, na seleção das tirinhas que seriam publicadas em compilações vindouras e suscitou um *mea culpa* do cartunista:

*Por último, y aquí se impusieron criterios de tipo político, tampoco fueron incluidas las tiras que aludían, con la inevitable sorna del momento, a las limitaciones del gobierno del doctor Illia. El mismo Quino explica que 'tanto por la ignorancia que teníamos acerca de las reglas del juego democrático como por la misma precariedad de estas democracias nos convertimos, sin desearlo, en los mejores aliados del enemigo.'*¹³⁶

Primera Plana também foi um órgão de imprensa ligado a uma das principais facções do exército argentino: os *azules*. Seus opositores, os *colorados*, defendiam um antiperonismo estrito e agressivo, enquanto os *azules* colocavam-se como legalistas. No entanto, mantinham-se atentos às movimentações de Illia, das esquerdas e dos grupos políticos de uma Argentina que nada tinha de pacífica. Uma das figuras mais proeminentes dessa facção era o Comandante em Chefe das Forças Armadas, Juan Carlos Onganía.

O crescimento da radicalização, associado ao fortalecimento das esquerdas revolucionárias e às disputas pelo poder dentro do peronismo, tudo isso acrescido de um

¹³⁴ NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 71.

¹³⁵ Cf.: QUINO. *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1993, p. 543.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p. 533.

sentimento generalizado, crescente entre as classes altas e médias da sociedade, de que os valores tradicionais de sua existência estavam ameaçados, instaram os militares a consolidar seu papel tutelar sobre o país. Onganía afirmou, em 1964, ao discursar na Conferência dos Exércitos Americanos, que os militares argentinos estavam “*alineados en la causa común de América: defender nuestro sistema de vida occidental y cristiano contra los embates del totalitarismo rojo*”.¹³⁷ Essa “causa” e a ideia de ter os militares como tutores passaram a encontrar cada vez mais eco na sociedade, e a defesa de um golpe de Estado para “salvar” o país ganhou grande repercussão e foi levada a cabo em 28 de junho de 1966. O exército retirou Illia do poder e entregou a presidência a Juan Carlos Onganía, já aposentado, mas tido como uma liderança importante do movimento e dos militares. Tal movimento autodenominou-se “Revolução Argentina”.

Nesse ambiente social e político conturbado, transcorria a experiência da primeira gestão da EUDEBA. Como aludimos no primeiro capítulo, a editora foi criada como uma forma de difundir o conhecimento produzido pela universidade e construir um catálogo relevante para a cultura nacional, com o objetivo, ademais, de quebrar barreiras entre a universidade e a sociedade argentina com uma política editorial focada em edições acessíveis e baratas. No entanto, a EUDEBA não estava imune às batalhas ideológicas e políticas de seu tempo, a começar pelo intrínseco viés antiperonista do projeto em cujo escopo se inseria – a saber, o projeto da assim proclamada Revolução Libertadora.

Desde o informe feito por Arnaldo Orfila Reynal para planejar e projetar a criação e o funcionamento da editora, havia uma forte preocupação com as relações entre Estado e política editorial. Tal preocupação manifestou-se especialmente no âmbito administrativo. Na primeira página do informe de Orfila Reynal é sugerida uma organização jurídica que tenha por base o princípio de conceder “*plena autonomía de funcionamiento*”¹³⁸ à editora. Dois dias depois da entrega do informe, em 2 de junho de 1958, Orfila Reynal protocolou na UBA um memorando intitulado “*Sobre la organización jurídica de la Editorial Universitaria*”, a ser entregue ao reitor Risieri Frondizi. Ao invés de subordiná-la totalmente à universidade – e, consequentemente, ao Estado –, o memorando sugere, apoiando-se em uma breve análise feita

¹³⁷ Juan Carlos Onganía. Citado por *La Razón*, 22 de setembro de 1965. *Apud*: NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 81.

¹³⁸ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. 31 de maio de 1958, p. 1. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

pelo professor da Faculdade de Direito da UBA, Dr. Ignacio Winizky, que o melhor regime para o funcionamento da editora é ser uma Sociedade de Economia Mista (S.E.M.), na qual haveria divisão de capital entre o Estado e acionistas privados. Desse modo, livrar-se-ia a editora de possíveis travas impostas pelas “*obligaciones de la función oficial*”,¹³⁹ que poderiam impedi-la de cumprir aquilo a que se propunha. Ademais, a criação de uma editora com autonomia em relação ao Estado tiraria dela a “marca” de órgão oficial, facilitando sua difusão comercial entre livreiros e público leitor. Para justificar a adoção de uma S.E.M. em uma empreitada intimamente ligada ao Estado argentino, o projeto afirma que o capital privado na sociedade da editora seria limitado a 1% entre acionistas escolhidos pelo Conselho Superior da UBA.

Em sua argumentação, Orfila Reynal enfoca a questão comercial, evocando as dificuldades que poderiam ser proporcionadas pela burocracia da máquina estatal na condução das compras de material e contratação de pessoal. Subjaz a possibilidade de que a independência reivindicada pelo memorando para a editora também se refira ao controle e à interferência política do Estado. Essa possibilidade ganha força ao analisarmos as palavras do professor Ignacio Winizky em um documento anexado ao memorando de Orfila Reynal. Nele, Winizky afirma que a forma de organização esperada para uma empresa ligada ao Estado seria o regime de “*Empresa de Estado*”, e cita dois artigos da lei que rege essa forma jurídica:

*Art. 2º: “Las empresas del Estado actuarán de acuerdo con lo que establezcan sus leyes de creación y los estatutos orgánicos que les fije el Poder Ejecutivo”.
Art. 3º: “Las empresas del Estado funcionarán bajo el control directo del Poder Ejecutivo a los efectos de la orientación de sus actividades, y no obstante cualquier disposición en contrario de las respectivas leyes orgánicas”.*¹⁴⁰

Acrescenta Winizky:

*Basta el enunciado de esas tres normas fundamentales para concluir en forma concluyente que ese régimen jurídico es inadaptable a los propósitos de crear una Editorial Universitaria por nuestra Universidad.*¹⁴¹

¹³⁹ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. Memorando anexo. 2 de junho de 1958, p. 2. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁴⁰ Expediente de Arnaldo Orfila Reynal ao reitor Risieri Frondizi. Documento anexo escrito pelo professor Ignacio Winizky. 2 de junho de 1958. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁴¹ Ibidem.

A conclusão de Winizky rechaça a possibilidade de adaptar os projetos da EUDEBA a uma lei que imporia o controle direto do Estado à editora. Dessa forma, pode-se inferir que, para além das questões burocráticas, a intenção do grupo que criou a EUDEBA ao adotar o sistema de S.E.M. era, também, protegê-la de eventuais investidas do poder estatal. Ao percorrer o contexto em que tais relatórios se inserem, torna-se ainda mais forte esse argumento, já que um dos grandes fantasmas vislumbrados pelos intelectuais antiperonistas do período era o grande poder exercido pelo Estado sobre os meios intelectuais (universidades, jornais, revistas, entre outros) durante o governo de Perón. Além disso, era sabido que o processo que levou à ascensão do grupo ligado a Risieri Frondizi dentro da UBA e ao início do movimento de desperonização foi iniciado justamente pela intervenção de um ente ligado intrinsecamente ao Estado: as Forças Armadas, que, com o golpe de setembro de 1955, depuseram Perón.

Na prática, tais debates se concretizariam na redação do primeiro estatuto societário da EUDEBA, assinado em 24 de fevereiro de 1959 – a sociedade fora oficialmente constituída em 24 de junho de 1958. Esse documento é composto por doze artigos que seguem à risca as determinações da Lei 12.962 (que ratificava o regime de sociedades de economia mista), mas que também incluem soluções adaptadas ao espírito do projeto que se visava a construir. Dessa forma, a EUDEBA é criada como uma pessoa jurídica de direito privado com capital misto. No entanto, há aqui uma regra inusitada: a composição desse capital previa que o montante em mãos de acionistas privados não passasse de 1% do total. O restante seria de posse da UBA. Determinam-se, também, as normas de administração da empresa, que seria encabeçada por um diretório composto por sete membros escolhidos pela Assembleia Geral com mandato de três anos e possibilidade de renovação. O diretório possuiria ampla liberdade para administrar a empresa em termos jurídicos e financeiros. No entanto, seu presidente seria indicado pela UBA e teria poder de veto em nome da universidade. Os acionistas teriam direito a receber dividendos advindos da atividade comercial da empresa, mas – e aqui também há um elemento adicionado pelos fundadores da editora – eles não poderiam exceder os juros bancários vigentes à época de seu pagamento.¹⁴²

Nota-se, nesses termos, a tentativa de construir uma empresa que estivesse livre das amarras – e, por que não?, das garras – do Estado, mas que, ao mesmo tempo, se mantivesse dentro dos ditames de uma empresa a serviço dos ideais de difusão cultural do grupo que coordenava a reestruturação da UBA. Desejava-se fugir da opressão tanto do Estado quanto do mercado, ao passo que nenhum dos dois era delineado como inimigo *a priori*. As ações privadas

¹⁴² Primeiro Estatuto da EUDEBA. Consultado no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

deveriam servir para constituir o regime de economia mista, não para enriquecer seus possuidores. Tal aspecto fica patente pelos documentos relativos a tais ações.

Em 1958, o estatuto da editora designou dez professores da UBA para serem os possuidores das ações privadas. Cada um possuiria o máximo de dez ações, recebidas no ato de fundação. Em carta à EUDEBA, datada de 2 de novembro de 1966 – após o golpe de Juan Carlos Onganía, portanto –, o professor Enrique Días de Guijarro, um dos fundadores da editora, solicita uma cópia de suas ações, alegando extravio. No mesmo comunicado, o então diretor Jorge Mayer pergunta a seu secretário se as ações se encontravam na editora. A resposta é positiva, e Mayer solicita seu envio a Guijarro, sem ordenar que se tire cópia, o que permite inferir que se tratava das ações originais, que nunca haviam saído dali. Ao mesmo tempo, as ações de Luis Eduardo Braun de Menéndez, outro dos fundadores, também nunca foram retiradas e puderam ser consultadas presencialmente durante a pesquisa. Um documento de 2004, também consultado no arquivo da editora, mostra que, nesse ano, os acionistas privados eram os mesmos de 1958. Sua quota de participação na editora totalizava 0,0000011%. Dessa forma, infere-se que o capital privado, longe de ser uma forma de sustentar a editora ou enriquecer seus investidores, era o lastro da criação de uma sociedade de economia mista que, na visão de seus propositores, propiciaria maior autonomia ao trabalho editorial.

Poderíamos questionar, de maneira superficial, se tal estrutura foi eficaz ou não. A resposta a esse questionamento seria, entretanto, inconclusiva, uma vez que existem muitas variáveis envolvidas. A qual época nos referimos? De que tipo de autonomia falamos? Qual era o nível de autonomia em relação ao Estado desejado pelos atores envolvidos no processo produtivo em diferentes épocas? Desse modo, consideramos que uma pergunta mais adequada seja “como” funcionou essa relação em diferentes momentos da trajetória da EUDEBA. Começemos pelo período de fundação, que vai de 1958 a 1966.

Conforme analisado no primeiro capítulo desta dissertação, entre 1958 e 1966 a editora foi conduzida pelas equipes geridas por José Boris Spivacow. Nesse período, a proposta editorial da EUDEBA se coadunava com a ideologia hegemônica no governo iniciado pela Revolução Libertadora. Dessa forma, educar os leitores e difundir o conhecimento acadêmico e não-acadêmico era uma maneira de “iluminar” as mentes e impedir que fatos como o peronismo ocorressem novamente. Durante o primeiro período da EUDEBA não houve ameaças de intervenção direta do Estado nos trabalhos da editora. Entretanto, a política e as relações entre Estado e edição de livros permeiam outros aspectos do labor editorial.

Um exemplo disso é a já mencionada¹⁴³ *Serie del Siglo y Medio*. Tal coleção foi organizada pela EUDEBA em comemoração aos 150 anos da independência argentina. Seus títulos compunham-se de obras consideradas essenciais na construção da identidade e da cultura nacionais. Nomes como Domingo Faustino Sarmiento, Horacio Quiroga, Alfonsina Storni e José Mármol estavam entre os autores publicados. A análise das atas do diretório e das memórias e balanços da editora permite vislumbrar que a concepção da coleção foi interna. Em 19 de novembro de 1959, José Boris Spivacow, na condição de Gerente Geral, trouxe as ideias centrais da coleção para a reunião do diretório, que, após uma troca de opiniões sobre o exposto, aprovou-a por unanimidade.¹⁴⁴

No ano seguinte, com a aproximação da efeméride, os jornais publicitaram as iniciativas governamentais para as comemorações, incluindo uma coleção de livros chamada *Biblioteca de Mayo*, patrocinada pelo Senado Argentino. Essa biblioteca seria composta por volumes de aproximadamente 1000 páginas contendo documentos e narrativas coevas acerca da independência argentina. Nas palavras do senador Aníbal Dávila, idealizador do projeto e presidente da comissão de educação do Senado Nacional, aquela não seria uma “obra popular por el sentido de especialización de sus conocimientos, pero [...] contribuirá a que se pueda efectuar la interpretación directa de Mayo, sin desviaciones de exegetas interesados con sentido político”.¹⁴⁵

A *Serie del Siglo y Medio* e a *Biblioteca de Mayo* eram, portanto, duas iniciativas advindas de órgãos ligados ao Estado e elaboradas com o intento de homenagear o ente abstrato da nação. Ambas, apesar do caráter de empreitada cultural que reveste a primeira e do caráter oficial que reveste a segunda, são iniciativas que respondem a determinados objetivos políticos. No caso do projeto do Senado, as intenções são mais explícitas: glorificar o passado da nação por meio das palavras de seus “fundadores”, aqui transcritas, sem intervenções de objetivos duvidosos, ao menos pretensamente. Valoriza-se, assim, um passado idealizado, composto por seres movidos pelo amor à Argentina, e, ao mesmo tempo, o governo presente, que se posta como intermediário entre as duas temporalidades.

¹⁴³ Ver Capítulo 1 desta dissertação.

¹⁴⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 25, de 19 de novembro de 1959. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁴⁵ Retirado de *La Nación*, 4 de maio de 1960, p. 7. Consultado na hemeroteca da Biblioteca Nacional de La Nación Argentina.

A coleção da EUDEBA, por sua vez, trabalha com uma concepção de nação como uma construção de seus membros, de seus cidadãos. Assim, incorpora textos de “testemunhas” e textos de escritores e escritoras que, na visão dos organizadores, foram importantes para construir o que então se conhecia por Argentina. Na *Memoria y balance* de 1960, referente ao segundo exercício da empresa, escreve-se:

*A las Colecciones Temas y Manuales de Eudeba siguió la titulada Serie del Siglo y Medio, publicada en homenaje al Sesquicentenario de la Revolución de Mayo. Se trataba con ella de poner al alcance del estudiante y del hombre de la calle [...] un conjunto de obras que reflejaran la labor de nuestros grandes escritores, los hechos fundamentales de nuestra historia, las costumbres de nuestro pueblo. [...] Se dio a esta serie una presentación muy atrayente, con tapas ilustradas por prestigiosos pintores argentinos. [...] La Serie del Siglo y Medio significa un serio esfuerzo por crear poco a poco nuevas masas de lectores, de modo que ella representa no sólo un beneficio para la cultura popular sino también para toda la actividad editorial y librera del país.*¹⁴⁶

Nessa passagem, é possível vislumbrar a maneira como a editora apropriou-se da ideia de nação argentina. Longe de um nacionalismo ufanista, a comemoração da efeméride ganha contornos de formação cultural do povo argentino com a intenção de construir um público leitor interessado que pudesse, ele também, se apropriar de uma nação entendida como “nossa”, da qual poder-se-ia fazer parte de maneira mais integrada por meio da leitura e da difusão cultural – junto a “nossa” história e “nosso” povo, estão “nossos” escritores e pintores.

Há, portanto, certo antagonismo entre as propostas de lançamentos de livros elaboradas pelo Senado Argentino e pela EUDEBA, como observamos acima. Entretanto, é essencial notar que, no contexto político em que se insere – governo Frondizi, momento de proscrição do peronismo, consolidação da Revolução Libertadora –, a proposta de valorização da nação da *Serie del Siglo y Medio* coadunava-se com alguns dos interesses do governo nacional. Dessa forma, ao mesmo tempo que não houve um acordo oficial entre o Governo Federal e a EUDEBA para a realização de publicações em homenagem à Revolução de Maio, o poder oficial reconheceu *a posteriori* a importância da *Serie del Siglo y Medio* para o conjunto dos eventos comemorativos. Tal reconhecimento se oficializou por meio de uma contribuição feita pelo governo à EUDEBA – com intermediação da UBA –, tal como se registrou na ata de número 39 do diretório:

¹⁴⁶ *Memoria y Balance General – segundo ejercicio* – 24/06/59 al 30/06/60. Consulta efetuada no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

*A continuación se da cuenta del aporte de \$2.000.000 (dos millones) recibidos de la Comisión Oficial del Sesquicentenario de la Revolución de mayo por intermedio de la Universidad de Buenos Aires, resolviéndose por unanimidad hacer conocer este aporte en la próxima colección de la edición Siglo y Medio a publicarse.*¹⁴⁷

Ressalte-se que não há, em nossa argumentação, o objetivo de depreciar o trabalho realizado pela EUDEBA com a *Serie del Siglo y Medio*. A ideia é notar como a relação entre Estado e edição de livros pode ser marcada por certa harmonia estratégica em determinados momentos. Harmonia esta que pode – como o foi pela EUDEBA – ser utilizada de maneira proveitosa na consecução de um projeto editorial de vasta abrangência e importância.

Certos traços ideológicos e posicionamentos políticos permeiam outras decisões do labor editorial e empresarial que quase se perdem no vasto conjunto de grandes e importantes deliberações orçamentárias e de publicação. Exemplo disso é a resposta do diretório a um dos temas da pauta da reunião do dia 12 de maio de 1960. Foram feitos pedidos de empréstimos pessoais pelos empregados da editora. Antes de decidir, Spivacow elevou a questão ao diretório, que, por unanimidade, negou tal possibilidade.¹⁴⁸ A preocupação de Spivacow e do diretório com a remuneração dos funcionários era frequente nas reuniões, mas essa decisão permite entrever que, apesar dessa preocupação, não estava em jogo arriscar o capital da EUDEBA, que representava, ao cabo, a continuidade do projeto cultural que ora se construía. No mesmo sentido, é instigante um episódio ocorrido três anos depois, por ocasião de um pedido de licença do professor Ignacio Winizky para a realização de uma série de palestras em universidades no exterior – entre elas, várias da América Latina. Winizky solicita alguns conjuntos de livros da EUDEBA para presentear tais instituições quando de sua passagem por elas. O pedido, aparentemente simples, é negado por outros membros do diretório, sob a alegação de que a editora, enquanto ente comercial, não pode presentear nenhuma instituição com livros, papel que seria da universidade. O argumento institucional é complementado por Spivacow, que afirma que a EUDEBA “*ha podido obtener una gran publicidad y difusión sin realizar obsequios de ninguna especie*” e que “*hasta ahora, en ningún caso se ha ofrecido a nadie la distribución en forma exclusiva*”.¹⁴⁹ Para além da questão financeira, tal postura reflete certa

¹⁴⁷ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 39, de 15 de setembro de 1959. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁴⁸ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 32, de 12 de maio de 1960. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁴⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 70, de 25 de outubro de 1963. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

determinação em negar a ocorrência de práticas que ofereçam privilégios a determinados grupos ou instituições, ainda que tais privilégios possam trazer vantagens – divulgação, reconhecimento, entre outros – para a editora.

Por falar em questão financeira – tanto da EUDEBA quanto do país – aqui está outro ponto de contato entre edição e política. Para começar a ser lucrativa, uma editora demanda tempo e muito investimento. Conforme visto anteriormente, a principal forma de obtenção de capitais da EUDEBA foi a universidade, por meio da posse de ações. Nos anos subsequentes à sua fundação, a EUDEBA aumentou consideravelmente seu capital por meio de injeções de dinheiro da universidade. O diretório aumentava a emissão de ações, que eram compradas pela UBA. Apesar de previsto no estatuto e nos planos iniciais da editora, esse aumento de capital, combinado com os constantes pedidos de empréstimos feitos a bancos nacionais, traz duas possibilidades de análise.

Em primeiro lugar, indica que a autonomia da EUDEBA, garantida, por um lado, pelos mecanismos já discutidos aqui, também estava ameaçada pela dependência financeira em relação à universidade, que se aprofundava a cada aporte financeiro. Os aportes faziam-se necessários devido ao ritmo frenético da produção de livros durante a primeira fase da editora. Para autofinanciar-se, a EUDEBA necessitava produzir e vender livros, o que só era possível, no começo, com o financiamento da UBA. Até 1966, dada a boa relação e os alinhamentos gerais – já analisados aqui – entre a gestão de Spivacow e as autoridades da UBA/representantes estatais, os pedidos de financiamento foram atendidos em sua quase totalidade.

Além disso, a quantidade crescente de dinheiro solicitado à universidade também pode estar relacionada à situação econômica geral do país, que não era favorável. Leandro de Sagástizabal, analisando dados retirados do jornal *Clarín*, sugere que a rentabilidade das vendas da editora era diluída pela crescente inflação dos anos 1960.¹⁵⁰ Nas atas das reuniões de diretório da EUDEBA há outros indícios. Durante a primeira época da editora, para agilizar a tomada de decisões administrativas, o diretório autorizava o Gerente – Spivacow – a assinar, em nome da EUDEBA, cheques que não ultrapassassem determinado valor. Esse número cresce com o passar do tempo, chegando a 60.000 pesos em 1964, quando, na reunião do diretório do dia 31 de julho,¹⁵¹ Spivacow reclama que estavam ocorrendo diversos inconvenientes devido à necessidade de emitir cheques em valor superior ao que era então permitido a ele – para cheques

¹⁵⁰ SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *50 años de libros para todos*. Buenos Aires: EUDEBA, 2008, p. 28.

¹⁵¹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 75, de 31 de julho de 1964. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

maiores, ele deveria contar com a autorização e presença de outros membros do diretório. A necessidade de assinar cada vez mais cheques de valor elevado permite supor que os custos e preços vinham se elevando e que as necessidades da editora eram, por sua vez, também mais altas. Na reunião seguinte, realizada em 28 de agosto de 1964, Spivacow relata que a edição do livro *Juvenília*, de Miguel Cané, anunciada em evento com direito a coletiva de imprensa e outros aparatos de divulgação, vendera menos do que o esperado no mês anterior. Ali fica registrada a justificativa do gerente, que afirma: “*este hecho, dadas las condiciones actuales de la plaza, puede atribuirse a la retracción general experimentada en los últimos meses*”.¹⁵² É importante ressaltar, além disso, que tal justificativa surge em uma fala de Spivacow que fora solicitada pelo professor Ignacio Winizky algumas reuniões antes. Winizky insistia para que, a cada mês, fosse debatida a situação financeira da editora durante as reuniões do diretório. Sua insistência no assunto, combinada com a crítica de Boris à situação econômica argentina, permite que visualizemos as penetrações da instabilidade político-econômica argentina – e, em um contexto mais amplo, latino-americana – no trabalho editorial.

Em 1963, a EUDEBA já se fizera conhecer na maior parte da Argentina e em grande parte da América de língua espanhola. Já fora inaugurada uma filial em Santiago do Chile, diversas coleções haviam feito sucesso – com destaque para a *Serie del Siglo y Medio* e para o *Martín Fierro* ilustrado por Juan Carlos Castagnino, projetos já discutidos nesta dissertação – e, apesar da preocupação dos membros do diretório e dos aportes constantes de capital por parte da universidade, o balanço financeiro publicado em 1962 apresentava lucro líquido de aproximadamente três milhões de pesos.¹⁵³ Em 28 de junho de 1963, durante uma reunião do diretório, Spivacow aventou a possibilidade de organizar um concurso científico em parceria com a universidade e com empresas apoiadoras. O concurso teria como objetivo “*estimular la libertad del investigador, del estudioso y del escritor, que en este momento encuentran en nuestro país grandes dificultades para publicar sus obras*” e ofereceria prêmios em dinheiro (bancados por patrocinadores) e a publicação dos trabalhos vencedores pela EUDEBA.¹⁵⁴

¹⁵² Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 76, de 28 de agosto de 1964. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁵³ *Memoria y Balance General – cuarto ejercicio – 01/07/61 al 30/06/62*. Consulta efetuada no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

¹⁵⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 67, de 28 de junho de 1963. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

Não há comentários na ata sobre o projeto, mas pode-se entender que foi tacitamente aprovado, uma vez que alguns meses depois, em 25 de outubro de 1963, o plano reaparece, agora com mais detalhes, transcritos a seguir:

El gerente pone en conocimiento de los directores de los cuatro concursos organizados con motivo de la nueva etapa institucional em que ha entrado el país. [...] Los temas de los libros serían: la Constitución argentina (historia, explicación de cada uno de los artículos, etc.); el Presidente y los Ministros (cómo se elige el presidente, funciones de cada ministerio, interrelación entre ellos, relación con los demás poderes, etc.), el Poder Legislativo (cómo se eligen sus miembros, historia de los debates parlamentarios más importantes, semblanza de algunos grandes parlamentarios, etc.); el Poder Judicial (cómo se designan sus miembros, historia de algunos procesos célebres, relación con los demás poderes, etc.); los cuatro libros estarían dirigidos al gran público, serían de poca extensión y llevarían muchas ilustraciones; se publicarían en la Serie del Siglo y Medio.¹⁵⁵

Qual seria a nova “etapa institucional” a que alude o texto da ata? Para responder a essa pergunta, lembremos que, um ano antes, em março de 1962, o exército havia deposto o presidente Arturo Frondizi. Apesar do verniz de institucionalidade que cobria o ato, uma vez que Frondizi conseguira manobrar para deixar em seu lugar o presidente do Senado, José Maria Guido, ocorrera mais um golpe de Estado na Argentina. A eleição, em julho de 1963, de Arturo Illia, não apagaria essa mancha. Ainda assim, tratou-se de uma eleição democrática, e pode-se inferir que seja esta a “nova etapa” a que se refere a ata da EUDEBA. Para comemorá-la, organizam-se quatro concursos com temáticas políticas: Constituição, Presidência e Ministros – simbolizando o Poder Executivo –, Poder Legislativo e Poder Judiciário. As descrições entre parênteses são muito eloquentes acerca da mensagem central desse conjunto de certames que seria promovido pela EUDEBA: a defesa da legalidade constitucional e da partição republicana de poderes.

Tal mensagem condiz com o ideário defendido pelo grupo que fundou a editora e que ainda a administrava. Vale lembrar que uma das críticas daqueles que decidiram reestruturar a UBA – processo em que se inseriu a criação da EUDEBA – ao peronismo era em relação à anulação que este faria, segundo eles, das consciências individuais. Assim, recordando também o panorama político extremamente conturbado dos anos 1960 na Argentina e na América Latina, conforme analisamos anteriormente no presente capítulo, os temas dos concursos configuram um rechaço ao crescimento da radicalização política no país e no continente. Os

¹⁵⁵ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 70, de 25 de outubro de 1963. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

poderes deveriam seguir a tripartição definida pelas linhas tradicionais do pensamento liberal moderno e o exército não deveria aparecer entre eles, subordinando-se às ordens do Poder Executivo. Além disso, equiparada à divisão de poderes em grau de importância, é realçada a importância da Constituição como esteio da institucionalidade política democrática.

Assim, a EUDEBA explicita, mais uma vez, sua postura de mediadora cultural em relação à sociedade argentina. É conspícua a informação de que os livros seriam publicados pela *Serie del Siglo y Medio*, caracterizada por oferecer ao público livros baratos, atrativos, curtos e que se vendiam nas ruas, nos *kioscos*. O discurso presente na ata permite que vislumbremos um momento em que a editora percebe sua consolidação no mercado editorial argentino e parte para um ataque ainda mais direto em direção a seus objetivos de difundir a cultura e construir novos leitores. Nesse caso, novos leitores que teriam acesso a um conhecimento relacionado aos valores democráticos, considerados essenciais pelo grupo de intelectuais que construiu e consolidou a editora. Seria difícil negar que essa ação editorial é também uma ação política.

Esses valores seriam brutalmente violados em 1966, com o golpe do general Juan Carlos Onganía que depôs o então presidente Arturo Illia – a já mencionada “Revolução Argentina”. A quase totalidade da equipe que trabalhava com Spivacow na EUDEBA renunciou a seus cargos no dia 4 de agosto de 1966, após a intervenção militar feita na UBA durante a *Noche de los bastones largos*. No Capítulo 1, analisamos um trecho da carta de renúncia que terminava dizendo que a editora fora fruto de uma universidade que havia entregado ao povo uma das mais antigas e poderosas ferramentas: o livro. Em seguida, a carta afirmava:

*Hoy, esta Universidad no existe. [...] ¿Qué Universidad se pretende crear? ¿La Editorial de qué Universidad será Eudeba? ¿Es este el clima para pensar, para producir, para publicar? Creemos que no. [...] Por eso nos vamos. Los abajo firmantes [...] reafirman su decisión y su convicción de volver cuando la Universidad de Buenos Aires, orgullo de la Argentina y de toda América, vuelva a quienes legítimamente deben dirigirla. Conmovidos, agradecen a todos y cada uno de los que siempre los ayudaron, los acompañaron, los animaron. A todos los que, en grandes ciudades o perdidos pueblos, han sentido que Eudeba era de ellos, un pedazo de su esfuerzo, la realización de una esperanza.*¹⁵⁶

A nota reforça a ideia de que a EUDEBA teve como objetivo central, durante sua primeira fase, constituir-se como parte intrínseca da vida nacional, levando o conhecimento, a universidade, o mais longe possível. Essa proposta, seguindo a interpretação do documento,

¹⁵⁶ Retirado da carta de renúncia assinada por diversos integrantes da EUDEBA no dia 4 de agosto de 1966. Consultada no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca de La Nación Argentina.

fazia sentido apenas em uma sociedade democrática, em que houvesse liberdade de pensamento e expressão. O golpe de Estado da “Revolução Argentina” interditara essa possibilidade. Foi uma intervenção política direta no projeto editorial que vinha sendo desenvolvido até então.

Tal projeto editorial, como vimos neste capítulo, esteve permeado pela política em diversos aspectos. Nesse sentido, a primeira fase da EUDEBA foi um projeto editorial e político, como é inerente a todo projeto cultural. Carregou em si e em suas decisões editoriais as marcas e intenções de seus protagonistas, bem como dialogou e negociou ativamente com acontecimentos e atores de seu período histórico. Em sua nota derradeira, a equipe de Spivacow insere-se na parte “legítima” da história, colocando-se como parte da UBA, da Argentina e da América. Consequentemente, atrela a EUDEBA a essa legitimidade e à realização de uma “esperança” que fica pendente, como estavam pendentes os violentos rumos da história argentina naquele momento.

3. Os violentos anos 1970 e a EUDEBA (1966-1973)

Figura 11 – Tirinha de Mafalda

Fonte: *Toda Mafalda*.¹⁵⁷

Na história em quadrinhos reproduzida acima, a personagem Mafalda, criada em 1964 pelo cartunista Joaquín Salvador Lavado – mais conhecido pela alcunha de Quino –, passa por alguns trabalhadores que golpeiam e furam o asfalto de uma rua. Sua expressão facial torna-se mais triste conforme mudam os quadrinhos e a piada final da tirinha ganha vida na junção entre sua feição e sua angustiada fala no último quadrinho: “Que confissão vocês estão tentando arrancar dessa pobre rua?”. O insólito cenário de uma criança que fantasia a existência de um ato de tortura em uma cena cotidiana tem por objetivo provocar o riso, mas não é o único aspecto envolvido nessa tentativa. Mafalda, com sua fala final, associa o ato de “agressão” à rua praticado pelos trabalhadores a um ato de agressão praticado por seres humanos contra outros seres humanos. O fato de estarem abrindo um buraco em uma rua traz à tona o caráter público da situação – tanto na metáfora da exposição, de que o ato estaria sendo praticado sem disfarces, quanto na interpretação possível de que o ato se voltava contra um ente “público”, de “todos”, sendo, no caso, possível representação de um “povo” que recebia a violência de membros dessa mesma sociedade civil a mando do poder político estatal (“consertar” a rua). Diante da normalização de tal ação, Mafalda, representando também ela uma parte da sociedade civil, escandaliza-se e protesta, com um grito que, pelo tamanho que ocupa no espaço do quadrinho, é suficientemente alto para encobrir as onomatopeias de “violência” dos quadrinhos anteriores e possui eficácia na paralisação temporária das atividades dos trabalhadores/violentadores.

¹⁵⁷ QUINO. *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1993, p. 250. A tira em questão foi publicada em algum momento entre os anos de 1964 e 1968, uma vez que sua compilação foi feita em 1968 no livro *Mafalda 4*, publicado pela editora Jorge Álvarez.

Apesar de não constituir um espelho da realidade histórica, a história em quadrinhos em questão, utilizada como fonte histórica, permite acessar algumas representações de aspectos do período histórico a que se refere – no caso, aspectos da vida cotidiana de uma garota nos anos 1960 argentinos.¹⁵⁸ Nessa perspectiva, a representação mais conspícua presente na tirinha é a da violência, elemento que marcou a sociedade e a política argentinas dos anos 1960 e tornou-se ainda mais forte com o início da década de 1970.

Não são necessárias metáforas para caracterizarmos como violento o golpe de Estado de junho de 1966, que, conforme analisado no Capítulo 2, retirou do poder o presidente Arturo Illia e colocou em seu lugar o general Juan Carlos Onganía. De modo geral, o processo da autodenominada “Revolução Argentina” deu início a um período em que as metáforas da violência tornaram-se cada vez mais explícitas, uma vez que sua penetração no tecido social e político do país tornou-se mais aguda e radicalizada. Nesse capítulo, analisaremos as maneiras como esses fenômenos permearam e foram apropriados pelas ações dos atores que conduziram a trajetória da EUDEBA no período.

O ambiente universitário argentino, ao longo do século XX, foi palco de ação para diversos atores pertencentes a distintas categorizações ideológicas. Permeadas, desde a Reforma Universitária de 1918, pela combatividade de estudantes, docentes e funcionários, as universidades entraram em ebulição durante os principais acontecimentos políticos das décadas seguintes. No Capítulo 1, analisou-se a importância do papel das universidades no processo de despersonização levado a cabo por intelectuais ligados à Revolução Libertadora.

Tal combatividade, entretanto, nem sempre foi vista com bons olhos por membros do governo e das direitas argentinas. Durante os anos 1960, esteve em voga a chamada Doutrina de Segurança Nacional, que, basicamente, postulava que os inimigos internos do país deveriam ser vigiados e combatidos pelas forças governamentais. No auge da Guerra Fria, tais inimigos eram majoritariamente identificados com os grupos da esquerda política e intelectual, vistos como potenciais ameaças à ordem interna e à manutenção dos valores da propalada civilização “Ocidental”.

¹⁵⁸ Sobre fontes históricas de tipo iconográfico, ver: PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 19. Sobre a noção de representação, ver: CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990; ou, de maneira mais sintética, CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 5, v. 11, pp. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>>. Acesso em 30 de agosto de 2019.

Essa preocupação espalhou-se em direção a diversos aspectos da vida social, proporcionando, por exemplo, casos como o do Inspetor de Polícia Luis Margaride. Em julho de 1966, já aposentado, foi nomeado chefe da Inspeção da Municipalidade de Buenos Aires pelo governo *de facto* da Argentina com a incumbência de reprimir manifestações sociais consideradas imorais. Em 4 de agosto de 1966, Margaride teve uma entrevista publicada pela revista *Gente*, em que dizia, entre outras coisas:

[Revista] – *¿Piensa seguir secuestrando las revistas llamadas “pornográficas”?* [Margaride] – *Vamos a liquidar todas las publicaciones de forma y contenido obsceno.* [R] – *¿Qué quiere decir eso concretamente?* [M] – *Quiere decir que no sólo se secuestra una publicación porque tenga una tapa inmoral, sino también puede tener material obsceno en su interior.* [R] – *¿Y qué entiende por “moral” en este caso?* [M] – *Las exhibiciones de mujeres desnudas o la pornografía encubierta. Un caso típico son las notas que aparecen en revistas pretendidamente serias y que propugnan, abiertamente, el amor libre, la disolución del matrimonio, el adulterio, etc.* [R] – *Entonces, ¿para usted eso es inmoral?* [M] – *Sí. Todo eso es inmoral porque favorece la destrucción solapada del matrimonio, de la unidad familiar, de los valores cristianos más puros. Y eso es una maniobra clásica del comunismo: romper las vallas morales de la sociedad cristiana [...].*¹⁵⁹

Como se pode observar, Margaride propala de maneira direta e corriqueira o objetivo de seu trabalho: censurar toda manifestação “imoral”, esteja ela explícita ou nas entrelinhas. E um lugar privilegiado para a produção e circulação do que o inspetor chama de “pornografia encoberta” eram as universidades. Durante os anos 1960, elas foram inundadas por lutas políticas que desfizeram a fugaz unidade entre esquerda e liberais antiperonistas no processo de reforma e modernização do ambiente universitário. Em especial, as relações entre os estudantes e os dirigentes universitários complicaram-se muito, o que gerou impasses, protestos e acirramento de posições conflituosas. O historiador Pablo Buchbinder afirma, em *Historia de las universidades argentinas*, que no início dos anos 1960 as universidades passaram cada vez mais a serem vistas como “*centros de infiltración revolucionaria, lo que propició incluso ataques armados de grupos de ultraderecha y violentos incidentes*”.¹⁶⁰

Nesse ambiente conflagrado, a reação do principal centro universitário do país – a Universidade de Buenos Aires (UBA) – ao golpe de Estado de 28 de junho foi publicada no mesmo dia por meio de uma resolução que defendia o regime democrático e postulava:

¹⁵⁹ Entrevista de Luis Margaride à revista *Gente*, publicada em 4 de agosto de 1966. *Apud*: GARULLI, Liliana *et alli* (org.). *Documentos de historia argentina (1955-1976)*. Buenos Aires: Eudeba, 2011, p. 124.

¹⁶⁰ BUCHBINDER, Pablo. *Historia de las universidades argentinas*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010, p. 188.

*El movimiento militar que destituyó al Presidente de La Nación, separó a los miembros de la Corte Suprema de justicia y disolvió el Congreso de la Nación y los partidos políticos, haciendo tabla rasa de la Constitución y las Leyes, no hará sino retrasar en muchos años el progreso del país y frustrar a esta generación de argentinos en nombre de un pretendido providencialismo verticalista. La historia universal y las vecinas experiencias de países americanos arrojan lecciones lamentablemente muy claras con respecto a sus frutos.*¹⁶¹

Na declaração, subscrita pelo Reitor Hilario Fernández Long em nome do Conselho Superior da UBA, nota-se o apego às leis como forma de justificar a crítica ao golpe e ao novo regime que se instalava. No Capítulo 2, analisamos como a valorização de elementos como a Constituição e a partição do poder político era um ponto importante do modo de ação do grupo de intelectuais “ilustrados” que assumiram o controle da UBA em 1955. Entretanto, tal valorização ganha contornos dramáticos na nota do Conselho Superior, uma vez que coloca a Constituição como salvaguarda de uma liberdade que, tudo indicava, não seria do apreço do regime de Onganía. A resolução expressa tal percepção ao aludir aos exemplos da história e dos países vizinhos da América do Sul, nos quais haviam sido operados golpes sob a justificativa de proteger a política interna da infiltração comunista internacional e implantados regimes ditatoriais que propunham uma pretensa reconstrução nacional.

Um mês depois, no dia 29 de julho de 1966, Onganía, já no cargo de presidente da Argentina, promulgou uma lei (16.912) pela qual impôs forte intervenção nas universidades nacionais, eliminando as estruturas de partição de poder, determinando que as decisões dos reitores tivessem caráter apenas provisório, sujeito a sanção do Ministério da Educação, e vedando aos centros estudantis qualquer tipo de atividade política ou partidária. A lei impunha, ainda, um prazo de 48 horas para que os reitores anunciassem sua adesão ao Ministério, sob pena de perda de mandato. Imediatamente, formaram-se reuniões de docentes, estudantes e funcionários nas universidades nacionais para decidir a atitude que seria tomada. As reuniões estenderam-se pela noite. Em algumas faculdades, as aulas prosseguiram. Em outras, como nas faculdades de Engenharia, Arquitetura, Filosofia e Letras e Ciências Exatas, estudantes e professores decidiram ocupar os prédios e paralisar as aulas como oposição à medida autoritária do governo.¹⁶²

¹⁶¹ Resolução n. 3605/66 do Conselho Superior da Universidade de Buenos Aires, 28 de junho de 1966. Compilado em publicação do Programa Historia y Memoria de la Universidad de Buenos Aires intitulada *La noche de los bastones largos: 50 años*. Buenos Aires: UBA, 2018, p. 20.

¹⁶² MORERO, Sergio. *La noche de los bastones largos*. Buenos Aires: Eudeba, 2016, p. 19.

Na mesma noite, forças do exército irromperam nas universidades ocupadas, detendo centenas de estudantes e professores e destruindo o movimento de protesto com extrema violência. No dia seguinte, o diário *Clarín* descreveu da seguinte maneira a ação das forças policiais: “*La guardia de infantería de la Policía Federal desalojó ayer en forma violenta las facultades dependientes de la Universidad de Buenos Aires [...]. La carga policial dejó un saldo de por lo menos treinta heridos y un número no precisado de detenidos, que se calcula en cuatrocientos*”.¹⁶³ A notícia descreve, em seguida, como ocorreu a ação policial nas faculdades de Arquitetura e Ciências Exatas:

*A las 22 de anoche, los estudiantes – según algunos informes, ayudados por docentes – clausuraron las puertas de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo, utilizando bancos y pupitres. La Policía irrumpió media hora más tarde en el interior de la facultad [...]. La carga de la brigada de infantería, armada con pistolas lanzagases y sus clásicos bastones largos, terminó con cerca de ciento treinta detenidos y algunos heridos. [...] Una hora más tarde, casi calcados, los hechos se repitieron en Ciencias Exactas. Cerca de las 23, luego que los estudiantes cerraron desde el interior las puertas de la facultad con cadenas y candados, la Policía los intimó por medio de un megáfono a desalojar la casa. Las autoridades dieron un plazo de 15 minutos para la evacuación del edificio. Pero antes de vencer ese lapso entró en el edificio y redujo a bastonazos a estudiantes y profesores.*¹⁶⁴

A violência explícita e os posteriores decretos e determinações do governo de Onganía em relação às universidades nacionais fizeram com que cerca de 1.300 professores perdessem seus cargos e outros 300 fossem exilados.¹⁶⁵ Hilario Fernández Long, reitor da UBA que renunciou a seu cargo no ato da promulgação do decreto de intervenção de Onganía, avalia que a consequência do processo em que se engendrou a *Noche de Los Bastones Largos* foi uma grave destruição da universidade nacional argentina.¹⁶⁶ Por sua vez, Pablo Buchbinder pontua que o impacto sobre as universidades e, em especial, sobre a UBA foi substantivo, dado que “[...] *la mayoría de los renunciantes pertenecía a sus sectores más dinámicos y se encontraban*

¹⁶³ Notícia publicada no diário *Clarín* em 30 de julho de 1966. *Apud*: GARULLI, Liliana *et alli* (org.). *Documentos de historia argentina (1955-1976)*. Buenos Aires: Eudeba, 2011, p. 118.

¹⁶⁴ *Idem*, *ibidem*.

¹⁶⁵ IZAGUIRRE, Inés. *Lucha de clases, guerra civil y genocidio en argentina – 1973-1983*. Buenos Aires: Eudeba, 2009, p. 78.

¹⁶⁶ MORERO, Sergio. *La noche de los bastones largos*. Buenos Aires: Eudeba, 2016, p. 21.

*entre ellos muchos de los científicos más calificados del mundo académico, cuya formación había insumido recursos materiales e implicado el trabajo de muchos años”.*¹⁶⁷

Em reação às mudanças institucionais e políticas ocorridas no país e na universidade desde o golpe de Estado de Onganía, os participantes da gestão de José Boris Spivacow renunciaram a seus cargos na EUDEBA em 3 de agosto de 1966, conforme analisamos anteriormente. Nessa data, o Diretório da EUDEBA, composto por professores da UBA, renunciou coletivamente, mas solicitou a Spivacow que permanecesse junto à editora por mais um mês a fim de conduzir a transição dos trabalhos, condição por ele aceita. Diante da demora por parte da UBA de estabelecer quem seriam os membros substitutos do Diretório, em 13 de setembro de 1966, Spivacow enviou um informe ao Gerente Geral interino César Villamayor no qual afirmava que todos os documentos relativos aos livros, bens e capitais da editora haviam sido entregues em mãos, inclusive o balanço financeiro relativo ao oitavo exercício financeiro da EUDEBA, solicitando a Villamayor que assinasse uma cópia do informe caso estivesse de acordo. No topo da folha que analisamos, encontra-se a assinatura do gerente interino.¹⁶⁸ Não obstante, meses depois, César Villamayor, ainda no cargo, subscreveria, junto ao presidente do Diretório, Jorge Mayer, um documento destinado aos acionistas da empresa em que acusa as antigas autoridades de a haverem deixado acéfala.¹⁶⁹

Nesse momento, começava uma prática que se tornaria comum na EUDEBA: a cada troca de direção, imputava-se aos antecessores os males financeiros e administrativos que porventura existissem na empresa. No caso das novas autoridades que assumiram o controle da editora em 1966, o foco das críticas foi a situação econômica da EUDEBA, alegando que não havia praticamente reservas monetárias em caixa. A assembleia dos acionistas no dia 7 de setembro de 1966 solicitou um estudo econômico da editora, delegando ao reitor interventor da UBA, Luis Botet, a designação dos auditores.¹⁷⁰ Vale ressaltar que, depois do golpe de 1966, nenhum dos professores que constava da lista de acionistas privados da EUDEBA compareceu ou enviou representantes às assembleias, solicitando, inclusive, a devolução de seu montante

¹⁶⁷ BUCHBINDER, Pablo. Reseña histórica. In: *La Noche de Los Bastones Largos*: 50 años. Buenos Aires: UBA, 2018, p. 16.

¹⁶⁸ Informe de José Boris Spivacow ao gerente interino da EUDEBA César Villamayor. 13 de setembro de 1966. Consultado no Fundo EUDEBA do Arquivo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

¹⁶⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 112, de 4 de abril de 1967. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁷⁰ Ata de reunião da Assembleia de Acionistas da EUDEBA n. 12, de 7 de setembro de 1966. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

de ações, conforme trabalhado no Capítulo 2 ao analisar a estrutura da Sociedade de Economia Mista (S.E.M.).

A frágil estrutura da S.E.M. não resistiu aos abalos provocados pela intervenção direta do novo grupo político que tomara o poder. O interventor Luís Botet, além de nomear os auditores que estudariam os problemas econômicos da editora, nomeou também um professor para que elaborasse um novo balanço financeiro para o exercício iniciado em 1 de julho de 1965 e encerrado no dia 30 de junho de 1966, ignorando, dessa maneira, o documento que Spivacow afirmava ter entregado ao gerente interino César Villamayor. O documento substitutivo foi aprovado pelos síndicos¹⁷¹ da empresa e pela assembleia de acionistas em 9 de março de 1967, mas não aparece transcrito em nenhum dos livros de atas disponíveis na editora.

Os balanços financeiros analisados demonstram que, apesar do crescimento exponencial das vendas e dos exemplares publicados, a estabilização financeira da empresa consistia em um processo longo e difícil. A difícil situação econômica do país contribuiu para tal cenário: em 1966, a inflação fecharia o ano em alta de 31,9%¹⁷² e o PIB argentino recuaria 1%¹⁷³. Entre setembro de 1966 e o final do ano de 1967, foram aumentados os salários dos trabalhadores mais de duas vezes, além de, na avaliação das contas do exercício feita em dezembro de 1967, terem sido eliminadas as diferenças de câmbio para fins contábeis, denotando grande flutuação do valor da moeda argentina em relação ao dólar.¹⁷⁴ A crise econômica da EUDEBA não foi pura invenção do novo diretório. Entretanto, a ausência, nos livros de atas, dos documentos que comprovariam a origem temporal dessa crise – se começara sob as antigas autoridades ou sob as novas – coloca em xeque o argumento de acefalia administrativa a que aludem os novos condutores da editora. Não obstante, o uso da situação financeira para atacar a gestão de Spivacow por parte de membros de um diretório que assumiu o controle da editora após violenta

¹⁷¹ O cargo de “Síndico” necessita um breve esclarecimento. De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola, a palavra “síndico” possui as seguintes acepções: “1. En un concurso de acreedores o en una quiebra, encargado de liquidar el activo y el pasivo del deudor. 2. Persona elegida por una comunidad o corporación para cuidar de sus intereses”. Desse modo, o cargo ocupado por Norberto Galasso possuía como atribuição principal fiscalizar as atividades financeiras e jurídicas da editora a fim de evitar a ocorrência de erros ou fraudes que pudessem levar à sua dissolução. Na Língua Portuguesa, uma tradução mais adequada seria “fiscal”. *Diccionario de la Real Academia Española*. Disponível em: <<https://dle.rae.es/s%C3%ADndico>> Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

¹⁷² NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 99.

¹⁷³ BELINI, Claudio; KOROL, Juan Carlos. *Historia económica de la Argentina en el siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012, p. 195.

¹⁷⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 126, de 5 de dezembro de 1967. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

mudança política no cenário nacional representa um indício da penetração das disputas políticas na condução do trabalho editorial.

Tais disputas concretizaram-se, também, no processo de publicação de obras. Após um grande período sem aprovar a publicação de novos títulos, o gerente César Villamayor propõe a publicação de uma obra inédita sobre a Conquista do Deserto escrita por Jorge Korembli. O processo histórico de que trataria a obra em questão é uma das grandes controvérsias da história argentina. Consistiu em um conjunto de guerras contra lideranças indígenas que ocupavam o interior do território, visando submetê-las ao controle do Estado Nacional argentino. O historiador José Luis Romero escreveu o seguinte acerca da Conquista do Deserto e da atuação do general Julio Argentino Roca, um de seus mais destacados comandantes:

*Sólo la utilización del moderno fusil permitió al general Roca [...] preparar una ofensiva definitiva. En 1879 encabezó una expedición al desierto y alejó a los indígenas más allá del río Negro, persiguiéndolos luego sus fuerzas hasta la Patagonia para aniquilar su poder ofensivo. La soberanía nacional se extendió sobre el vasto territorio y pudieron habilitarse dos mil leguas para la producción ganadera, con lo que se dio satisfacción a los productores de ovejas que reclamaban nuevos suelos para sus majadas.*¹⁷⁵

O historiador Gabriel Passetti, que analisou em sua dissertação de mestrado as relações políticas entre indígenas e *criollos* no Sul da Argentina, corrobora a análise de Romero e vai além, afirmando que:

*O término do conflito com Solano López fez com que retornassem à Argentina milhares de veteranos de guerra, os principais comandantes militares e um imenso aparato de guerra que incluía rifles, canhões, linhas telegráficas e meios de transportes. A experiência e o material resultantes do conflito paraguaio foram, a partir de 1870, canalizados para a guerra interna, a guerra de expansão da fronteira sul, e os militares chegaram com muita confiança, experiência e ímpeto.*¹⁷⁶

A editora já havia publicado, durante a gestão de Spivacow, obras relacionadas à Campanha do Deserto, dentre as quais destaca-se *La guerra al malón*, um relato de época escrito pelo comandante do exército Manuel Prado. Entretanto, era a primeira vez que se propunha editar um livro inédito sobre o tema. São instigantes os argumentos utilizados por César Villamayor para justificar a publicação do livro, afirmando a importância, para manter “vivo o prestígio da editora”, da publicação de obras que, “*comportando un trabajo técnico de*

¹⁷⁵ ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 99.

¹⁷⁶ PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012, pp. 188-189.

jerarquía, signifiquen un importante aporte artístico, con relación a un tema nacional".¹⁷⁷

Além disso, para viabilizar financeiramente a empreitada, propõe solicitar o auxílio do Círculo Militar. Destacam-se, desse conjunto, dois aspectos. Em primeiro lugar, salta aos olhos novamente a importância da boa comercialização dos livros para a manutenção dos projetos culturais de uma editora, qualquer que seja sua identificação ideológica. Sem vendas, não há manutenção editorial. Não é por outro motivo que a tiragem proposta por Villamayor girava entre vinte e trinta mil exemplares do livro. Com suas afirmações, o então gerente reconhece involuntariamente que as gestões anteriores possuíram êxito em tal aspecto, uma vez que o prestígio que busca manter vivo não se iniciou em sua gestão, que começava agora a editar títulos novos.

Em segundo lugar, o alinhamento ideológico com o governo militar de Onganía é denunciado pelo tema escolhido – intimamente relacionado ao Exército –, pela ajuda solicitada ao Círculo Militar e pela abordagem da Conquista do Deserto presente na obra proposta. O prestígio que se buscava manter começara em outros tempos, mas os sentidos desse prestígio e a ideologia que se buscava transmitir com a publicação foram realinhados aos novos tempos da política argentina. Em oposição às críticas mordazes à atuação violenta das tropas do governo e à ambição dos latifundiários que desejavam apropriar-se das terras indígenas elaboradas na já mencionada obra de Manuel Prado, *La guerra al malón*, assomava, agora, o enaltecimento da força e da honra dos militares, auxiliando na edificação de uma imagem positiva do Exército como protagonista da construção de uma nação que “conquistara” seus indígenas e seu território. Gabriel Passetti definiu assim o desfecho da Conquista do Deserto:

A vitória e o aniquilamento dos indígenas liberaram vastos e férteis terrenos para os pecuaristas portenhos, possibilitaram a vinda de dezenas de milhares de imigrantes europeus. Também proporcionaram um grande crescimento econômico nas décadas de 1890 e 1900, gerando um imaginário social argentino como o de um país branco, exceção moderna e civilizada em uma América Latina vista como atrasada e bárbara.¹⁷⁸

No texto de Jorge Koremblit, a conclusão era estruturada de maneira distinta:

Sólo con Roca, en 1879, el malón cedió definitivamente a la realidad de un ejército que lo persiguió hasta el exterminio. El desierto se integró entonces a la unidad del Estado. El fusil de las fronteras internas concluyó su vigilia.

¹⁷⁷ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 121, de 12 de setembro de 1967. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁷⁸ PASSETTI, Gabriel. De “civilização e barbárie” às “campanhas do deserto”: relações políticas e guerras entre indígenas e *criollos* no sul da argentina (1852-1885). *Diálogos*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 227, 2005.

[...]. *La pampa se agrandó con el ferrocarril y el telégrafo. Un aluvión de paz y de trabajo avanzó desde los puertos. El país se abrió hasta sus fronteras reales para sacudir una pesadilla de cuatro siglos.*¹⁷⁹

Algum tempo depois, o mesmo Jorge Korembli, alçado então ao cargo de Gerente Geral da EUDEBA, faria contatos com a “*Agregaduría Cultural de la Embajada de los Estados Unidos de la América*” para assinar um convênio de publicações de obras estadunidenses na Argentina. De acordo com os termos do convênio descritos por Korembli em uma reunião do diretório, os títulos seriam oferecidos pela embaixada, e metade do custo seria bancado pela EUDEBA.¹⁸⁰ Não se toma uma decisão sobre o convênio e não se volta a falar nele em reuniões seguintes. Entretanto, o episódio é significativo de um alinhamento ideológico às propostas políticas que emergiram com o golpe de Estado de 1966.

Dentro da mesma análise, poder-se-ia encaixar o expediente 16.809/69 da UBA, lido na reunião de diretório do dia 8 de julho de 1969.¹⁸¹ Nela, o reitorado da universidade propõe que a EUDEBA celebre um acordo de edição de livros didáticos com a USAID (“Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional”, em tradução livre). Aos poucos, a EUDEBA cedeu cada vez mais espaço às demandas da UBA e dos órgãos governamentais, ao passo que aumentava dia após dia sua dependência econômica dos aportes financeiros realizados pela universidade para que pudesse pagar os salários dos trabalhadores e editar livros.

Em 12 de agosto de 1969, o então Gerente Geral da EUDEBA, Aníbal D’Angelo Rodríguez, informou que “*la situación de la sucursal Córdoba ha mejorado, con un descenso en las ventas de mes de julio por los acontecimientos que son de público conocimiento en dicha ciudad*”.¹⁸² Para compreender melhor quais foram esses acontecimentos de conhecimento público, temos que voltar ao plano mais amplo da política argentina de então.

¹⁷⁹ KOREMBLIT, Jorge. *La Conquista del Desierto*. Buenos Aires: EUDEBA, 1968. *Apud*: GOCIOI, Judith. *Libros para todos: colecciones de EUDEBA bajo la gestión de Boris Spivacow (1958-1966)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012, p. 43.

¹⁸⁰ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 128, de 27 de dezembro de 1967. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁸¹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 149, de 8 de julho de 1969. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

¹⁸² Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 153, de 12 de agosto de 1969. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

O início do governo de Juan Carlos Onganía, em 1966, foi recebido com expectativa por setores muito distintos da sociedade argentina. Como afirmam Marcos Novaro e Vicente Palermo:

Políticos nacionalistas e desenvolvimentistas, grandes e pequenos empresários e produtores agropecuários, sindicalistas peronistas, mesmo classes médias em ascensão e setores progressistas e de esquerda influenciados pelas ideias modernizadoras e tecnocráticas em voga, todos eles e muitos outros participaram da dança de expectativas e interesses que disputavam para definir o programa revolucionário [...]. A ascensão de Onganía ao poder podia ser vista como a oportunidade para concretizar [...] “a decolagem” argentina.¹⁸³

Desse modo, compreende-se com mais clareza os motivos que levaram personagens como Arturo Frondizi e Juan Domingo Perón a oferecer ao processo um crédito e instruírem seus seguidores a atuarem em compasso de espera. Ficou famosa a frase de Perón acerca da tomada de poder por Onganía: “*hay que desensillar hasta que aclare*”.¹⁸⁴ Rapidamente, ficaram claros os caminhos que seriam trilhados pelo governo *de facto*.

Onganía e seus ministros lançaram uma fórmula que ficou conhecida como “*los tres tiempos*”, que seriam, respectivamente, o tempo *econômico*, o tempo *social* e o tempo *político*. Cada um desses tempos seria composto por determinadas ações de governo, e não se poderia queimar etapas. O calendário teria que se adequar aos objetivos e planejamentos da “Revolução Argentina”. Carlos Altamirano apresenta uma análise instigante dessa representação:

*El esquema de los tres tiempos era sólo una manifestación límite del culto a la planificación y a los organigramas – que estaba en el espíritu del tiempo – , unido a la preocupación por controlar la imprevisibilidad del mundo social. En ese culto a los signos de la modernización y en esa preocupación por la amenaza de lo imprevisto, la definición militar de la realidad y la definición tecnocrática se alimentaban recíprocamente.*¹⁸⁵

O tempo econômico previa agradar aos setores mais liberais da economia argentina, com políticas de enxugamento dos gastos estatais e de controle sobre o câmbio, visando obter a diminuição da inflação e aumentar o consumo. O artífice dessa política foi Adalberto Krieger Vasena, um economista extremamente bem visto pelo *establishment* dos grandes empresários

¹⁸³ NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A ditadura militar argentina – 1976-1983*. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 34.

¹⁸⁴ ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015, p. 195.

¹⁸⁵ ALTAMIRANO, Carlos. *Bajo el signo de las masas – 1943-1973*. Buenos Aires: Ariel, 2001, p. 81.

argentinos. A intervenção do governo sobre os sindicatos, bem como o congelamento de salários e a extinção das negociações sindicais completaram o quadro, permitindo que a política econômica de Krieger Vasena, ao menos em seus primeiros tempos, apresentasse resultados favoráveis.

Tais resultados, entretanto, não foram distribuídos de maneira equilibrada no conjunto da sociedade, propiciando uma série de insatisfações. Os sindicatos, em especial aqueles reunidos em torno da CGT (*Central General del Trabajo*), comandada, à época, por Augusto Vandor, haviam seguido a orientação inicial de Perón, aguardando as primeiras resoluções de Onganía. Entretanto, vendo-se fortalecidos pela proscrição dos partidos políticos por parte do governo e pela insatisfação generalizada que crescia no país, alguns líderes sindicais decidiram iniciar movimentos de protesto contra a situação econômica e social vigente. Em março de 1968, a CGT passou por um processo de cisão: um grupo que desejava aumentar a oposição ao governo de Onganía ganhou as eleições para a presidência da organização sindical e, em reação a esse fato, Augusto Vandor a dividiu. A parte do sindicato que ficou sob o comando dos sindicalistas contestadores da direção de Vandor foi chamada de *CGT de los Argentinos* e protagonizou diversas greves e protestos ao longo do ano de 1968, reprimidos com violência pelas forças policiais.

Além disso, setores do empresariado nacional também não se contentaram com o que lhes foi oferecido por Krieger Vasena. As políticas liberais de internacionalização da economia argentina retiraram os subsídios e proteções recebidas por empresas nacionais durante governos anteriores. Os empresários do agronegócio também estavam insatisfeitos, uma vez que as medidas de proteção ao mercado interno – visando a diminuição da inflação – restringiram as exportações, o que os prejudicava. A bomba estava armada. O tempo econômico da “Revolução Argentina” não resistiu à eclosão do “tempo social”.

As movimentações sociais iniciadas em 1968 ganharam, em 1969, a ação massiva de estudantes de diversas universidades e escolas do país. O movimento estudantil se reorganizava desde 1966 e os protestos aos poucos tomavam corpo. Em diversos momentos do mês de maio de 1969, sublevações estudantis ocorreram na cidade de Rosário, iniciadas pela resistência estudantil à intenção de privatizar o restaurante universitário. No primeiro enfrentamento, um estudante foi assassinado pela polícia. Ao longo do mês, outro estudante pereceu nos protestos.¹⁸⁶ A violência escalava rapidamente.

¹⁸⁶ GARULLI, Liliana *et alli* (org.). *Documentos de historia argentina (1955-1976)*. Buenos Aires: Eudeba, 2011, p. 138.

Em 29 de maio de 1969, na cidade de Córdoba, os ativismos estudantil e operário se juntaram, dando início a um movimento de massas que marcou o início do declínio do governo de Onganía, o *Cordobazo*. Era a esse acontecimento de “conhecimento público” que a ata da reunião de diretório da EUDEBA do dia 12 de agosto fazia referência.

O *Cordobazo* foi um movimento de protesto composto por diversos focos e formas de ação. Entre 29 e 31 de maio, as ruas de Córdoba foram tomadas por manifestações, barricadas, fogueiras e fortíssima repressão policial. Mais de vinte pessoas morreram, por volta de quinhentas ficaram feridas e mais de trezentas foram detidas.¹⁸⁷ Em meados de 1970, Onganía foi substituído na presidência por Roberto Marcelo Levingston, que, por sua vez, seria substituído por Alejandro Agustín Lanusse em 1971. Ambos exerceram mandatos cada vez mais marcados pelo signo da violência explícita.¹⁸⁸

O historiador Hugo Vezetti, ao escrever sobre a violência revolucionária na Argentina dos anos 1970, retoma uma reflexão de Hannah Arendt:

*El poder, dice Arendt, requiere del “número”, algo de lo cual puede prescindir la violencia, que depende sobre todo de los “instrumentos”. Siempre, en términos políticos, la tentación de recurrir a la violencia nace de la pérdida de poder.*¹⁸⁹

Tal citação, ainda que breve, sintetiza de maneira satisfatória o processo de aceleração e explicitação da violência que atravessava a Argentina nos anos 1970. A violência, que estava subjacente às relações políticas e sociais, aflora rapidamente e passa a ser enxergada por muitos atores políticos como a única forma de ação em um contexto de opressão e proibição da participação política. Significativo indício dessa situação foi a eleição do “terrorismo” como o personagem do ano de 1970 pela revista *Panorama*.¹⁹⁰

¹⁸⁷ ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015, p. 203.

¹⁸⁸ Sobre o Cordobazo e a violência política no período, ver: IZAGUIRRE, Inés. *Lucha de clases, guerra civil y genocidio en Argentina 1973-1983: antecedentes, desarrollo, complicidades*. Buenos Aires: EUDEBA, 2009; TCACH, César. *De la Revolución Libertadora al Cordobazo: Córdoba, el rostro anticipado del país*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012; e a recente pesquisa de doutorado GONZÁLEZ, Juan Ignacio. *Estudiantes e política sob ditadura: os universitários nas vésperas do Cordobazo (Córdoba, 1966-1969)*, apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal Fluminense no ano de 2018. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/tesesonline.php>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

¹⁸⁹ VEZETTI, Hugo. *Sobre la violencia revolucionaria*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, p. 64.

¹⁹⁰ CARASSAI, Sebastián. *Los años setenta de la gente común*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015, p. 66.

Em um contexto sociopolítico tensionado, cresce a polarização e a visão de que os atores políticos de oposição são inimigos. A historiadora Camilla Fontes de Souza afirma que,

sob esta concepção totalizante, a designação “subversivos”, atribuída aos militantes e grupos sociopolíticos, ganhou força no discurso institucional como caracterização ideológica daqueles que seriam os “inimigos da nação”. Ao mesmo tempo [...], também seriam inimigos todos os que priorizavam os interesses privados sobre o bem público, os que “vendiam a pátria” para o capital internacional e, em suma, os que não faziam das “necessidades do povo” a prioridade da nação.¹⁹¹

Dessa forma, começaram a atuar no país grupos armados à esquerda e à direita. Pela esquerda, as principais organizações foram o *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) e o grupo *Montoneros*. O ERP, nascido de grupos trotskistas vinculados ao *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT), tinha sua luta guerrilheira inspirada pelo foquismo propugnado por Ernesto “Che” Guevara e pelos revolucionários cubanos. No caso dos *Montoneros*, juntava-se todo o arcabouço justicialista à crença na violência como meio para atingir os fins revolucionários.¹⁹² Carlos Altamirano definiu assim os grupos guerrilheiros de esquerda que surgiram na Argentina após 1969:

*La convicción común a todos ellos era que el sistema de dominación vigente, de tipo semicolonial, reposaba en la violencia y que sólo otra violencia, que echara a andar una guerra que debía evolucionar como guerra popular, podría desenmascarar y, finalmente, derrotar a ese sistema que explotaba al pueblo y oprimía a la Nación.*¹⁹³

À direita, ocorreram ações de grupos comandados principalmente por organizações anticomunistas e por membros da direita peronista, ligados, em sua maior parte, ao grupo dirigido por Augusto Vandor.

Os assassinatos políticos, nesse cenário, transformaram-se em ferramentas privilegiadas de ação. De acordo com dados compilados pela investigadora Inés Izaguirre, houve um grande crescimento do número de mortos e desaparecidos no campo popular (da esquerda) a partir de

¹⁹¹ SOUZA, Camilla Fontes de. *La acción cambiante: da luta armada aos direitos humanos nos cartazes argentinos (1973-1984)*. Dissertação de mestrado defendida em 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), p. 19.

¹⁹² NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, pp. 106-107.

¹⁹³ ALTAMIRANO, Carlos. *Bajo el signo de las masas – 1943-1973*. Buenos Aires: Ariel, 2001, p. 90.

1969. Passou-se de seis mortes, em 1969, para 35 em 1972, bem como aumentou o número de militantes desaparecidos, de cinco, em 1970, para sete em 1972.¹⁹⁴

Os líderes sindicais Augusto Vandor e José Alonso foram assassinados, respectivamente, em junho de 1969 e agosto de 1970. Suas mortes foram reivindicadas por grupos ligados à esquerda armada. Eram considerados traidores da pátria, uma vez que condenavam a luta armada e defendiam a negociação com o regime militar como forma de ação. Os *Montoneros*, por sua vez, executaram o ato de violência armada de maior repercussão do período. Em 29 de maio de 1970, sequestraram o ex-presidente *de facto* Pedro Eugenio Aramburu, considerado responsável pelo fuzilamento de oficiais do exército que protestaram contra a Revolução Libertadora em 1956.¹⁹⁵ Passado mais de um mês de seu desaparecimento, o ex-general foi encontrado sem vida dentro de um carro na periferia de Buenos Aires. Em nota do dia 31 de maio de 1970, os *Montoneros* já haviam condenado Aramburu ao que caracterizavam como “justiçamento” pelos crimes cometidos:

II- Por cuanto el Tribunal lo ha encontrado culpable de los siguientes cargos, que no han sido reconocidos por el acusado:

1º) La pública difamación del nombre de los legítimos dirigentes populares en general y especialmente de nuestro líder Juan Domingo Perón y nuestros compañeros Eva Perón y Juan José Valle.

2º) Haber anulado las legítimas conquistas sociales instauradas por la Revolución Justicialista.

3º) Haber Iniciado la entrega del patrimonio nacional a los intereses foráneos.

[...]

El Tribunal Revolucionario, resuelve:

1º. Condenar a Pedro Eugenio Aramburu a ser pasado por las armas en lugar y fecha a determinar.

2º. Hacer conocer oportunamente la documentación que fundamenta la resolución de este Tribunal.

[...]

¡PERÓN O MUERTE! ¡VIVA LA PATRIA!

*M O N T O N E R O S.*¹⁹⁶

Chama a atenção, no pronunciamento dos *Montoneros*, o apelo a uma justiça paralela, dando a entender que as leis e a Constituição, tão caras aos intelectuais iluministas que as haviam defendido após a derrubada de Perón em 1955, de nada serviriam em um contexto em

¹⁹⁴ IZAGUIRRE, Inés. *Lucha de clases, guerra civil y genocidio en Argentina 1973-1983: antecedentes, desarrollo, complicidades*. Buenos Aires: Eudeba, 2009, p. 86.

¹⁹⁵ Ver Capítulo 2.

¹⁹⁶ Comunicado nº 3 dos *Montoneros al Pueblo de la Nación*. Consultado no site do CEDEMA (Centro de Documentación de los Movimientos Armados). Disponível em: < <http://www.cedema.org/ver.php?id=222>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

que a oposição era vista como inimiga da pátria. “*Perón o muerte*”, a consigna com que finalizam sua mensagem, guarda também profundos significados. Silvia Sigal e Eliseo Verón analisam as maneiras como Perón e o peronismo construíram, entre 1955 e 1973, representações do movimento justicialista tendo por base as manifestações e diálogos (muitas vezes lacunares) entre o líder exilado e seus seguidores na Argentina. Tais representações respeitaram, de modo geral, uma espécie de “tempo peronista” que esvaziava toda historicidade que escapasse a seus propósitos discursivos. Dessa maneira, da “redenção” propiciada por Perón quando de sua atuação no Ministério do Trabalho e Bem-Estar Social em 1943, passar-se-ia à “organização” quando de sua eleição em 1946. Depois, viria a necessidade de “liberação”, imposta pela Revolução autodenominada Libertadora de 1955 e pelo exílio. Por fim, viria a “reconstrução”, que seria trazida pela volta do líder e pelo restabelecimento de um governo popular e nacional.¹⁹⁷

Contudo, as fases do “tempo peronista” foram interpretadas de maneiras diferentes pelos diferentes atores envolvidos no movimento justicialista. Destaque-se, aqui, a leitura feita pela Juventude Peronista, que, ao longo dos anos 1970, integrou-se fortemente aos quadros dos *Montoneros*. De acordo com a chave interpretativa da juventude que apoiava Perón, os enunciadores privilegiados de suas palavras no exílio, em especial os líderes sindicais, não representariam fielmente os desejos do líder. Os assassinatos de Vador e Alonso são exemplos disso.¹⁹⁸

Com o transcorrer dos anos, e em especial após o *Cordobazo* e a Revolução Cubana, passa a existir entre os peronistas argentinos uma espécie de “segunda palavra” de Perón. Suas mensagens – que incluíram, de fato, acenos a Fidel Castro e diálogos com o marxismo – passaram a ser lidas por meio de prismas muito diversos. Por um lado, os peronistas de esquerda – que incluíam os *Montoneros* e a Juventude Peronista – passaram a encarar como objetivo a libertação nacional por meio da luta social – inclusive armada. Tal ação seria, em sua visão, a contribuição possível em uma luta solidária com o povo argentino, que permanecera fiel ao líder no exílio. A direita peronista – representada majoritariamente pelos sindicatos –, por sua

¹⁹⁷ SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: EUDEBA, 2014, pp. 53-55.

¹⁹⁸ Sobre as relações entre o peronismo e a radicalização política do período, ver: ALTAMIRANO, Carlos. *Peronismo y cultura de izquierda*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001; JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013; BONAVERA, Pablo (org.). *Orígenes y desarrollo de la guerra civil en la Argentina*. Buenos Aires: EUDEBA, 1998.

vez, condenava as ações armadas e defendia o fim das proscricções ao peronismo e a volta de Perón como forma de resolver as questões políticas e sociais.

Perón negociava e acenava para ambos os lados: para ele, era interessante o cenário que se desenhava, uma vez que, diante de uma situação de quase guerra civil no país – em que grande parte dos atores enunciava seu nome de diferentes maneiras – o “regresso” de Perón surgia como um possível fator de pacificação e ordenamento social. No exílio, o general passou a omitir-se em face das notícias de violência, emitindo, de vez em quando, sinais ambíguos, passíveis de diferentes interpretações.¹⁹⁹

Nas universidades, o clima de radicalização também era forte. As entidades do movimento estudantil deixaram de se definir por suas filiações aos princípios da reforma universitária argentina, ou a princípios abstratos como o humanismo iluminista, e passaram a definir-se por sua ligação com agrupamentos e organizações políticas, como afirma Pablo Buchbinder:

*La Juventud Universitaria Peronista, la agrupación Franja Morada, vinculada directamente con la Unión Cívica Radical, y las distintas vertientes universitarias de los partidos de izquierda pasaron a dominar el panorama político del movimiento estudiantil. Finalmente, la violencia apareció como una opción más en el contexto de finales de los sesenta. [...] La fascinación por la violencia constituyó un elemento central de la cultura política de muchos grupos juveniles [...]. El ejemplo cubano, la falta de canales institucionales de participación en la Argentina [...], los ejemplos de las rebeliones estudiantiles en Europa y Estados Unidos, acentuaron la radicalización de gran parte de los universitarios.*²⁰⁰

A EUDEBA não ficou imune a esse cenário. Para além de certa homologia entre a conturbada situação política do país e sua administração – as constantes trocas de gerência e a apatia editorial que mencionamos anteriormente são indícios disso –,²⁰¹ a polarização ideológica assomou às páginas das atas de reunião do diretório da editora. No dia 10 de abril de 1970, o presidente do diretório, José Antonio Gomariz, defendeu a necessidade “*de que la política editorial de Sociedad no refleje de modo algún tendencias dentro de ideologías*

¹⁹⁹ SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: EUDEBA, 2014, pp. 53-55.

²⁰⁰ BUCHBINDER, Pablo. *Historia de las universidades argentinas*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010, p. 198. Ver também o instigante trabalho de Valeria Manzano. *The age of youth in Argentina: culture, politics and sexuality from Perón to Videla*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2019.

²⁰¹ Entre 1966 e 1969, a condução da editora foi trocada cinco vezes. Para mais informações, ver: SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *50 años de libros para todos*. Buenos Aires: EUDEBA, 2008, pp. 144-146.

determinadas, sean ellas de tipo político, social, económico, etc.”.²⁰² A manifestação de Gomariz é aceita e concretiza-se em documento de normas editoriais aprovado na reunião seguinte. O primeiro artigo de tal documento expressa: “*1º La política editorial estará caracterizada por la ausencia de cualquier tipo de tendencia ideológica*”.²⁰³ Ao final da reunião, reporta-se que o reitor da universidade ofereceu um corpo de professores para analisar os livros antes de serem editados. O diretório agradece e recusa.²⁰⁴

A autocensura proposta e aprovada pelo diretório da EUDEBA é um exemplo da complexidade das relações entre Estado autoritário e produção cultural. Não é o Estado, por meio de sua máquina hipertrofiada e violenta, que impõe a proibição de títulos e a eliminação de livros – ao menos nesse momento. O temor ao poder político do Estado certamente influencia na decisão tomada pelo diretório, que busca se alinhar às diretrizes em voga no contexto político nacional. Entretanto, é necessário ressaltar que a iniciativa e os termos em que opera tal alinhamento são definidos internamente. Atores que poderiam, supostamente, exercer uma resistência a tais demandas apropriam-se delas e atuam de modo a implantá-las e reproduzi-las. Tanto é assim que, quando a sugestão de censura prévia por parte da UBA aparece, é prontamente recusada. Na prática, ela não era necessária.

As trocas de direção da editora prosseguiram no início dos anos 1970. Fosse por imposição da UBA ou por renúncias voluntárias, as oscilações provocaram graves consequências ao trabalho editorial. Nas atas do diretório, repetem-se à exaustão discussões sobre o arcabouço do processo editorial. Cada nova equipe de gestão gasta meses definindo a maneira como os livros serão avaliados e colocados em produção. Quando um perfil de trabalho é imposto, a troca da direção faz tudo recomeçar do zero. Tais alterações provocam também movimentos reivindicatórios dos funcionários, que cobram seus direitos e cujas petições são debatidas nas reuniões do diretório. São muitos os casos, também, de diretores que pedem renúncia ao cargo alegando falta de tempo para se dedicar à editora. Contrapondo tais fatos ao contexto do primeiro período de gestão da EUDEBA (1958-1966), nota-se uma diferença fundamental: passou-se de uma direção orgânica, que entendia o pertencimento à empresa como uma parte importante de sua trajetória profissional e pessoal, a um conjunto de equipes de

²⁰² Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 165, de 10 de abril de 1970. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁰³ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 166, de 17 de abril de 1970. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁰⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 166, de 17 de abril de 1970. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

gestão nomeadas pelos sucessivos reitores da UBA, que, em grande medida, dedicavam-se ao trabalho editorial apenas como ônus dos cargos que ocupavam na universidade. Grande parte da perda de prestígio e da diminuição do número de publicações da editora nos anos 1970 foi provocada por esse fenômeno.

Uma nova intervenção do reitorado da UBA na direção da EUDEBA foi feita em 24 de setembro de 1971, sendo nomeado presidente do diretório o professor Juan Pablo Oliver. No primeiro documento oficial tornado público pela gestão de Oliver – a Memória aos acionistas sobre o período de 1970 e 1971 –, alguns aspectos saltam aos olhos. Nessa Memória, o diretório afirma que, apesar das dificuldades financeiras atribuídas à gestão anterior, “*ha encontrado en todo el personal de la Empresa un encomiable espíritu de colaboración y dedicación [...] conforme los objetivos que emergen de sus estatutos y sobretudo de la jerarquía universitaria resultante de su condición de editorial universitaria*”.²⁰⁵ Enfatiza também que os problemas da editora são provocados pelo “*conflictivo tiempo*” vivido pelo país, em que “*la Universidad de Buenos Aires se halla empeñada en una batalla para asentar una cultura al servicio de la NACIÓN y de sus tradiciones*”.²⁰⁶ Apesar das orientações de diretórios anteriores – ainda que a declaração não contrarie o espírito pretensamente “anti-ideológico” da época –, a equipe de Oliver conclama a união dos trabalhadores em torno de um projeto editorial de tons nacionalistas. A maior surpresa, porém, surge adiante, na mesma ata. Aludindo à lei 12.962 de 1947, que ratificava o decreto-lei 15.349/46, os diretores afirmam que retomariam o direito dos trabalhadores da EUDEBA de terem representação nas assembleias da editora. Afirmam, ainda, que tal lei fora seguida nos inícios da EUDEBA, mas que alterações posteriores dos estatutos a retiraram.

Dessa maneira, em nome de um projeto editorial que não contrariava a ideologia política dominante na época – majoritariamente antiperonista e antiesquerdista –, o diretório comandado por Juan Pablo Oliver convoca os trabalhadores da EUDEBA a colaborarem ativamente com a editora e, para isso, retoma uma lei da época do primeiro peronismo. As idas e vindas do peronismo na sociedade argentina e na EUDEBA não são novidade para nós a essa altura, mas a surpresa apresentada por Oliver relaciona-se indiretamente com outro elemento do contexto político vivido pela Argentina à época. Em março de 1971, assumira o poder o General Alejandro Agustín Lanusse com uma proposta batizada de GAN: o *Gran Acuerdo*

²⁰⁵ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 183, de 13 de outubro de 1971. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁰⁶ Ibidem.

Nacional. Como vimos, o tempo social havia atropelado o tempo econômico de Onganía e a saída foi apelar ao tempo político e tentar uma saída eleitoral que terminasse com o ciclo de governos militares instalado em 1966. De acordo com Carlos Altamirano,

*el proyecto del acuerdo, que buscaba aislar a todas las variantes del “partido armado” y desactivar una oposición civil cada vez más amplia y encolerizada, incluía al peronismo – éste se incorporaría al sistema político. Pero el pacto perseguido por Lanusse reclamaba, como contribución compensadora de los peronistas, que Perón hiciera también su parte, condenando expresamente la violencia que se ejercía en nombre del movimiento que lo tenía como jefe y renunciando a toda candidatura en las elecciones venideras.*²⁰⁷

Entretanto, os movimentos sociais estavam em ebulição crescente. Já em 1970, membros do movimento peronista, de agrupações de esquerda dos mais variados matizes e da União Cívica Radical suspenderam temporariamente suas rivalidades para formarem uma frente intitulada *La Hora del Pueblo*, em que denunciavam o governo pela péssima situação social que grassava no país – a inflação voltara a subir e as condições de vida se deterioravam – e o acusavam de entregar as riquezas nacionais às potências estrangeiras. O grupo organizou dezenas de greves e atos de protesto, que aumentaram o alerta do governo militar. Por mais que Perón negociasse com Lanusse, as massas peronistas agiam cada vez mais autonomamente, ainda que não prescindissem de justificar seus atos pelas declarações – muitas vezes descontextualizadas – do líder no exílio.

O negociador privilegiado de Perón com os militares e políticos foi Héctor Cámpora. O GAN foi selado em 1972, mas o posicionamento de Perón seguiu o caminho da ambiguidade. Ao mesmo tempo em que aceitou desautorizar os movimentos guerrilheiros que agiam em seu nome, nomeou para o Conselho Nacional do Justicialismo (órgão máximo do movimento político liderado por Perón) um dos chefes dos *Montoneros*, Rodolfo Galimberti. Além disso, o Partido Justicialista (PJ) fez parte da organização da FRECILINA (*Frente Cívica de Liberación Nacional*), que viria posteriormente a transformar-se na FREJULI (*Frente Justicialista de Liberación Nacional*), reforçando a tática da formação de frentes de oposição – que incluíam frações dos Montoneros e dos agrupamentos da esquerda peronista organizados em torno da chamada Tendência Revolucionária (TR) – para vencer o regime militar. Não obstante, Lanusse e Perón chegaram a um acordo – que passou por uma discreta visita do líder exilado à Argentina, em novembro de 1972 – e as eleições foram convocadas para março do ano seguinte.

²⁰⁷ ALTAMIRANO, Carlos. *Bajo el signo de las masas – 1943-1973*. Buenos Aires: Ariel, 2001, p. 92.

Ao fim de 1972, portanto, a expectativa pelas eleições e pela construção de um novo modelo nacional era grande. Na EUDEBA, a gestão de Juan Pablo Oliver, ao discutir, em dezembro, o plano editorial para o ano seguinte, fala da conjuntura nacional e afirma, em ata, que a editora deve estar alinhada com “*el afianzamiento del ser nacional y con los grandes objetivos de libertad y justicia que le son propios, en el marco de sus tradiciones*”.²⁰⁸ Não houve tempo, entretanto, para que seu diretório levasse a cabo tal plano.

Para concorrer às eleições, a FREJULI – que englobava, nesse momento, as principais frações políticas do peronismo – lançou como candidatos a presidente e vice-presidente, respectivamente, Héctor Cámpora – ligado à esquerda peronista, em especial à Juventude Peronista – e Vicente Solano Lima – político do Partido Conservador Popular da confiança de Perón e ligado à direita peronista. De acordo com Camilla Fontes de Souza, a combinação dos candidatos “sintetizava o poder de fusão entre a esquerda e a direita, presentes internamente no peronismo. Mais do que uma união intraperonista, esta aliança era a expressão da possibilidade de união de distintas forças políticas sob um único projeto de nação, o projeto peronista”.²⁰⁹

No dia 11 de março de 1973, com 49,5% dos votos, Héctor Cámpora venceu Ricardo Balbín, da União Cívica Radical –²¹⁰ que obteve 21,3% dos votos – e foi eleito presidente da Argentina. A consigna “*Cámpora al gobierno, Perón al poder*”, que fora exaustivamente repetida pelos jovens peronistas durante a campanha eleitoral, tinha, agora, a chance de se concretizar. Após 17 anos de proscricção oficial, os peronistas voltavam ao poder. No entanto, enganaram-se aqueles que – como Lanusse – imaginavam que a volta do peronismo à política oficial significaria a diminuição das tensões e das ações guerrilheiras e revolucionárias. Já no dia da posse de Cámpora, em 25 de maio, a presença do líder do governo popular do Chile, Salvador Allende, e do presidente de Cuba, Fidel Castro, anunciava algumas das simpatias angariadas pelo novo governo. Além disso, em um movimento conhecido como *Devotazo*,

²⁰⁸ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 218, de 07 de dezembro de 1971. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁰⁹ SOUZA, Camilla Fontes de. *La acción cambiante: da luta armada aos direitos humanos nos cartazes argentinos (1973-1984)*. Dissertação de mestrado defendida em 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), p. 23. No mesmo trabalho, a historiadora efetua uma instigante análise dos cartazes das organizações de esquerda peronista que foram, em grande medida, responsáveis pela propaganda da campanha política de Cámpora e Solano Lima.

²¹⁰ Nesse momento, a União Cívica Radical del Pueblo, facção mais conservadora da antiga UCR, havia retomado os direitos sobre o uso da sigla. Dessa maneira, Balbín concorreu no pleito pela UCR. Já a UCRI, dos intransigentes, formou um novo partido, o Partido Intransigente, que lançou como candidato Oscar Alende, quem obteve 7,5% dos votos.

militantes peronistas tentaram invadir a prisão de Villa Devoto em busca da liberdade dos presos políticos que, argumentavam, deveriam receber anistia. A anistia foi concedida pelo Congresso, mas uma luz de alerta fora ligada: será que o fim da proscrição ao peronismo não aquietaria as tensões sociais? A resposta não tardaria a se desenhar.

Enquanto isso, o governo de Cámpora propunha uma espécie de pacto social para recuperar a economia do país. Esse pacto envolveu congelamento de preços e o fim temporário do gatilho automático para salários. Apesar da aceitação dos sindicatos, frações da esquerda peronista não se conformaram com os acordos. De acordo com a historiadora Maristella Svampa, enquanto o governo desejava consolidar o pacto social para caminhar rumo à “pátria peronista”, os grupos de esquerda do peronismo almejavam conquistas que levassem à “pátria socialista”.²¹¹ Tais conflitos internos constituíram o principal obstáculo ao êxito do governo de Cámpora.

Com a eleição do novo governo, a esquerda peronista foi tomada por grande empolgação operativa, em um processo que ficou conhecido como “Primavera Camporista”. Entre os dias 4 e 15 de junho de 1973, foram realizadas mais de quinhentas ocupações de escolas, universidades, fábricas e empresas em todo o país. Tinha-se a sensação de que o poder estava mais perto do que nunca e era necessário agir. Por outro lado, o ministério de Cámpora era formado por pessoas das mais variadas origens sociais e vertentes ideológicas, incluindo o ministro do Bem-Estar Social, José López Rega, um policial aposentado de ideologia conservadora que se aproximara muito de Perón durante o exílio e seria um dos porta-vozes do desejo do líder de que fosse controlada a “subversão” esquerdista. López Rega organizou grupos paramilitares que passaram a agir clandestinamente contra os agrupamentos de esquerda e depois foram consolidados na Triple A (AAA, *Alianza Anticomunista Argentina*).

Perón passou a enviar recados mais diretos à esquerda peronista solicitando que aguardassem seu retorno e que não cometessem excessos. Não teria percebido a juventude que Perón não apoiaria seus atos quando estivesse em solo argentino? A resposta é complexa. Como dissemos anteriormente, às ambíguas lacunas do discurso de Perón no exílio, as esquerdas peronistas respondiam com interpretações ainda mais ambíguas. A comunicação estava truncada, e os peronistas de esquerda agiam de acordo com as representações do líder que conseguiam criar. Tentavam, também, fazer com que ele os ouvisse. De acordo com a análise de Silvia Sigal e Eliseo Verón, os slogans e consignas criados e repetidos à exaustão pela

²¹¹ SVAMPA, Maristella. El populismo imposible y sus actores – 1973-1976. In: JAMES, Daniel. *Nueva historia argentina: violencia, proscripción y autoritarismo (1955-1976)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007, pp. 381-438.

juventude peronista estão permeados pela função poética da linguagem, que tornaria mais direta e apelativa a transmissão do conteúdo das mensagens. Dessa forma, afirmam os autores: “*tanto las consignas como los eslóganes connotan la cohesión y la presencia física del colectivo de identificación, en la situación misma de una reunión multitudinaria, donde se canta y donde se grita*”.²¹² Grita a juventude, uma vez que o destinatário final de sua mensagem (Perón) está (ou faz-se de) surdo. Seu retorno estava marcado para o dia 20 de junho de 1973.

Antes da volta de Perón, adentremos novamente a sala de reuniões da EUDEBA. Desde o início de 1973, o clima estava tenso na editora. No final de 1972, houve uma troca de membros do diretório pelo reitor, Carlos A. Durrieu. Isso fez com que o presidente da editora, Juan Pablo Oliver, e o gerente geral, Aníbal D’Angelo Rodríguez, renunciassem a seus cargos. No entanto, devido a uma série de idas e vindas burocráticas que impediram a convocação de uma assembleia extraordinária para a nomeação de novos membros do diretório, terminaram por permanecer na editora até o fim do mês de maio. Em uma assembleia de acionistas realizada no dia 18 de junho de 1973, foram escolhidas as novas autoridades da Editorial Universitária de Buenos Aires, que assumiriam o controle da editora em 29 de junho do mesmo ano. O presidente da editora passaria a ser o intelectual e jornalista Arturo Jauretche e o Gerente Geral (o nome oficial do cargo era “Diretor Executivo”) seria o também jornalista Rogelio García Lupo. Ambos peronistas, ambos de esquerda.²¹³ A “Primavera Camporista” chegava à EUDEBA.

²¹² SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: Eudeba, 2014, p. 156.

²¹³ Arturo Jauretche, inclusive, fora convidado de honra na posse do presidente Héctor Cámpora, assistindo à cerimônia de uma das sacadas da Casa Rosada. Para mais informações sobre Jauretche, ver: GALASSO, Norberto. *Jauretche: biografía de un argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2014.

4. “EUDEBA no es una isla”: a breve experiência da esquerda peronista (1973-1974)

A escolha de Arturo Jauretche e Rogelio García Lupo inseriu-se em um conjunto de mudanças feitas no Ministério da Educação e na UBA com a ascensão do governo justicialista. O ministro escolhido para organizar a educação argentina foi Jorge Taiana, decano da Faculdade de Medicina da UBA e ex-reitor da universidade durante a segunda presidência de Perón (1952-1955). Cumprindo uma agenda que propugnava colocar a universidade “a serviço do povo”, Taiana reincorporou diversos docentes que haviam sido afastados após os golpes de Estado de 1955 e 1966, ordenou o ingresso irrestrito de estudantes em todas as universidades públicas e incentivou essas instituições a adequarem seus programas às “necessidades nacionais”.²¹⁴

Como reitor interventor da UBA foi nomeado o historiador Rodolfo Puiggrós, um ex-membro do Partido Comunista que se tornara peronista nos anos 1940 e atuava, quando de sua nomeação, como intelectual da esquerda peronista.²¹⁵ Em consonância com as ações de Taiana, Puiggrós teve como medidas de destaque a implantação de cursos introdutórios para os ingressantes (uma espécie de “ciclo básico”), a criação de novos centros de pesquisa, a alteração de diversos programas curriculares e o fim dos exames de ingresso, trabalhando em nome da criação do que entendia como uma universidade nacional e popular.²¹⁶

As tensões existentes na sociedade argentina não ficaram apartadas dos claustros universitários. A esquerda peronista efetuou ocupações em diversas universidades para reforçar suas posições de luta pela realização da “pátria socialista”. No fim do ano de 1973, foram efetuadas eleições para definir os dirigentes dos centros estudantis. Durante a campanha das chapas, enfrentamentos violentos foram registrados em todo o país entre organizações de estudantes das direitas e das esquerdas. Na UBA, por exemplo, afirma Laura Rodríguez, “*la JUP [esquerda peronista] denunció agresiones de parte de la Juventud de la Revolución Libertadora [direita não peronista]*”.²¹⁷ O ministro Taiana não foi poupado de achaques e

²¹⁴ RODRÍGUEZ, Laura Graciela. *Universidad, peronismo y dictadura*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015, pp. 23-24.

²¹⁵ Idem, *ibidem*, pp. 23-29.

²¹⁶ FRIEDEMANN, Sergio. *El marxismo peronista de Rodolfo Puiggrós: una aproximación a la izquierda nacional*. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani (Documentos de Jóvenes Investigadores n. 39), 2014, pp. 89-90. Disponível em: <<http://webiigg.sociales.uba.ar/iigg/textos/documentos/dji39.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

²¹⁷ RODRÍGUEZ, op. cit., pp. 23-35.

críticas. Após a vitória da JUP nas eleições para o centro de estudantes da UBA, o Conselho Superior do Justicialismo chamou-lhe para uma reunião de cobrança – à qual o ministro não compareceu. No mês de novembro de 1973, a revista *Alianza Libertadora Nacionalista*, ligada à direita peronista, afirmava que Taiana era “*el ‘ministro de la contrarrevolución’*” e assegurava que ele estava “*‘pésimamente rodeado’ y que era un ‘peligro’, entre otras cosas porque había invitado al pedagogo brasileño Paulo Freire, ligado al gobierno ‘marxista’ de Allende en Chile*”.²¹⁸

Os novos tempos na EUDEBA foram marcados pela explicitação da penetração da política no cotidiano da editora e pelo acirramento das tensões internas – muitas das quais refletiram tensões da política nacional. Logo na primeira reunião do novo diretório, o presidente, Arturo Jauretche “*manifiesta que se abre una nueva etapa para Eudeba, expresando que se debe hacer una gran Editorial Continental, como instrumento de contacto cultural y universitario con Latinoamérica*”.²¹⁹

A reunião continuou, e um funcionário da EUDEBA, Jorge Schvarzer, tomou a palavra para afirmar que não havia problemas em relação aos trabalhadores da editora, uma vez que estes manifestaram que ofereceriam “*toda su colaboración para hacer de Eudeba una Editorial al servicio de una cultura nacional y popular*”.²²⁰

O novo diretório deixava explícito, portanto, seu alinhamento ideológico com o projeto cultural peronista, que enxergava a educação e a cultura como instrumentos de transformação popular. Além disso, a declaração de Jauretche reitera sua concepção ideológica alinhada à esquerda peronista, acrescentando o elemento “latino-americano” à missão da editora.²²¹

Na mesma reunião, anuncia-se um concurso de ensaios sobre problemas nacionais a ser promovido pela editora, intitulado Prêmio Raúl Scalabrini Ortiz, que fora um intelectual nacionalista argentino. Junto a Jauretche, nos anos 1930, Scalabrini Ortiz construiu uma trajetória intelectual de defesa dos interesses nacionais em detrimento da penetração

²¹⁸ RODRÍGUEZ, Laura Graciela. *Universidad, peronismo y dictadura*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015, pp. 23-36.

²¹⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 234, de 29 de junho de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Outro indício de adesão ao projeto de uma universidade nacional e popular foi a mudança, nas atas do diretório, da nomenclatura da UBA (Universidad de Buenos Aires) para U.N.B.A. (Universidad Nacional de Buenos Aires), seguindo diretrizes adotadas pela reitoria de Puiggrós.

estrangeira, tornando-se um apoiador distante do peronismo nos anos 1940. Falecera em 1959 e suas obras tornaram-se referências para os intelectuais nacionalistas e peronistas dos anos 1970. O batismo do concurso com seu nome representa uma mudança nas práticas da editora. Na primeira etapa da EUDEBA, como vimos anteriormente, o concurso mais importante solicitou aos autores que enviassem ensaios sobre a Constituição. Transcorridos quase dez anos do certame, a comparação entre os concursos permite entrever que a crença exacerbada no império da lei não conseguiu resolver – ao menos para os peronistas de esquerda que ora comandam a editora – os problemas nacionais. Além disso, o apelo a Scalabrini Ortiz pode ser entendido, também, como uma maneira de mudar os referenciais teóricos que passaram a balizar, dali em diante, as ações editoriais da EUDEBA. Saem os “iluministas”, entram aqueles preocupados com o campo nacional-popular.

Nas reuniões seguintes, o projeto editorial de Jauretche e García Lupo tornar-se-ia mais cristalino por meio das listas de livros aprovados para publicação. No dia 27 de julho de 1973, surge um plano de publicações encabeçado pela seguinte coleção:

*1- América Latina Libre y Unida: - Héctor José Cámpora “La Revolución Peronista”; - Salvador Allende “La Revolución Chilena”; - Teniente General Juan Domingo Perón “La Revolución en América Latina”; - Osvaldo Artigas “La Revolución Cubana”.*²²²

Também chama a atenção no plano a presença de dois livros de membros do diretório: *Manuel Ugarte y la unidad de América Latina*, de Norberto Galasso (Síndico Suplente), e *Geopolítica de la liberación*, do próprio presidente Arturo Jauretche.

Nota-se que a coleção *América Latina Libre y Unida* traz títulos que explicitam o alinhamento do diretório da EUDEBA com as ideias dos grupos da esquerda peronista. Os quatro títulos planejados contêm a palavra “revolução”, e dois deles falam de processos históricos declaradamente socialistas (Cuba e Chile), cada um à sua maneira. Entretanto, é necessário ressaltar que o autor escolhido para tratar da revolução na Argentina (a “peronista”) não é Perón, mas Cámpora. Em contrapartida, textos de Perón seriam compilados para formar o volume sobre uma pretensa revolução latino-americana. Tal operação encaixa-se no contexto em que se situavam os grupos da esquerda peronista naquele momento histórico. Cada vez mais achacados pela ala direita do peronismo, buscavam voz própria para determinar os caminhos do governo justicialista. Tentavam, novamente, falar com o líder. Acrescente-se a isso um

²²² Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n° 237, de 27 de julho de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

detalhe: no dia em que a coleção apareceu no plano editorial, o governo de Cámpora já havia terminado, o que torna o livro uma espécie de obra póstuma sobre a “Primavera Camporista”.

O plano editorial, entretanto, não é o único ponto conspícuo na reunião de diretório do dia 27 de julho de 1973. O primeiro ponto da pauta tratado pelo gerente Rogelio García Lupo intitulava-se “*Problemas políticos de la empresa*”. Ao tratá-lo, García Lupo informava:

*a los Señores Directores de la situación externa de la Editorial manifestando que se han registrado diversas amenazas personales y el ataque a un taller de encuadernación donde se realizaban trabajos para Eudeba, que provocó el incendio de ejemplares que se encontraban en preparación, culminando con un llamado anónimo alertando sobre la existencia de explosivos en la Editorial.*²²³

Uma notícia do jornal *Folha de São Paulo*, publicada no dia 26 de julho de 1973, com informações da agência de notícias *Associated Press*, oferecia mais detalhes sobre o ocorrido:

Argentina: direita ataca. [...] Segunda-feira, indivíduos armados invadiram uma gráfica e queimaram uma edição de 30 mil exemplares do livro “*O Marxismo*”, do francês Henri Lefebvre. A obra havia sido impressa pela “Editorial Universitaria de Buenos Aires” (EUDEBA), dirigida por peronistas de esquerda. [...] O mais grave choque entre as facções rivais peronistas ocorreu no dia 20 de junho, nas proximidades do Aeroporto Internacional de Ezeiza, quando quase três milhões de pessoas se concentraram para a recepção a Perón, que retornava da Espanha. Elementos armados [...] ligados aos setores direitistas do peronismo abriram fogo contra colunas e jovens esquerdistas que haviam cercado o local. Houve mais de 30 mortos e 500 feridos.²²⁴

Em entrevista à pesquisadora Judith Gociol, Rogelio García Lupo afirmou que o grupo terrorista que atacou as oficinas de impressão queimou o livro errado. A obra em questão, uma reimpressão, teria sido editada e vendido muito bem.²²⁵ Deixando de lado essa particularidade, o episódio mostra com clareza a penetração nada implícita da violência social existente no país no cotidiano da editora. O diretório comandado por Arturo Jauretche deixara claro suas preferências ideológicas por meio dos títulos que planejava editar, e isso provocou retaliações, gerando medo entre os funcionários e diretores. A repercussão do ataque é grande e permite vislumbrar o grau elevado de polarização existente no país. Além disso, a notícia da *Folha de São Paulo* traz, em retrospecto, informações sobre a volta de Perón à Argentina. Desde o dia

²²³ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA nº 237, de 27 de julho de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²²⁴ *Folha de São Paulo*, 25 de julho de 1973. Consultado no Acervo Digital da Folha de São Paulo na internet.

²²⁵ GOCIOI, Judith. *Libros para todos: colecciones de EUDEBA bajo la gestión de Boris Spivacow (1958-1966)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012, p. 53.

20 de junho, portanto, o líder do justicialismo estava em território nacional, o que trouxe consequências que merecem uma análise detida.

A volta de Perón, como narra a notícia, provocou embates violentos entre setores da direita e da esquerda peronistas em um evento conhecido como Massacre de Ezeiza. Para recepcionar o líder, que voltaria definitivamente ao país após 17 anos de exílio, os peronistas organizaram uma grande manifestação popular. A maioria dos preparativos ficou nas mãos de José López Rega, provocando reações por parte da Juventude Peronista, que convocou milhões de pessoas para irem ao aeroporto e recepcionarem Perón. Era mais uma tentativa de se comunicar com o líder. Entretanto, setores da CGT e grupos paramilitares relacionados a López Rega atacaram os *Montoneros* e a Juventude Peronista, com um saldo trágico. No dia seguinte, ao dar sua primeira declaração pública, Perón nada disse sobre o massacre e pediu que a ordem voltasse a reinar no país. Tal indiferença revoltou a juventude e os grupos pertencentes à esquerda peronista, que ainda teriam de suportar declarações em que Perón os chamava de “*muchachada apresurada*”. Em contraposição, Perón passaria a negociar uma saída de compromisso com os setores do “velho” sindicalismo peronista. Tornava-se cada vez mais nítida sua guinada à direita, conforme avalia texto publicado em *La Nación*:

*Perón ha tomado partido a favor de una, entre las dos facciones en pugna, pero esto lo sabíamos, en realidad, desde su discurso de 21 de junio. [...] El caudillo justicialista profundizó hasta el límite políticamente permisible sus discrepancias con el ultraizquierdismo. En ese sentido, quienes quieran seguir imputando a una desviación de López Rega o de otras personas influyentes [...] los giros a los cuales se ha aplicado últimamente el movimiento, tendrán que realizar una proeza manifiesta.*²²⁶

O pêndulo movimenta-se ainda mais à direita quando, em 12 de julho de 1973, Cámpora renuncia a seu mandato junto com seu vice, Solano Lima. A manobra foi certa por parte de Perón e da direita peronista, uma vez que assumiu a presidência interina e convocou eleições o presidente da Câmara Raúl Lastiri – que era também genro de José López Rega. Em 23 de setembro, elegia-se, com 62% dos votos, a chapa Juan Domingo Perón e Maria Estela Martínez de Perón, que tomou posse em 12 de outubro de 1973, dando início a um governo que tentaria acabar, prática e simbolicamente, com o que restava da “Primavera Camporista”. A direita peronista estava oficialmente no poder.

²²⁶ *La Nación*, 5 de agosto de 1973. Apud: GALASSO, Norberto. *Jauretche: biografía de un argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2014, p. 297.

Na UBA, o viés nacional e popular implantado pela gestão de Rodolfo Puiggrós propiciara, por exemplo, a criação de um curso chamado “*Historia de las luchas sociales argentinas*”. A EUDEBA não ficou de fora dessa empreitada, uma vez que, em reunião do diretório realizada no dia 3 de agosto de 1973, Rogelio García Lupo afirma que a universidade solicitara à EUDEBA “*la publicación de 50.000 ejemplares del texto que se utilizará en el curso sobre ‘Historia de las luchas sociales argentinas’, que se dictará en todas las facultades*”.²²⁷ Dessa maneira, a UBA definia uma política educacional baseada na difusão de um conhecimento considerado essencial para a definição dos rumos nacionais. A informação de que o curso seria “*dictado*” (ministrado) em todas as faculdades reforça tal afirmação. A universidade era vista, nesse momento, como uma forma de transformação social da Argentina. O grupo de Puiggrós – com ideias afins às defendidas pelo grupo da EUDEBA – oferecia, dessa maneira, sua contribuição para um processo político – e histórico – que entendia como parte de uma mudança nacional importante. O momento era crítico e, nas palavras de Puiggrós,

*nosotros queremos una cultura nacional y una revolución cultural, que como ya he dicho varias veces no es como la china, ni la chilena sino de acuerdo con las condiciones argentinas, lo que significa, en primer lugar, que el pueblo tenga acceso a la cultura, y en segundo lugar, que esa cultura asimile la cultura universal para superarla abandonándose la actitud de antes, de ponerse de rodillas frente a cualquier cosa que venía del extranjero.*²²⁸

A cultura, aqui, é entendida como uma forma de alterar a postura de “ajoelhar-se perante o estrangeiro”, criticada pelos intelectuais do campo do peronismo de esquerda. Na mesma fala, Puiggrós afirma, ainda:

*algunos opinan que la incultura se ha adueñado de las Universidades, y que la Argentina al incorporarse al Tercer Mundo renuncia a su tradición cultural. Nosotros no renunciamos a nada, lo que pasa es que no queremos quedarnos en esa tradición cultural sino superarla.*²²⁹

Com isso, o então reitor ratificava seu posicionamento e suas inclinações na gestão da universidade. É importante notar o contraponto com os pensamentos da gestão anterior da EUDEBA, capitaneada por Juan Pablo Oliver, que, como analisamos anteriormente, afirmou

²²⁷ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 238, de agosto de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²²⁸ Diálogo de Rodolfo Puiggrós com Enrique Martínez. Publicado em *Ciencia Nueva*, n. 25, 1973, pp. 3-5. *Apud*: SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. *La batalla de las ideas* (1943-1973). Buenos Aires: Emecé Editores, 2007, p. 307 (apêndice documental).

²²⁹ Idem, *ibidem*.

mais de uma vez que a EUDEBA deveria atuar em nome da cultura e das tradições argentinas. Ao alinhar-se ao “terceiro mundo”, a UBA – e a EUDEBA – colocava-se definitivamente no campo nacional e popular, posicionando-se à esquerda do movimento peronista.

A reação a tal posicionamento foi múltipla e veio por diferentes caminhos. O primeiro afetado foi o próprio Rodolfo Puiggrós. Por pressão dos setores da direita peronista, em outubro de 1973, o ministro da educação, Jorge Taiana, solicitou que ele renunciasse ao cargo, o que foi feito. Puiggrós estava sendo ameaçado pelas milícias da *Triple A* e seu nome apareceu na lista de condenados à morte da organização. Pouco tempo depois, exilou-se no México.

As tensões se avolumavam. Taiana nomeou Ernesto Villanueva como reitor da UBA. Este, por sua vez, declarou que seguiria a linha de gestão adotada por Puiggrós. Os estudantes ligados à esquerda peronista radicalizavam cada vez mais seu discurso. Em fevereiro de 1974, a revista *El Descamisado* denunciava a situação da seguinte forma:

*Ayer éramos los “muchachos” y éramos saludados por el Jefe del Movimiento con emoción por nuestra lucha, se honraban nuestros muertos y ahora, por ser como Perón dijo que tenían que ser los peronistas, por advertir que la lucha aún no ha terminado, que no tenemos todo el poder [...], por eso ahora nos señalan que hay otros partidos “socialistas”. ¿Por qué no nos dijeron antes, cuando peleábamos, que nos pasáramos a otro partido? ¿Dónde estaban estos que nos tirotean y que preparan los atentados para eliminarnos cuan había que pelear contra Lanusse?*²³⁰

Na publicação, há uma clara demonstração de ressentimento desse setor pelo fato de ter auxiliado na volta do justicialismo ao poder e não ter obtido uma parte desse poder – e, ainda pior, sofrer retaliações e atos de violência. Subjaz, também, uma crítica à falta de espaço para a existência de um socialismo nacional dentro do peronismo. Ao sugerir que, se tivessem sido informados antes, teriam rumado para um partido socialista, o texto utiliza-se de ironia com o objetivo de inserir no ideário peronista ideias que são consideradas, pelos dirigentes do Partido Justicialista em 1974, “socialistas”. Afinal, se não considerassem que tais ideias pudessem ter espaço no peronismo – ainda que por meio de luta violenta – não teriam nele permanecido por tanto tempo. Segundo Maristella Svampa, quebrava-se, para grande parte da juventude peronista, a teoria do “cerco”, repetida por muitos peronistas de esquerda até então. De acordo com essa ideia, Perón estaria cercado por más influências – das quais a pior seria José López Rega, visto como uma espécie de Rasputin argentino – e disso teria surgido sua desconexão

²³⁰ Dardo Cabo. *El Descamisado*. 12 de fevereiro de 1974. *Apud*: SVAMPA, Maristella. *El populismo imposible y sus actores – 1973-1976*. In: JAMES, Daniel. *Nueva historia argentina: violencia, proscripción y autoritarismo (1955-1976)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007, p. 411.

com as massas. O silêncio – e, por vezes, o aval – de Perón ante as atitudes violentas da direita peronista teriam ajudado na dissolução de tal paradigma.²³¹

A relação ambígua de Perón com os peronistas de esquerda teve reflexos diretos na EUDEBA. Em uma reunião do diretório realizada no dia 30 de agosto de 1973 – poucas semanas antes, portanto, das eleições presidenciais – Rogelio García Lupo narra que o intelectual Jorge Abelardo Ramos tivera uma reunião com Perón para, em suas palavras:

*solicitarle su colaboración en esta nueva etapa de Eudeba. De tal conversación surge la posibilidad de hacer una entrevista grabada con el Gral. Perón para el libro “La Revolución Latinoamericana” que integraría la colección América Latina Libre y Unida. Asimismo el Gral. Perón adelantó al Sr. Ramos, que pondrá a su disposición la correspondencia secreta mantenida con Getulio Vargas y la documentación sobre la entrevista mantenida con el Gral. Carlos Ibañez.*²³²

A ambiguidade prosseguiu. Em ata de reunião realizada no dia 16 de novembro de 1973, Rogelio García Lupo informa ao diretório que

*va a firmarse con la Secretaría de Prensa de la Nación un contrato de edición de los discursos y obras del Gral. Juan Domingo Perón, y que con este motivo ha celebrado una reunión con el Secretario de Prensa de la Nación.*²³³

Não fica claro quem procurou quem para acertar a publicação das obras e discursos de Perón. Caso tenha sido o governo da Nação a procurar a EUDEBA, pode-se entender o movimento como mais um dos muitos acenos feitos por Perón e seu entorno à esquerda peronista. Caso tenha ocorrido o caminho inverso, o documento nos mostraria um empenho da EUDEBA, administrada pela esquerda peronista, em negociar com o já presidente eleito Juan Domingo Perón. Tal negociação poderia se dar com a expectativa de obter mais espaço no poder, mantendo influência sobre um governo que tendia cada vez mais para a direita. Ademais, não se pode ignorar a crise econômica pela qual passava a EUDEBA. Rogelio García Lupo sabia que a continuidade do projeto de uma editora nacional e popular passava pela ajuda monetária governamental (direta ou por meio da UBA), e a tentativa de negociação analisada poderia representar um aceno no sentido de obter facilidades financeiras. Seja como for, era um diálogo de surdos, o que fica evidenciado pelo desfecho das tratativas para a edição das obras

²³¹ SVAMPA, *ibidem*, pp. 381-438.

²³² Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 241, de 30 de agosto de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²³³ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 251, de 16 de novembro de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

de Perón, entrevisto nas palavras grafadas em uma ata de reunião do diretório da EUDEBA em 26 de julho de 1974:

*Eudeba editaria con mucho gusto las Obras Completas del General Perón si contara con un contrato de edición en regla, que debería ser firmado por la heredera legal del ex-presidente, Señora María Estela de Perón. [...] Recuerda el Director Ejecutivo [Rogelio García Lupo] que gestiones en este sentido se realizaron, en vida del General Perón, por lo menos tres: una ante el Secretario de Estado de Prensa y Difusión, señor Emilio Abras; otra por intermedio del Dr. Jorge Abelardo Ramos, ante el propio General Perón, y una tercera que estuvo a cargo del ex-rector normalizador Vicente Solano Lima. Ninguna de las tres condujo a la concreción del objetivo buscado.*²³⁴

As palavras registradas na ata são elegantemente escolhidas, mas permitem entrever certa mágoa com Perón e seu entorno, que não permitiram a publicação, por parte da EUDEBA, de suas obras completas – mesmo após sua morte, ocorrida em 1º de julho de 1974. Ao afirmar que as editaria “*con mucho gusto*” se tivesse um contrato com a herdeira – a então presidente do país María Estela de Perón –, transfere para o outro lado a responsabilidade pelo fracasso da empreitada. Da mesma forma, ao elencar, numerar e enfatizar as três tentativas de negociação, constrói uma gradação narrativa que culmina com a decepção de que nenhuma delas levou ao objetivo buscado. A última delas, resalte-se, foi feita por meio do então reitor “*normalizador*” Vicente Solano Lima, que fora vice-presidente da Argentina durante o mandato de Héctor Cámpora e ocupava concomitantemente com a reitoria da UBA o cargo de secretário geral da presidência de Juan Domingo Perón. A EUDEBA falara, mas Perón, com seus acenos ambíguos, não ouvira – ou fingira não ouvir.

Nas tentativas de negociação entre a EUDEBA e os setores mais conservadores do peronismo pode-se encaixar o projeto de editar uma coleção chamada *Lucha de fronteras con el indio*. De acordo com o depoimento de Rogelio García Lupo a Judith Gociol, a montagem da coleção foi encarregada a Juan Carlos Walther, um oficial do exército argentino. O primeiro título da série foi justamente um livro escrito por Walther em 1970 e publicado com o título *La Conquista del Desierto*. Como vimos anteriormente, em 1967 publicou-se na EUDEBA uma obra sobre a Conquista do Deserto. Agora, voltava-se ao tema durante a gestão de Jauretche e Lupo. Em um trecho da obra de Walther transcrito no livro de Judith Gociol, lê-se que a Conquista do Deserto:

²³⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 282, de 26 de julho de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

*no fue una acción indiscriminada contra el indio aborigen de nuestras pampas [...]. A la inversa, se efectuó contra el indio rebelde, reacio a los reiterados y generosos ofrecimientos de las autoridades, deseosas de incorporarlo a la vida civilizada [...] asimilándose a los usos y costumbres de los demás argentinos.*²³⁵

O que poderia explicar a publicação de tal livro em uma editora com inclinação ideológica de esquerda? Dentro do contexto em que estava inserida a EUDEBA, acusações e ataques à editora passaram a ser cada vez mais comuns ao longo da gestão da esquerda peronista. Pode-se pensar, portanto, que o gesto era uma forma de neutralizar as acusações recebidas pela editora e por seus membros por parte da direita peronista. A publicação de uma coleção como essa poderia servir de argumento para rechaçar qualquer acusação de antinacionalismo – ideias de esquerda eram vistas pela direita peronista como “entreguistas” – que fosse imputada à condução dos negócios da EUDEBA.

Na primeira reunião do diretório da EUDEBA do ano de 1974, chama a atenção a leitura de uma carta de renúncia redigida pelo então síndico da editora, Norberto Galasso. A transcrição do texto ocupa uma página inteira da ata. Galasso iniciou seu pedido de renúncia afirmando que, em meados de 1973, aceitara o convite de Arturo Jauretche com o intento de auxiliar no processo de reconstrução da editora. De acordo com ele:

*El momento parecía óptimo para transformar a la Editorial en un poderoso instrumento al servicio de la cultura nacional que diese la batalla definitiva contra la superestructura cultural oligárquica y que, al mismo tiempo, difundiese los nuevos vientos revolucionarios que soplan por el mundo.*²³⁶

A indicação de Norberto Galasso para exercer o cargo de síndico na EUDEBA teve múltiplas motivações. Além de ser contador formado pela Faculdade de Economia da UBA, já se destacava como escritor de livros em que analisava a biografia de personagens da história argentina associando-as às lutas sociais ocorridas no período histórico em que viveram. À época, destacavam-se entre suas publicações obras sobre o compositor Enrique Santos Discépolo e sobre o escritor ligado ao campo nacional popular Raúl Scalabrini Ortiz. Era amigo e parceiro intelectual de Arturo Jauretche e, como podemos notar no excerto anterior, partilhava com ele o intento de transformar o novo momento peronista na Argentina em uma experiência cultural revolucionária.

²³⁵ GOCIOI, Judith. *Libros para todos: colecciones de EUDEBA bajo la gestión de Boris Spivacow (1958-1966)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012, p. 56.

²³⁶ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 258, de 4 janeiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

De acordo com a carta de renúncia de Galasso, o sucesso da nova fase da EUDEBA poderia ser assegurado devido ao “*triunfo popular en las elecciones y el fervoroso recibimiento de los trabajadores de Eudeba a la nueva conducción presidida por Usted [Arturo Jauretche]*”.²³⁷ Entretanto, havia uma condição:

*que la Editorial tuviese el apoyo financiero necesario para remontar el estado de agonía a que la habían llevado las anteriores administraciones. Ahora, después de un período de tiempo suficientemente largo para aventar toda duda, sabemos ya que Eudeba carece de ese apoyo.*²³⁸

A falta de apoio financeiro é o mote escolhido por Galasso para centrar fogo na política do governo peronista em relação às universidades e à EUDEBA, como fica claro na sequência:

*En julio de 1973 la Caja Nacional de Ahorro Postal le otorgó un crédito por doscientos cincuenta millones de pesos moneda nacional, pero desde esa fecha no ha podido utilizarse un solo peso, pues el Ministerio de Economía no ha otorgado la simple renovación de un aval de rutina, requisito indispensable para que el crédito pueda hacerse efectivo. La Reconstrucción Nacional no ha llegado para Eudeba. Ha llegado en cambio una política de destrucción. [...] Eudeba camina hacia el abismo ante la absoluta insensibilidad del Ministerio de Economía, directo responsable de este desastre.*²³⁹

A revolta de Galasso é política: ao dificultar o recebimento de empréstimos, o governo peronista atacara a editora em seu ponto mais delicado: a sustentabilidade financeira. Isso prejudicou a tarefa de que se incumbira e impediu o reerguimento da empresa e de seu projeto cultural. Para a equipe comandada por Arturo Jauretche, a reconstrução da EUDEBA era parte do processo de “reconstrução nacional” conduzido pelo peronismo no poder.²⁴⁰ Ao negar-lhe as condições para tanto, o banco nacional mencionado no texto negava-lhe também a participação em tal processo – e, conseqüentemente, no governo peronista.

Norberto Galasso finaliza sua carta de renúncia da seguinte maneira:

Probando una vez más que los trabajadores son la columna vertebral de la Revolución Nacional en marcha al Socialismo Nacional el personal de Eudeba se ha movilizado recientemente contra esa política de destrucción. En

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 258, de 4 janeiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²³⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 258, de 04 janeiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁴⁰ O nome do plano geral de governo de Héctor Cámpora, lançado em maio de 1973, foi “*Programa de Reconstrucción y Liberación Nacional*”.

*la certeza de que esa protesta popular es el único medio para evitar el hundimiento de Eudeba, me sumo a ella presentando a Usted mi renuncia al cargo de Síndico.*²⁴¹

Dessa forma, Galasso marca uma posição clara: renuncia à participação institucional em um governo que não está cumprindo suas obrigações com o campo popular, mas não renuncia à luta política. Em lugar das funções oficiais, insere-se no conjunto de protestos populares dos trabalhadores da EUDEBA. Nesse ponto, a editora torna-se, no discurso do renunciante, homóloga ao governo peronista. Para evitar o naufrágio e o “*hundimiento*” do peronismo no poder, já em avançado processo de guinada à direita, Norberto Galasso posta-se à esquerda, defendendo o protagonismo dos trabalhadores na luta pela retomada do viés nacional e popular do peronismo. A direção, para a esquerda peronista, era a pátria socialista, presente na carta de Galasso. Entretanto, a cada dia ela ficava mais distante da pátria peronista construída pela ala direita do peronismo, grupo a que pertencia a maior parte dos que compunham o governo de Juan Domingo Perón.

Ao chegarmos aqui, é importante lembrar que a sustentação financeira da EUDEBA foi um dos assuntos mais discutidos ao longo de sua história. Conforme visto anteriormente, a editora sempre precisou complementar seus ingressos com subsídios monetários advindos da UBA. Em diversos momentos, aventaram-se ideias – muitas vezes mirabolantes – para tentar propiciar uma autonomia financeira plena em relação à universidade. Destaquem-se as frustradas e reiteradas tentativas de “racionalização” de organograma e corte de gastos perpetradas pelas gestões da EUDEBA entre 1966 e 1973.

Com o início da administração de Arturo Jauretche e Rogelio García Lupo, as dificuldades financeiras prosseguiram e o novo diretório deparou-se com as limitações por elas provocadas. Na *Memoria y Balance* do décimo quinto exercício financeiro (encerrado em 30 de junho de 1976), os participantes do diretório comandado por Jauretche buscam legitimar sua posição de editores comprometidos com a EUDEBA, ressaltando que seu objetivo seria “*difundir el más alto pensamiento científico, técnico y humanístico, tanto nacional como universal*”, contribuindo, assim, com “*las luchas por la liberación del pueblo argentino y latinoamericano, en el marco de una cultura sólida, independiente y progresiva*”, sem deixar de lado a importância da distribuição e comercialização dos livros para a consecução de tal objetivo:

²⁴¹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 258, de 04 janeiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

*El criterio de que las obras de la Editorial deben llegar al mayor número de lectores, dentro y fuera de la comunidad universitaria, y dentro y fuera del país, ha prevalecido en la política editorial y en los planes comerciales trazados a partir de junio de 1973. [...] Estos planes se centraron desde el comienzo de la gestión en la reconstrucción empresarial de la Editorial ya que el Directorio entendió en todo momento que los más ambiciosos proyectos culturales y comerciales solamente podrían llevarse a cabo con el respaldo de una estructura ágil y eficiente.*²⁴²

O trecho transcrito evidencia a tentativa de afirmar uma diretriz de trabalho que não deixasse de lado os aspectos práticos do dia a dia editorial em nome do trabalho de difusão dos ideais defendidos pelo diretório. O transbordamento da arena política na editora – e a vontade de nela atuar – não foi suficiente, assim, para que o diretório de Jauretche pudesse ignorar o grave cenário de crise econômica que a Argentina enfrentava. Dessa forma, a necessidade de solicitar apoio do Estado – por meio da UBA ou dos bancos oficiais – continuou existindo e provocou desdobramentos que devem ser analisados.

Tais desdobramentos partem de 26 de julho de 1973, dia em que foi feito um pedido de empréstimo à *Caja Nacional de Ahorro Postal*, conforme lembrou Norberto Galasso em sua carta de renúncia.²⁴³ Entre o pedido de empréstimo e a renúncia de Galasso (4 de janeiro de 1974), a situação da EUDEBA se deteriorou visivelmente. Entre outros problemas registrados em ata, houve greve por parte de revisores que trabalhavam em regime autônomo (*freelance*) e reivindicavam o pagamento de uma dívida de honorários acumulada por um ano,²⁴⁴ além do anúncio de que a editora pararia de pagar os fornecedores para conseguir honrar seus compromissos salariais com os trabalhadores internos.²⁴⁵

Enquanto isso, o empréstimo tramitava no Ministério da Economia e era postergado de diversas maneiras, incluindo demora anormal na assinatura de um aval para a concessão,

²⁴² Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 270, de 26 de abril de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁴³ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 236, de 26 de julho de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁴⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 257, de 22 de dezembro de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁴⁵ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 252, de 23 de novembro de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

imposição de obstáculos burocráticos ao pedido e adiamentos sucessivos.²⁴⁶ Galasso renunciaria e o empréstimo continuaria em suspenso.

O diretório da EUDEBA e seus trabalhadores resistiram por meio de diversas ações. Enquanto Rogelio García Lupo acionava suas redes de contatos para obter alguns subsídios emergenciais da UBA, os trabalhadores publicaram na imprensa um informe denunciando a situação e cobrando ações imediatas do governo.²⁴⁷ Algumas semanas depois, uma ata de reunião do diretório transcreve um telegrama enviado ao ministro da Economia, José Gelbard.²⁴⁸

*Reiteramos colacionado 12 noviembre relativo a demorar ese ministerio para decidir sobre aval requerido por Caja Nacional de Ahorro respecto de un crédito ya otorgado Eudeba. Su intervención personal resulta indispensable afín evitar crisis financiera de Eudeba y graves derivaciones laborales. Personal Eudeba hállase estado de alerta en defensa fuente de trabajo y pago regular sueldos y aguinaldo [bônus de Natal]. En nombre Directorio Eudeba manifestamos nuestra esperanza en que la buena disposición hacia Editorial Universitaria que el Señor Ministro nos expresara personalmente encontrará la manera de concretarse en el terreno administrativo. Arturo Jauretche Presidente. Rogelio García Lupo Director Ejecutivo.*²⁴⁹

A primeira informação do texto refere-se a um telegrama anterior enviado ao ministro da Economia em 12 de novembro de 1973. Tal telegrama havia ficado sem resposta. Diante desse cenário, o diretório enviou nova comunicação ao Ministério insistindo que Gelbard concedesse o aval para o empréstimo junto à *Caja Nacional de Ahorro*. O argumento para a solicitação mistura a utilização de uma retórica administrativa (pagar salários e manter a empresa funcionando) – que ajuda a situar o discurso dentro de certa ordem institucional – e um elemento de ameaça, que é a possibilidade de mobilização por parte dos trabalhadores em defesa de seus empregos e de seus salários – o que, supostamente, deveria ser caro a um governo

²⁴⁶ Atas de reunião do Diretório da EUDEBA n. 241, 247, 250 e 255 datadas, respectivamente, de 30 de agosto, 19 de outubro, 09 de novembro e 17 de dezembro de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁴⁷ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 251, de 16 de novembro de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁴⁸ José Gelbard havia militado no Partido Comunista durante sua juventude e fora ministro da Economia entre 25 de maio de 1973 e 21 de outubro de 1974, atuando, portanto, em todos os governos peronistas do período. Foi de seu ministério que partiram as principais determinações voltadas a equilibrar a economia argentina, como o congelamento de preços e o chamado “pacto social”, uma espécie de acordo entre a CGT e o governo no sentido de acalmar as rebeliões sociais e diminuir as pressões por aumentos salariais enquanto a pujança econômica não fosse novamente alcançada. Sofreu críticas de vertentes da esquerda peronista.

²⁴⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 253, de 07 de dezembro de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

de orientação peronista, especialmente em um momento em que a presidência do país era ocupada especificamente por Juan Domingo Perón.

Perón seria mencionado na mesma reunião. Os trabalhadores da EUDEBA haviam telegrafado diretamente a ele:

*7-12-73. Presidente Nación Tte. General Juan Perón. [...] Ante demora del Ministerio de Economía para otorgar aval de rutina a crédito concedido por Caja Nacional de Ahorro y Seguro mes de Julio [...] solicitamos su intervención personal por peligrar fuente de trabajo con consiguiente perjuicio trabajadores de Eudeba. Creemos que en la hora de la reconstrucción Nacional resulta inadmisibile destrucción empresa al servicio de la cultura del pueblo. [...] Comisión Interna Eudeba.*²⁵⁰

A diferença entre os destinatários dos dois telegramas é significativa. Ao invés de telegrafarem para o ministro da Economia reforçando o pedido feito pela direção da EUDEBA, os trabalhadores, organizados em sua comissão e, portanto, atuando de maneira autônoma, optaram por enviar sua mensagem diretamente ao presidente do país. Dessa forma, consideraram-se interlocutores diretos de Perón, reivindicando, assim, o protagonismo nas decisões sobre os rumos de uma empresa “a serviço do povo” e que estaria, também, a serviço do país e da sempre mencionada tarefa de reconstrução nacional. O recado é direto: solicita-se a intervenção de Perón para evitar a inadmissível destruição da EUDEBA. Teria Perón ouvido?

Não podemos responder com exatidão, uma vez que não foram encontrados documentos que comprovem uma ação direta de Perón em relação à editora. Entretanto, podemos vislumbrar alguns indícios de resposta por meio da análise das atas de reunião posteriores. Os adiamentos do empréstimo se prolongaram por todo o ano de 1974. Entretanto, em 1º de fevereiro de 1974, foi discutida em assembleia do diretório uma ação governamental que provocou temores.

Chegara à editora um pedido da *Corporación de Empresas Nacionales* solicitando que lhe fossem enviadas as ações da EUDEBA, impondo, assim, restrições ao controle acionário da UBA sobre ela.²⁵¹ O pedido surpreendia pelo caráter abrupto e pela intervenção direta na editora. Sua execução fazia parte da implantação da *Ley de Corporación de Empresas Nacionales* – de iniciativa do Ministério da Economia –, que criava uma instituição que incorporaria “*la totalidad de las acciones de propiedad del Estado, sus empresas u organismos, cualquiera que sea su naturaleza jurídica, [...] y a sociedades anónimas y mixtas en que el*

²⁵⁰ Ibidem.

²⁵¹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 260, de 1º de fevereiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

Estado tenga participación de capital”, com o objetivo de “*ejercer la conducción superior, al servicio de los objetivos nacionales*”.²⁵² Dessa maneira, o seguinte cenário se desenhava: o ministério não concedera o aval para o empréstimo e, ao mesmo tempo, tentava enquadrar a EUDEBA em uma lei que tiraria dela o que restava de autonomia administrativa em relação ao governo – indício de que os reiterados pedidos de Jauretche e Lupo haviam sido ignorados e de que as intenções do governo em relação à editora poderiam não ser favoráveis à continuidade de sua gestão.

Os membros do diretório procuraram brechas na legislação para tentar evitar tal incorporação – operação na qual, após o acionamento de diversas redes de contatos por parte do diretório e do então reitor da UBA, Vicente Solano Lima, obtiveram sucesso. Continuaria, entretanto, a luta para conseguir o aval do Ministério da Economia e receber o empréstimo da *Caja Nacional de Ahorro*. Vicente Solano Lima – que, recorde-se, fora vice-presidente da Argentina durante o mandato do peronista Héctor Cámpora – comprometeu-se a conversar com o presidente Perón caso o ministro Gelbard se recusasse a avalizar a operação.

Na reunião do dia 24 de maio de 1974, há uma notícia aparentemente boa: em reunião com Gelbard, obteve-se do ministro a promessa de que assinaria o aval. Arturo Jauretche, que trabalhara ativamente pela obtenção do empréstimo, não pôde saber o desfecho da história: em 25 de maio de 1974, faleceu na cidade de Buenos Aires aos 73 anos. O diretório da EUDEBA, em ata, transcreveu uma nota oficial da editora em que endossava sua luta pela “soberania nacional” em nome dos trabalhadores, acrescentando que Jauretche tentara “*construir la universidad de todos los argentinos en una patria liberada*”.²⁵³ O empréstimo, apesar de sinalizações favoráveis aqui e ali dentro do Ministério da Economia, não foi autorizado enquanto a EUDEBA esteve sob o comando de peronistas de esquerda. A universidade de “*todos los argentinos*” sonhada por Jauretche distanciava-se daquela projetada pelos peronistas que ocupavam o poder político no país.

Uma das ações mais diretas do governo sobre as universidades nacionais entre 1973 e 1974 foi a aprovação pelo Congresso Nacional da Lei Universitária (Lei 20.654/74). Enviada à Câmara dos Deputados, passou por diversas alterações durante seu período de tramitação. Em princípio, o teor geral da proposta do governo de Perón era construir uma lei que permitisse a

²⁵² Lei 20.558/1974, promulgada em 30 de novembro de 1973. Disponível em: *Portal de Información Legislativa de la República Argentina*: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/165000-169999/166319/norma.htm>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

²⁵³ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 273, de 31 de maio de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

realização de um controle mais direto sobre o funcionamento das universidades. Nesse sentido, por exemplo, defendeu-se que os reitores deveriam ser nomeados pelo Poder Executivo. Tais reitores concentrariam em suas mãos o poder de designar os decanos²⁵⁴ de cada faculdade. Além disso, um dispositivo visava impedir o “proselitismo político” nas cátedras universitárias.

As negociações foram movimentadas e, em março de 1974, a lei foi aprovada. De acordo com o pesquisador Sergio Friedemann:

*La misma contenía muchas de las propuestas de Puiggrós y de la Juventud Peronista para la “Universidad al servicio de la Liberación”, pero también un sorpresivo artículo 5º que prohibía la actividad política partidaria en el seno de las Universidades. Dicho componente de la normativa era parte de la ofensiva contra el “peronismo revolucionario” por parte del gobierno.*²⁵⁵

Dessa forma, apesar de trazer novidades que agradavam às esquerdas peronistas e aos estudantes, como a participação de discentes e funcionários não docentes no Conselho Superior das Universidades e nos Conselhos Diretivos das faculdades, a lei também apresentava um artigo, o quinto, em que dizia o seguinte: “*queda prohibido en el ámbito de la universidad el proselitismo político partidario o de ideas contrarias al sistema democrático que es propio de nuestra organización social*”.²⁵⁶ Por trás do véu democrático, jazia a perseguição a um sistema político entendido pela direita peronista como alheio à organização nacional: o socialismo/comunismo. Na visão do governo, estavam perto demais desse sistema os membros do peronismo revolucionário, e as universidades estavam repletas deles. A reação estudantil não tardou a chegar.

É o que nos mostra o exemplo de uma das mais combativas entidades da época, a Juventud Peronista (JUP). Por meio de seu dirigente Pablo Ventura, a organização rechaçou a Lei Universitária, publicando nos jornais uma nota que a acusava de ser obra de setores reacionários infiltrados no governo com o objetivo de interromper o processo de “*Reconstrucción Universitaria*” iniciado em 25 de maio de 1973. Devido à promulgação da lei, a JUP cindiu-se: “*otra facción de la JUP liderada por Roberto Ivanishevich y Hugo Corme*

²⁵⁴ Transpondo o significado do cargo para a realidade brasileira, a figura do decano corresponderia ao posto de diretoria em uma faculdade.

²⁵⁵ FRIEDEMANN, Sergio. *El marxismo peronista de Rodolfo Puiggrós: una aproximación a la izquierda nacional*. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani (Documentos de Jóvenes Investigadores n. 39), 2014, pp. 89-90. Disponível em: <<http://webiigg.sociales.uba.ar/iigg/textos/documentos/dji39.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

²⁵⁶ Extraído de *Ley Universitaria* n. 20.654. Buenos Aires: Centro Nacional de Documentación e Información Educativa, 1974, p. 13. Disponível no acervo da Biblioteca Nacional de Maestros: <<http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL002644.pdf>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

decidió separarse, acatar la verticalidad partidaria y fundar la Juventud Universitaria Peronista Lealtad”.²⁵⁷

Conforme observamos anteriormente, a primeira reunião de diretório comandada por Arturo Jauretche decidiu realizar o concurso cultural Raúl Scalabrini Ortiz para selecionar, premiar e publicar os melhores trabalhos escritos sobre a realidade argentina e seus problemas. No dia 8 de fevereiro de 1974, o diretório definiu os vencedores do certame, aumentando para 30.000 pesos²⁵⁸ o montante total a ser dividido entre os autores das seguintes obras: *La dominación imperialista en Argentina*, de Carlos María Vilas, *Dependencia y empresas multinacionales*, de Salvador María Lozada, e *Neocapitalismo y comunicación de masas*, de Heriberto Muraro. Além disso, a ata faz uma “*recomendación*” de outras obras que participaram do concurso: *Inversiones extranjeras y dependencia*, de Naum Minsburg, *Los largos dedos de Bunge y Born*, de Antonio Elio Brailovsky, *El desarrollo desigual entre las dos Américas*, de Abraham Guillén, *Orígenes de la dependencia económica argentina*, de Elena Bonura, *La penetración económica extranjera en nuestra economía*, de Orcar Orsolini, Hugo Constantini, Jorge Caminiti, Hector Brizuela, Oscar Liberman e Luis Gallegos e *La Ley olvidada y un contrato colonial*, de Juan Franco Doglioli e J. C. Dido.²⁵⁹ Assim, das dezesseis obras inscritas no concurso, apenas sete não receberam nenhuma menção ou prêmio, a saber: *Soberanía y socialismo*, *La rebelión de las hijas*, *La transformación cultural como base de la consolidación de la Independencia*, *Monopolios: vida, pasión y...¿muerte?*, *La trilogía filosófica y su aplicación práctica en la destrucción monopólica por transformación social, económica y política*, *Un modelo de sistema para la lucha anti-imperialista* e *Racismo a la Argentina*.²⁶⁰

O concurso foi divulgado pelo diretório de Jauretche como a maneira “*más apropiada de proponer un método de trabajo para los intelectuales comprometidos con su país y con su época*”.²⁶¹ Os avaliadores foram Arturo Jauretche, Rodolfo Puiggrós – já afastado de suas

²⁵⁷ Em *Clarín*, 15 de março de 1974, p. 13. *Apud*: RODRÍGUEZ, Laura Graciela. *Universidad, peronismo y dictadura*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015, p. 40.

²⁵⁸ Originalmente, o valor do prêmio era de 20.000 pesos.

²⁵⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 261, de 23 de fevereiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁶⁰ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 261, de 23 de fevereiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires. Dos autores que não foram mencionados na premiação, não sabemos os nomes, uma vez que a entrega dos trabalhos era feita sob pseudônimo e só foi registrada em ata a abertura dos envelopes com os nomes “reais” dos autores que receberam os prêmios e as menções de recomendação.

²⁶¹ Dados retirados da contracapa de um dos livros vencedores publicados pela EUDEBA, escrito por Heriberto Muraro. *Apud*: ZAROWSKY, Mariano. *Nueva izquierda, sociología y medios de comunicación: itinerário de Heriberto Muraro en los años sesenta y setenta. IX Jornadas de Sociología de la UNLP*, 5 a 7 de setembro de 2016,

funções como reitor da UBA e perseguido pela direita peronista –, Arturo Sampay, Ernesto Villanueva – então reitor da UBA – e Rogelio García Lupo.

A análise superficial dos títulos participantes do concurso permite identificar um traço comum a todos: o pertencimento ao espectro ideológico do peronismo de esquerda. Temas caros aos intelectuais dessa vertente, tais como dependência, imperialismo e libertação nacional perpassam a maior parte dos livros que concorreram ao prêmio, privilegiando um quadro de análise da realidade argentina que trabalha, resumidamente, com uma análise crítica do poderio capitalista do primeiro mundo sobre os países periféricos, propugnando pela libertação por meio da ação popular nacionalista nos países do terceiro mundo – no caso da Argentina, o peronismo. Uma breve análise do arcabouço intelectual de uma das obras vencedoras do concurso – bem como da trajetória intelectual de seu autor – pode ajudar a elucidar melhor tais questões.

Heriberto Muraro, autor do livro *Neocapitalismo y comunicación de masas*, era, em 1974, um jovem sociólogo que começara sua inserção nos ambientes intelectuais em 1971 por meio da publicação de *El poder de los medios de comunicación de masas*, primeiro título da coleção *Transformaciones*, editada pelo Centro Editor da América Latina (CEAL).²⁶² Em 1973, por meio da construção de uma rede de contatos nos campos político e intelectual, passou a colaborar com a revista *Crisis*, dirigida por Eduardo Galeano, e fez parte do grupo de professores que levou adiante o projeto de “reconstrução” da UBA sob a gestão de Rodolfo Puiggrós. Essa montagem de uma intrincada rede de contatos nos meios da esquerda peronista permitiu que recebesse um convite do próprio gerente da editora, Rogelio García Lupo, para participar do concurso.

O estudioso Mariano Zarowsky avalia que, junto à participação em *Crisis* e à publicação pelo CEAL, a vitória no concurso Raúl Scalabrini Ortiz propiciou a Muraro maiores possibilidades de difusão e recepção de sua obra nos meios intelectuais. A EUDEBA operou, assim, como instrumento de legitimação dentro do campo intelectual, reforçando o seu prestígio

Ensenada, Argentina. Disponível em: <<http://jornadassociologia.fahce.unlp.edu.ar/ix-jornadas/actas-2016/PONmesa11Zarowsky.pdf>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

²⁶² O CEAL foi uma importante editora argentina criada em 1966 por José Boris Spivacow e outros intelectuais e trabalhadores que com ele renunciaram a seus cargos na EUDEBA quando do golpe de Estado perpetrado por Juan Carlos Onganía. Sobre o CEAL, ver: BUENO, Mónica; TARONCHER, Miguel Ángel (orgs.). *Centro Editor de América Latina: capítulos para una historia*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006; GOCÍOL, Judith. *Centro Editor de América Latina: uma fábrica de cultura*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017; GOCÍOL, Judith; BITESNIK, Esteban; ETCHEMAITE, Fabiola; ETCHEMAITE, Mariano (orgs.). *Más libros para más: colecciones del Centro Editor de América Latina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional de la Argentina, 2008; ROMERO, Caio. José Boris Spivacow: trajetória. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 12, pp. 143-175, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1334/1205>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

e a posição importante que detinha como veículo de transmissão cultural e espaço de atuação política.

Além disso, pode-se pensar de maneira mais ampla nas relações entre a premiação do concurso e o contexto histórico em que estava imersa a Argentina. Em fevereiro de 1974, momento em que foram anunciados os vencedores, a guinada à direita do governo peronista já estava mais que pronunciada. As forças paramilitares de José Lopez Rega atuavam subrepticiamente e a perseguição à esquerda peronista era cada vez mais forte. Oferecer uma premiação tão vultosa a obras de caráter abertamente alinhado ao pensamento de esquerda – ainda que fosse uma esquerda peronista – era, à época, algo muito perigoso, posto que explicitava uma postura política cada vez mais rechaçada pelo governo e suas forças paralelas.

A situação econômica da Argentina durante os governos de Héctor Cámpora e Juan Domingo Perón não apresentou melhorias significativas em relação ao período anterior. A inflação crescia de modo constante, pressionando os salários e achatando o poder de compra da população. A estratégia de José Gelbard, ministro da Economia durante ambos os mandatos presidenciais, visava a incentivar o mercado interno e favorecer um desenvolvimento econômico dirigido pelo Estado, que ficou com o papel de fiscalizador e condutor dos diversos atores envolvidos no processo.

Para concretizar tal intento, o governo propôs uma espécie de pacto social por meio do qual solicitava à população – em especial aos sindicatos e à classe trabalhadora organizada – que compreendesse o momento difícil da história nacional e colaborasse ativamente com o processo de “reconstrução nacional”. No começo, os sindicatos “compraram” a ideia e abriram mão – ainda que temporariamente – de pontos importantes de suas pautas de reivindicação, como o gatilho automático de salários e as reivindicações por aumentos reais de ganhos. O governo, por sua vez, deveria cumprir sua função de fiscalizar o cumprimento do pacto, em especial nos aspectos referentes ao controle da inflação, como o respeito, por parte dos comerciantes e empresários, ao congelamento de preços instituído em 25 de maio de 1973 – primeiro dia do governo Cámpora. Entretanto, como avalia Marcos Novaro:

el contexto político convulsionado impidió hacerlo. Y a eso se sumó, desde octubre de 1973, el impacto del alza internacional del petróleo sobre los precios internos y los insumos importados. Los empresarios empezaron a reducir la producción, previendo que, al fracasar el pacto, se sincerarían los precios. A raíz de esto cayó la inversión y hubo desabastecimiento y mercado negro. Por lo tanto, crecieron las protestas de las bases gremiales contra las

*cúpulas que habían pactado y frenaban los reclamos, acicateadas por los sectores combativos y de izquierda.*²⁶³

A análise dos documentos internos da EUDEBA permite vislumbrar as intersecções entre a dramática situação econômica da Argentina e os trabalhos cotidianos de edição de livros. Além dos diversos registros, nas atas de reunião do diretório, de reivindicações de aumento salarial por parte dos trabalhadores da editora e das diversas reclamações acerca do estado calamitoso em que se encontravam as finanças da empresa – que não se conseguiam reerguer por meio dos ingressos advindos das vendas de livros, que cresceram no período –, tal situação surge de forma explícita em uma reunião ocorrida em junho de 1974. Registra-se na ata desse encontro que o Diretor Executivo da EUDEBA, Rogelio García Lupo,

*se refiere a la situación que se crea con el precio de las reediciones, ya que la reglamentación vigente expresa que a partir del 25 de mayo de 1973 el precio de éstas será igual al de la última edición, lo que significa en la actualidad una pérdida notable en la venta de los mismos. Señala que distintas Editoriales privadas utilizan diversos mecanismos para saltar esta reglamentación, pero que, en el caso de Eudeba no pueden ser aplicadas. El Directorio, después de un cambio de ideas, considera conveniente iniciar una gestión en el Ministerio de Comercio, a fin de solucionar por esa vía tal situación.*²⁶⁴

Observe-se que García Lupo evita referir-se de maneira direta à política de congelamento de preços implementada pelo governo camporista. Entretanto, a obrigatoriedade de o preço dos livros reeditados ser igual ao da última edição e a menção ao fato de que tal regra foi implementada a partir de 25 de maio de 1973 não deixam dúvidas a respeito de qual parte da política econômica governamental se trata. Assim, nota-se que o congelamento de preços provocou prejuízos à EUDEBA nas reedições de livros, que, aparentemente, custariam mais caro à editora e continuariam sendo vendidos pelos preços antigos, defasando a arrecadação da empresa. Além disso, o trecho em questão traz um indício interessante acerca de uma das consequências do congelamento de preços. Apesar de este constituir parte de um plano econômico abrangente, as reações e resistências de diversos setores da sociedade tornaram difícil – homologamente ao que ocorreu em diversos momentos da Modernidade – alcançar o objetivo máximo do congelamento: o controle da inflação. Evidencia-se isso pela afirmação, feita por García Lupo, de que outras editoras conseguiram contornar a determinação

²⁶³ NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 123.

²⁶⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 277, de 24 de junho de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

governamental por meio de “mecanismos”. A EUDEBA, por ética, afinidade política ou mera impossibilidade legal, não recorreria, lê-se na ata, a tais mecanismos. Apelaria, desse modo, à sua rede de contatos institucionais dentro do governo ao qual se alinhava para tentar resolver o problema.

Um dos indícios mais fortes a atestar a penetração das fissuras do tecido social da Argentina no cotidiano da EUDEBA é a relação entre a gestão de Arturo Jauretche e Rogelio García Lupo e o corpo de trabalhadores da editora. Inicialmente, a relação pautou-se em uma dinâmica de apoio, atestado, por exemplo, pela declaração, analisada anteriormente, de que os trabalhadores estariam engajados no projeto de transformar a EUDEBA em uma editora nacional e popular²⁶⁵. Ao analisarmos a correspondência particular do Diretor Executivo Rogelio García Lupo, outros elementos podem ser adicionados a esse apoio.

García Lupo era um jornalista e escritor altamente influente nos meios intelectuais de esquerda. Havia trabalhado em órgãos de imprensa argentinos e cubanos e possuía um círculo de relações que incluía destacadas figuras, como Eduardo Galeano e Ricardo Rojo, advogado que possuía acesso a Juan Domingo Perón durante seu exílio europeu, como se pode depreender de uma carta por ele escrita a García Lupo em 1º de outubro de 1969. Na carta, após comentar sobre as movimentações estudantis e operárias que ocorriam na Argentina durante aquele ano – era o período pós-*Cordobazo* e a luta social no país estava em ebulição –, emenda: “*En Madrid nos vimos con el Viejo: acuerdo general, pero en base a acciones concretas. Reitero, que JDP. me expresó su apoyo a Ongaro, aunque le critica no haber integrado los 20. De todas maneras, su posición general es promisoría*”.²⁶⁶ O curto trecho mostra um dos fortes elos da rede de contatos de García Lupo, além de permitir vislumbrar uma das maneiras pelas quais as diretrizes de Perón no exílio chegavam à Argentina. Além de seus correspondentes autorizados, como John William Cooke, o líder do movimento utilizava de vozes auxiliares que transmitiam suas opiniões e posições – por vezes contraditórias – para os argentinos.

Assim, dado o prestígio e a trajetória de Rogelio García Lupo, os trabalhadores da EUDEBA alinhados ao peronismo concederam a ele, como admitiriam depois, uma “carta

²⁶⁵ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 234, de 29 de junho de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁶⁶ Carta de Ricardo Rojo a Rogelio García Lupo, 1º de outubro de 1969. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina. O trecho se refere a Raimundo Ongaro, líder sindical fundador da CGT de Los Argentinos, braço combativo e radical do sindicalismo peronista. A fala é mais um exemplo dos acenos ambíguos de Perón, uma vez que, apesar de defender um acordo geral a fim de permitir a estabilização da situação política na Argentina, declara apoiar um setor sindical – o de Ongaro – ligado à esquerda peronista – Ongaro e seus seguidores foram, diversas vezes, acusados de serem “trotskistas”.

branca”.²⁶⁷ Entretanto, as divisões ideológicas que marcavam o país e o peronismo também estavam presentes na editora e atingiram em cheio o novo diretor. Em 15 de julho de 1973, foi enviada a Rogelio García Lupo uma carta sem o nome do remetente. Ao fim de suas quatro páginas há uma assinatura a tinta azul. Entretanto, apesar de exaustiva tarefa de cotejá-la com outras assinaturas existentes nos documentos a que tivemos acesso, não pudemos identificar o remetente. Alguns de seus dados saltam das linhas do texto: ele trabalhava no Departamento de Compras, havia sido indicado pelo antigo diretor, Aníbal D’Angelo Rodríguez, e fora responsável pela ascensão interna de outros três funcionários. O objetivo de sua missiva era garantir a reversão de mudanças no organograma da empresa que, de acordo com sua interpretação, afetá-lo-iam – e a seus três “protegidos” – e consistiriam, assim, em uma retaliação política ao fato de não concordarem com a linha ideológica do atual diretório. Após a reivindicação, a carta muda bruscamente de tom. O autor afirma que não gostaria de usar sua influência para obter o que almeja. Prossegue informando que está trabalhando na *Secretaría de Prensa de La Nación* – naquele momento um órgão subordinado ao presidente interino Raúl Lastiri, então genro do mais importante representante do peronismo de direita, José López Rega – e que “*así como la izquierda insiste a través del ERP [Ejército Revolucionario del Pueblo] en su concepto de guerra total [...] así estoy también hoy, dispuesto a emplear todos los medios para defender mis compañeros de trabajo*”.²⁶⁸ Termina em uma chave ainda mais ameaçadora:

*Esta es la primera y única gestión que hago para tratar de entendernos. Si no tuviera éxito en ello, recordando las palabras de alguien que fuera inspirador en mis años mozos de mis ideas políticas maduras de hoy, te digo: “cuando se acaba la dialéctica de las palabras, comienza la dialéctica de las pistolas y de las balas”. [...] Llega un momento en que uno sólo a través de la violencia puede sentirse liberado.*²⁶⁹

Pelos dados que temos até o momento, poderíamos definir o remetente desconhecido como sendo um defensor de ideologias de direita e anticomunistas. Contudo, podemos ir além. Em determinado momento da carta, ele alude ao fato de que já conhecia Rogelio García Lupo desde 1956, quando haveriam lutado “*juntos frente al gorilaje antinacional y destructivo*

²⁶⁷ Comunicado “*De un grupo de compañeros*”, de 1974. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

²⁶⁸ Carta de funcionário não identificado da EUDEBA a Rogelio García Lupo, 15 de julho de 1973. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

²⁶⁹ Idem, ibidem.

encarnado por Aramburu (...).²⁷⁰ A utilização de termos como *gorilaje*²⁷¹ e *antinacional* para referir-se ao contexto político vigente em 1956 – momento em que Pedro Eugenio Aramburu comandou o governo provisório instaurado após a Revolução Libertadora, que depôs Juan Domingo Perón em 1955 – permite que encaixemos nosso remetente dentro de uma posição política alinhada a um nacionalismo de direita muito similar ao que defendiam, à época, setores do peronismo de direita. Era esse personagem que ameaçava o diretor Rogelio García Lupo com uma paráfrase malfeita de um discurso proferido pelo criador do movimento fascista espanhol *Falange*, José Antonio Primo de Rivera.²⁷² Ao decretar a possibilidade do fim da dialética das palavras, o remetente desconhecido anunciava de maneira sombria o tenso roteiro que seria vivenciado por García Lupo e Jauretche na condução da EUDEBA.

Com a ascensão da administração peronista na EUDEBA, tornou-se frequente a participação de dois representantes dos trabalhadores nas reuniões do diretório da empresa. Tal participação não estava no estatuto da editora, motivo pelo qual, já em 26 de julho de 1973,²⁷³ discute-se a possibilidade de reformá-lo para incluir o tópico e institucionalizar esse instrumento de democracia interna. Os membros do diretório apoiam essa medida.

Duas reuniões depois, em 3 de agosto de 1973,²⁷⁴ a representante dos trabalhadores, Delia Clouet, anuncia que estes têm feito reuniões entre si para estabelecer mecanismos de trabalho interno. A informação é recebida silenciosamente pelo diretório, que não emite sinais negativos nem positivos para a autônoma atitude dos trabalhadores.

No decorrer de 1973, apesar do registro de uma reclamação de Rogelio García Lupo em relação a alguns trabalhadores que faltam muito, alegando que tal prática prejudicaria o

²⁷⁰ Carta de funcionário não identificado da EUDEBA a Rogelio García Lupo, 15 de julho de 1973. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

²⁷¹ *Gorilas*, dentro do movimento peronista, era um termo utilizado para caracterizar aqueles que defendiam posições violentas e autoritárias.

²⁷² O discurso original foi proferido por José Antonio Primo de Rivera em 29 de outubro de 1933, no ato de fundação da organização de inspiração fascista e totalitária *Falange Española*: “*Bien está, sí, la dialéctica como primer instrumento de comunicación. Pero no hay más dialéctica admisible que la dialéctica de los puños y de las pistolas cuando se ofende a la justicia o a la Patria*”. Consultado em *Biblioteca Nacional de España*. Disponível em: <<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000203092>>. Acesso em 26 de janeiro de 2020.

²⁷³ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 236, de 26 de julho de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁷⁴ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 238, de 03 de agosto de 1973. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

Figura 13 – Cartão de Natal - II

Fonte: Fundo Rogelio García Lupo, Biblioteca Nacional.²⁷⁷

Os cartões apresentam uma estética similar: na parte externa, um desenho entremeado por uma frase que termina em reticências; na parte interna, a continuação das frases e os desejos de boas festas. Seriam simples cartões de fim de ano, não fosse o conteúdo que carregam. Ao invés de “boas festas”, expressam o desejo de “*peronistas fiestas*”. No primeiro deles, assinado pela “Flia. [Família] Fossati”, do trabalhador da editora Eduardo Fossati, pode-se ver a contraposição entre a parte externa, que expressa o medo sentido durante um período de “*larga oscuridad*”, e a parte interna, onde se descobre que o medo havia sido provocado pelos “18 años” de ausência de Juan Domingo Perón da Argentina. Como tal ausência não mais existia, boas – e peronistas – festas podiam ser desejadas.

No segundo cartão, as partes interna e externa não apresentam uma oposição semântica, mas complementam-se em sentido de triunfo. O brinde proposto em linguagem coloquial (“*vamo a brindar*”) tem seu sentido festivo completo quando se descobre o que o motiva (“*la salud del General*”). No bumbo tocado por um dos personagens do desenho da parte externa do cartão, estão presentes as letras “PV”, que permitem inferir que o cartão foi produzido por membros do peronismo de esquerda. Isso porque tais letras, transformadas em símbolo, foram largamente utilizadas nos cartazes produzidos pela juventude peronista na campanha eleitoral de Héctor Cámpora, em 1973. O “V”, que, em contexto eleitoral significaria um chamado ao voto e uma insígnia de vitória, passou a representar, de acordo com Camilla Fontes de Souza, “a evocação política ‘*Perón Vuelve*’ e a sigla PV representava sua contração. Esta sigla ainda carregava um simbolismo importante daquele momento, compondo uma síntese gráfica onde se unem o líder justicialista e a juventude de seu partido”.²⁷⁸ O apoio de alguns membros da

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ SOUZA, Camilla Fontes de. *La acción cambiante: da luta armada aos direitos humanos nos cartazes argentinos (1973-1984)*. Dissertação de mestrado defendida em 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), p. 49. Além disso, a historiadora embasa sua análise no trabalho:

esquerda peronista que atuavam na EUDEBA não garantiria, contudo, a esperada tranquilidade para a gestão de Rogelio García Lupo.

O ano de 1974 apresenta o transbordamento definitivo das tensões. Já em fevereiro, na terceira reunião do diretório no ano, García Lupo alerta sobre a publicação, na revista *Militancia peronista para la liberación*, de um anúncio da EUDEBA tratando da visita do chefe de Estado do Panamá à Argentina, General Omar Torrijos – a EUDEBA havia publicado um livro de sua lavra na coleção *América Latina Libre y Unida*. Na ata da reunião, registra-se:

*El Director Ejecutivo, Sr. García Lupo, hizo notar que la publicación corría por exclusiva cuenta de la revista que lo había publicado, puesto que no se le había enviado orden ni copia del original ni tampoco ninguna clase de indicación que justificara la publicación. En vista de la irregularidad de la publicación, se decidió comunicar el hecho a la Universidad Nacional de Buenos Aires, con el propósito de evitar cualquier malentendido.*²⁷⁹

Para entender melhor os motivos de tantas justificativas e alarmes na fala de García Lupo, vejamos o anúncio, que ocupava o terço inferior da página 29 da publicação:

Figura 14 – Anúncio General Torrijos

Fonte: Revista *Militancia peronista para la liberación*.²⁸⁰

LÓPEZ, Marcela; KOGAN, Gabriela. *Quiera el Pueblo votar: un siglo de campañas políticas em imágenes*. Buenos aires: Del Nuevo Extremo, 2007.

²⁷⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 260, de 1º de fevereiro de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

²⁸⁰ *Militancia peronista para la liberación*, 17 de janeiro de 1974, p. 29. Disponível em: <<http://www.ruinasdigitales.com/militanciaperonista/militancia-peronista-numero-31/>>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

²⁸⁰ Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

Todos os elementos do anúncio coincidem com aqueles presentes em outros anúncios “oficiais” da EUDEBA publicados em periódicos da época, incluídos aqueles presentes nos arquivos de Rogelio García Lupo.²⁸¹ Entretanto, a EUDEBA já vinha sofrendo acusações de ser esquerdista e, como vimos anteriormente, entre o lançamento da coleção *América Latina Libre y Unida* e o momento em que o anúncio foi realizado – início de 1974 –, muitas coisas haviam mudado no cenário político da Argentina.

Os recuos estratégicos no radicalismo político de Arturo Jauretche e Rogelio García Lupo – como o veemente rechaço à publicação do anúncio de boas-vindas ao general Omar Torrijos – não passaram em branco por aqueles que trabalhavam na EUDEBA. Em um comunicado interno não datado, mas que podemos localizar no ano de 1974,²⁸² membros dos trabalhadores, sob o pseudônimo de “*Un grupo de compañeros*”, criticavam a falta de empenho entre os funcionários para lutar por seus direitos. O documento prossegue realizando uma espécie de *mea culpa* ao dizer que, devido à empolgação inicial propiciada pela vitória de Cámpora em 1973, entregaram a já aludida “carta branca” à nova administração da EUDEBA, sem perceberem que seria importante não se comprometerem com “*los de arriba*”, fossem quem fossem. Expressaram decepção com as hierarquias mantidas por Jauretche e García Lupo, demonstrando, assim, que desejavam ter participação ativa nos rumos da editora com a nova fase do governo nacional. Era a empolgação política da primavera camporista que atingira, também, os trabalhadores da EUDEBA. Entretanto, García Lupo nunca garantira nada a eles, que, “*en cambio, por varios meses, nos atamos a su política, que no era la nuestra, según descubrimos después*”.²⁸³

No mesmo comunicado, os trabalhadores expressaram seu descontentamento com a política editorial do diretório, considerada aquém do que esperavam para a ocorrência efetiva da “*liberación nacional*”. Dessa maneira, afirmavam:

Otro tanto ocurrió con los intentos de esbozar una política editorial nacional y popular [...]. Siempre chocamos con un no. Creemos que estas frustraciones – más allá del problema financiero y el manejo elitista del Director Ejecutivo

²⁸¹ Como exemplo, pode-se citar um anúncio publicado no jornal *Noticias* em 25 de novembro de 1973, em que são anunciados los “*NUEVOS LIBROS DE NUEVA EUDEBA PARA LA NUEVA ARGENTINA*”.

²⁸² Há no texto uma menção ao trabalho realizado por funcionárias da *Contaduría* no mês de janeiro para fechar o balanço financeiro – o único mês de janeiro sob a administração de García Lupo ocorreu em 1974.

²⁸³ Comunicado de *Un grupo de compañeros*, 1974. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

*– fueron la consecuencia lógica de lo que estaba sucediendo en el país, pues Eudeba no es una isla.*²⁸⁴

A mesma política editorial que publicara a coleção *América Latina Libre y Unida* agora era acusada de ser elitista, o que pode ser entendido como uma amostra do acelerado processo de desgaste das relações entre os trabalhadores da EUDEBA e o diretório comandado pela esquerda peronista. Ampliando o horizonte da análise, tal como faz brevemente o comunicado dos trabalhadores, o aumento das tensões internas pode ser entendido também como o respingo – ou a enxurrada – do caudal de transformações políticas da Argentina ao longo da segunda experiência peronista. Diante da impossibilidade de habitar e trabalhar em uma ilha, restava aos trabalhadores, bem como aos membros do diretório comandado por García Lupo, lutar por seus interesses.

Outro indício presente no documento dos trabalhadores que permite traçarmos um paralelo entre a política nacional e as tensões internas da EUDEBA é a questão relativa à cogestão. Na primeira reunião do novo diretório instituiu-se, em comum acordo, que, enquanto não fosse alterado o estatuto da editora para incluir oficialmente os trabalhadores no diretório, estes poderiam participar das reuniões como assistentes, com direito a voz, mas sem direito a voto. O compromisso da gestão de Jauretche e García Lupo estava firmado: incluir os trabalhadores na administração da editora, tornando-os parte do diretório – o que implicava remunerações e atribuições oficiais, além do poder de fazer parte das decisões. Dessa maneira, encampava uma proposta que implantaria uma democracia quase direta na EUDEBA, algo que não ocorrera antes e não é praxe nas empresas – tanto públicas quanto privadas. Entretanto, a discussão foi adiada nas assembleias seguintes, e a gestão da esquerda peronista na EUDEBA terminou sem implantar a cogestão. Os autores do comunicado assim refletiram sobre a situação:

*Los largos meses que pasamos tratando de obtener una participación efectiva en la dirección de la empresa – la ya legendaria cogestión – fueron desgastadores [...]. Logramos sí acceder a reuniones de Directorio. Pero nuestra presencia allí, efectivizada según las leyes, no pudimos obtenerla, siempre surgió algún inconveniente. Y al fin nos ganaron por cansancio. [...] Fue lógico seguir insistiendo con la cogestión después del 20 de junio y el 13 de julio?*²⁸⁵

²⁸⁴ Idem, *ibidem*, grifo nosso.

²⁸⁵ Comunicado de *Un grupo de compañeros*, 1974. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

Como se nota, a cogestão é tratada com a ironia de quem desejou vê-la implantada como política de transformação institucional e nacional. Isso é evidenciado pela associação feita entre o fracasso interno da proposta e as emblemáticas datas de 20 de junho – dia do Massacre de Ezeiza – e 13 de julho – dia em que Héctor Cámpora renunciou ao poder.

Por fim, o comunicado dos trabalhadores, antes de clamar para que os *compañeros* fossem à luta para defender seus ideais, dispara contra Rogelio García Lupo e Arturo Jauretche, afirmando que o cansaço dos funcionários da editora teve seu apogeu quando compreenderam que “*García Lupo y Jauretche eran una cosa en los libros y otra cosa en la editorial*” e que “*la ‘EUDEBA popular y montonera’ se moría de hambre muy cerca del millonario obelisco de la Argentina Potencia*”.²⁸⁶

O choque de viver um processo histórico no qual ocorreu uma “*precipitación del tiempo histórico y de los acontecimientos*”, nas palavras de Oscar Terán,²⁸⁷ foi a marca central do período de gestão da esquerda peronista na EUDEBA. Podemos observar isso por meio de diversas vozes, em diversos tons e de diversas maneiras. Findaremos essa parte da análise com uma carta de Rogelio García Lupo a Luis Carlos Ibañez, funcionário da editora *Ediciones Tercer Mundo*, da Colômbia. No trecho selecionado, chama a atenção a mistura entre a angústia e a pitada de humor irônico com que García Lupo analisa sua arriscada situação profissional em setembro de 1974:

*Estimado Ibañez: Si Ud. Se sumergió en los problemas del oficio, yo estoy sumergido en los líos de la Universidad Argentina, ahora en un plano inclinado realmente peligroso, porque el campo de batalla de la izquierda y la derecha peronista se ha consagrado como un campo sobre todo universitario. En estas condiciones, podrá imaginar lo inconfortable que resulta la dirección de una empresa que pertenece a la universidad.*²⁸⁸

²⁸⁶ Idem, *ibidem*.

²⁸⁷ TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina: diez lecciones iniciales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015, p. 291.

²⁸⁸ Carta de Rogelio García Lupo a Luis Carlos Ibañez, de 3 de setembro de 1974. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

Epílogo

No fim do capítulo anterior, a utilização do adjetivo “arriscada” para definir a situação de Rogelio García Lupo em setembro de 1974 não foi mera força de expressão. Como já vimos anteriormente, as ameaças à equipe de trabalho da EUDEBA começaram assim que a esquerda peronista assumiu o comando da editora, em junho de 1973. No dia 22 desse mês, a organização da direita peronista OJEA (*Oficiales Jóvenes Ejército Argentino*) distribuiu uma circular em que acusava Rogelio García Lupo de encaixar-se em um grupo de “*dirigentes marxistas o sospechosos de simpatías proizquierdistas*”,²⁸⁹ motivo pelo qual a organização traria a público uma espécie de ficha corrida de García Lupo, a exemplo do que havia feito, de acordo com a circular, com Mario Kestelboim (interventor peronista na Faculdade de Direito da UBA) e Rodolfo Puiggrós (reitor interventor na UBA).

A “ficha” do então diretor executivo da EUDEBA continha seus dados pessoais, seus “antecedentes”, que incluíam uma descrição pormenorizada de suas passagens por órgãos de imprensa ligados a partidos comunistas, entre eles o uruguaio e o cubano, bem como de seus contatos com pessoas, organizações políticas e publicações que respondessem ao que a OJEA considerava pertencer à “*orientación ideológica de la izquierda marxista*”. A OJEA era uma das organizações de oficiais do exército surgidas no final do governo de Juan Carlos Onganía que passaram a apoiar o peronismo e o retorno de Perón ao país, mas que rechaçavam, como se pode notar no documento analisado, as propostas da esquerda peronista.²⁹⁰

O documento divulgado pela OJEA não trazia ameaças explícitas, mas assustava, uma vez que o contexto político, à direita e à esquerda, radicalizava-se. À crescente onda de assassinatos levadas a cabo pela organização paramilitar AAA (*Triple A*), organizações de esquerda respondiam com outros atos de violência. A retórica da violência deu lugar à sua prática cotidiana. No caso da esquerda peronista, consideramos acertada a análise de Hugo Vezetti ao afirmar que tal percurso mostra

la implantación de ese escenario de guerra total que debía llevarse a todos los frentes, y una fe ciega en la eficacia del asesinato político para profundizar la confrontación y ampliar los contingentes volcados a la acción

²⁸⁹ “‘Ficha’ de Rogelio García Lupo distribuida por la logia ‘OJEA’”, 22 de junho de 1973. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

²⁹⁰ Nos anos finais do governo de Juan Carlos Onganía – notadamente a partir de 1969 –, surgiram grupos de oficiais do exército que haviam se aproximado do peronismo, mas não partilhavam das ideias de esquerda. Sobre o tema, ver: MAZZEI, Daniel. *Bajo el poder de la caballería: el ejército argentino (1963-1973)*. Buenos Aires: Eudeba, 2012.

*militar. Con la impotencia crece el intento desesperado de sustituir con las armas y el coraje lo que no podían edificar en un terreno político dominado por Perón y por el movimiento.*²⁹¹

Dentro da EUDEBA, em 26 julho de 1973, circulou um panfleto da autointitulada JEP – *Juventud Peronista de EUDEBA* em que se tecia uma forte crítica à presença de membros “oligarcas” dentro do peronismo, que seriam aproveitadores ao utilizarem o movimento para conseguir favorecimentos pessoais, deixando de lado a luta pela libertação nacional. Descrita dessa forma, a crítica aos oligarcas parece pouco ameaçadora, mas o conteúdo e a forma do panfleto não deixavam dúvidas acerca de sua incisão:

*Hoy Juventud Peronista conmemora una fecha muy sentida por todos los compañeros; la muerte de nuestra querida combatiente, compañera Evita. A 21 años de su desaparición física, ahora más que nunca, su palabra se reproduce en nuestros corazones y su ejemplo es bandera de lucha. Lucha contra los oligarcas, porque como dijo ella: [...] “EL DIRIGENTE QUE SE SIRVE DE SU CARGO ES OLIGARCA [...] POR ESO LOS PERONISTAS DEBEMOS DE TRATAR DE SER SOLDADOS PARA MATAR Y APLASTAR A ESA OLIGARQUÍA DONDE QUIERA QUE NAZCA ”.*²⁹²

A memória de Eva Perón, evocando sua desapareição física e, portanto, lhe dando um caráter de continuidade no que diz respeito a suas ideias e influência, é alinhada ao aviso dado aos oligarcas do movimento peronista. E o aviso é claro: os militantes devem se transformar em soldados e matar o mal pela raiz, o que é escrito com ainda mais clareza na linha seguinte:

*Así le fue a Paladino, Vandor, Alonso y Coria y así lo irá a López Rega, Osinde, Rucci y CIA. Ellos creen que van a heredar un movimiento político [...] y los pobres imbéciles no se dan cuenta que el único heredero posible es el propio pueblo y nada más que el pueblo.*²⁹³

Ao declarar-se como parte dos herdeiros legítimos do peronismo, os jovens da JEP ameaçam de morte a ala direita do peronismo, a começar pelo *brujo* José López Rega, braço direito de Juan Domingo Perón em sua volta à Argentina. Não obstante, o primeiro assassinato de um grande dirigente ligado à direita peronista não se daria contra ele. Dois dias depois da vitória de Perón nas eleições de 1973, ocorridas em 23 de setembro de 1973, os *Montoneros* assassinaram José Ignacio Rucci, dirigente sindical leal ao líder e membro da direita peronista

²⁹¹ VEZZETI, Hugo. *Sobre la violencia revolucionaria*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, pp. 65-66.

²⁹² Circular da *Juventud Peronista de EUDEBA*, 26 de julho de 1973. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

²⁹³ Idem, *ibidem*.

que consta na ameaça da JEP lida anteriormente. O presidente eleito respondeu imediatamente, dando um passo ainda mais largo em direção à direita, como afirma Marcos Novaro:

*Si hasta entonces había existido alguna ambigüedad de Perón con respecto al uso de la violencia legal e ilegal contra la Tendencia, tras ese hecho dejó de haberla. En los meses posteriores permitió que los recursos estatales y los hombres de las fuerzas de seguridad y del Ejército nutrieran las bandas de ultraderecha.*²⁹⁴

A guinada à direita de Perón gerou instabilidade na esquerda peronista. Em seu epistolário particular, García Lupo preservou diversas cartas recebidas em que podem ser lidas mensagens que o apoiavam e solicitavam que permanecesse no controle da empresa. Em 18 de abril de 1974, um remetente cuja assinatura não foi possível identificar escreveu a García Lupo da Espanha e pediu: “*no largues EUDEBA, aprovechala, que los tiempos están difíciles*”.²⁹⁵

Rogelio García Lupo sabia disso. Dentre todos os documentos que analisamos em seu epistolário particular, destacou-se uma série de pequenos pedaços de papel cartão armazenados conjuntamente. O primeiro deles afirmava:

Figura 15 – *Cumpleaños ameazadores* – I

UN ABRAZO SINCERO DE TODO EL PERSONAL
QUE LO APOYA EN SUS GESTIONES
PARA QUE E.U.D.E.B.A. VUELVA A
SERVIR AL PUEBLO ARGENTINO Y PERONISTA.
FELIZ CUMPLEAÑOS COMPAÑERO ROGELIO

Fonte: Fundo Rogelio García Lupo, Biblioteca Nacional.²⁹⁶

Tratava-se, assim, de uma série de cartões entregues a García Lupo por ocasião de seu aniversário, em 16 de novembro de 1973. A necessidade de afirmar textualmente que o abraço dirigido a ele era “sincero” e a sobriedade do cartão, escrito a máquina, conferiam ao conjunto um tom menos festivo do que se poderia esperar. Vejamos alguns dos próximos cartões presentes no pacote (10 ao todo):

²⁹⁴ NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, p. 71.

²⁹⁵ Carta de remetente desconhecido a Rogelio García Lupo, datada de 18 de abril de 1974. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

²⁹⁶ *Cartão de aniversário* – I. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

Figura 16 – Cumpleaños amenazadores – II, III, IV e V

Fonte: Fundo Rogelio García Lupo, Biblioteca Nacional.²⁹⁷

Certamente, foi um dos mais agressivos e amedrontadores presentes de aniversário recebidos por Rogelio García Lupo. Estava permeado por ameaças e maldosas ironias que dialogavam explicitamente com os acontecimentos da política nacional, já transbordados na editora. A falta de efusividade do cartão de abertura é substituída por um mar de pontos de exclamação, agora cravados a mão em letras maiúsculas. Em três dos cartões acima, acusa-se Rogelio García Lupo de ser marxista. No primeiro deles, o vocativo utilizado é “Pajarito”, apelido de juventude do então diretor executivo da EUDEBA. Na sequência, há a acusação de haver reeditado o marxismo, em uma referência ao episódio já mencionado da edição do livro *O marxismo*, de Henri Lefebvre. No segundo cartão, uma infame piada em tom de ameaça: se quando faz frio em Moscou (capital da União Soviética), Héctor Cámpora e Rogelio García Lupo se resfriam, é porque estão intrinsecamente ligados ao regime socialista então vigente no país. Por fim, um recado em forma de consignas, deixando clara a oposição dos autores das mensagens às ideologias de esquerda: nem ianques, nem marxistas, peronistas. Recusava-se, portanto, o pertencimento a um dos polos ideológicos que dividiam o mundo político de então

²⁹⁷ Cartão de aniversário – II, III, IV e V. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

(EUA *versus* URSS), para afirmar o pertencimento a uma ideologia pretensamente neutra – e, portanto, de acordo com o caráter reducionista da consigna, a única correta e possível –, o peronismo.

No quarto cartão acima, a ironia era dirigida à Juventude Peronista da EUDEBA e seus aliados – a esquerda peronista dentro da editora, da qual fazia parte Rogelio García Lupo. Em linguagem sarcástica, afirma: “Cuidado! O pessoal tem estilingues! Proibido sair da editora sem nossa permissão”. Embaixo do “P” de “*personal*”, um “V” emulava o “PV” (*Perón Vuelve*), símbolo consagrado pela juventude peronista. Uma interpretação possível para o bilhete seria entendê-lo como um comentário sarcástico às tentativas da esquerda peronista de conduzir o processo político dentro da editora. Como vimos anteriormente, as disputas internas foram ferrenhas, com ameaças de parte a parte, e nesse bilhete o poderio “bélico” – temática tão comum naquele momento conturbado – da esquerda peronista seria questionado em tom de deboche – suas armas seriam juvenis estilingues. Sabemos que os “estilingues”, entretanto, haviam sido responsáveis pela morte de José Ignacio Rucci, ligado à direita peronista. Tal fato não foi esquecido pelos autores dos cartões, que, inclusive, fecharam sua sequência com a seguinte mensagem:

Figura 17 – *Cumpleaños amenazadores* – VI

Fonte: Fundo Rogelio García Lupo, Biblioteca Nacional.²⁹⁸

A separação, cada vez mais efetiva, entre o peronismo de direita – entranhado no governo de Juan Domingo Perón – e o peronismo de esquerda – ainda no controle da EUDEBA, é perceptível na ata de reunião de diretório número 279. Ali, em 2 de julho de 1974 – um dia depois do falecimento do então presidente da República – registra-se uma reunião

²⁹⁸ *Cartão de aniversário* – VI. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

extraordinária para render homenagem ao “*Tenente General Juan Domingo Perón*”.²⁹⁹ Não ocorre, entretanto, nenhum registro de falas, textos elogiosos ou atos públicos de pesar ocorridos dentro da editora. O ato de homenagem é composto por um minuto de silêncio, durante o qual todos os presentes postaram-se em pé. Além disso, há a proposta da edição das obras completas de Perón – analisada anteriormente neste capítulo. Os representantes dos funcionários da editora, que compareceram anteriormente em diversas reuniões, estavam ausentes. A morte do líder máximo do movimento político do qual faziam parte a maioria dos membros do diretório da EUDEBA naquele momento não os mobilizou de maneira efetiva, demonstrando, mais uma vez, a separação gradual que se construiu entre Perón e seus seguidores, em especial a esquerda peronista.

Após a morte de Perón e a ascensão ao poder da vice-presidente, María Estela Martínez de Perón, conhecida como Isabelita Perón, ocorreu o recrudescimento da perseguição à esquerda peronista, especialmente dentro dos sindicatos, movimentos populares e universidades. No Ministério da Educação, Jorge Taiana foi substituído por Oscar Ivanissevich. Este, em seu discurso de posse, expressou as linhas gerais de atuação ideológica do novo mandato: “*nuestra línea de conducta no admite desviaciones. Estamos con Cristo y no estamos en contra de nadie [...] a esta verticalidad le hemos entregado nuestras vidas y no nos someteremos a nadie*”. Na UBA, foi nomeado reitor interventor o autodeclarado apoiador do fascismo Alberto Eduardo Otallagano, que adotou como principais medidas de seu mandato a proibição de qualquer tipo de organizações e manifestações políticas na universidade e a nomeação de interventores alinhados a uma postura conservadora para os decanatos das faculdades e gerências de instituições da UBA, incluindo a EUDEBA.³⁰⁰ Dessa maneira, dentro de um governo tido como peronista, a experiência da esquerda peronista à frente da EUDEBA chegava ao fim.

Em nosso trabalho de Iniciação Científica,³⁰¹ construímos uma breve análise da trajetória de José Boris Spivacow, primeiro gerente geral da EUDEBA. Ali, instigados pelo

²⁹⁹ Ata de reunião do Diretório da EUDEBA n. 279, de 2 de julho de 1974. Consulta efetuada no arquivo da Editorial Universitaria de Buenos Aires.

³⁰⁰ Ver: RODRÍGUEZ, Laura Graciela. *Universidad, peronismo y dictadura*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015, pp. 45-72.

³⁰¹ Essa pesquisa se materializou no artigo: ROMERO, Caio. José Boris Spivacow: trajetória. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 12, pp. 143-175, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1334/1205>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

questionamento a respeito de uma suposta “excepcionalidade” de Spivacow como editor, matizamos tal proposição, enfatizando o papel das equipes que o acompanharam e construíram conjuntamente os projetos editoriais dos quais participou – a saber, a EUDEBA e o CEAL. Olhamos, dessa maneira, para a trajetória de Spivacow como mediador cultural, o que permitiu vislumbrar com mais clareza as peculiaridades de suas empreitadas enquanto projetos culturais complexos.

No que se refere à EUDEBA, o período “fundacional”, analisado em nosso primeiro capítulo, prosseguiu marcado pelo signo de uma pretensa excepcionalidade. Em grande medida, tal marca foi construída durante o próprio período, por meio das propagandas feitas pela editora e da repercussão na mídia obtida por suas edições. A análise dos documentos da editora permitiu vislumbrar outras informações a respeito desse processo.

Após um interregno radical entre 1966 e 1973, período durante o qual, internamente, a gestão de Spivacow foi continuamente criticada pelos membros da administração da editora, surgiram as primeiras menções positivas em relação ao período fundacional da EUDEBA. Nas reuniões do diretório comandado por Arturo Jauretche e Rogelio García Lupo, o período transcorrido entre 1958 e 1966 era citado como uma espécie de antecessor do período de desmonte da editora, entre 1966 e 1973. Em entrevista à revista *Panorama*, no mês de junho de 1973, Rogelio García Lupo afirmou:

*EUDEBA pasó de una etapa de euforia cientificista – durante el risierismo – , al pesimismo cavernícola en la contrarrevolución argentina. De lo que se trata ahora es de crear un instrumento que, sin alterar las líneas vectoriales de una editorial universitaria, se adapte a las características de un proceso presidido por el signo de las luchas por la liberación nacional.*³⁰²

Apesar da utilização do termo “euforia cientificista”, pode-se notar que a gestão de Spivacow, em contraposição ao “pessimismo cavernícola” das gestões ocorridas após 1966, é valorizada por meio do apelo às linhas vetoriais da EUDEBA como editora universitária, que foram, afinal, consolidadas em sua maioria durante a gestão de Spivacow. Tal visão positiva foi sendo reforçada ao longo dos anos e hoje se mantém como uma referência para a atuação da editora.³⁰³

³⁰² Revista *Panorama*, 14-20 de junho de 1973, p. 16. Consulta efetuada no fundo Rogelio García Lupo do Arquivo da Biblioteca Nacional da República Argentina.

³⁰³ Um exemplo peculiar de tal afirmação é o nome do leitor de livros digitais comercializado pela EUDEBA: “Boris”.

De todo modo, apesar de reconhecer a importância da gestão de Spivacow, acreditamos que nossa análise no presente trabalho permite entender o percurso da EUDEBA em seu primeiro período como um objeto de análise complexo e multifacetado. A editora configurou-se, então, como exemplo da fluidez e da diversidade intrínsecas às práticas culturais. Seu projeto e sua prática editorial, coadunando-se com os *años sesentas* argentinos, constituíram uma tentativa de intervenção na realidade social feita por grupos de intelectuais que lidavam com uma disputa ideológica ferrenha – e dela participavam, direta ou indiretamente.

Ressalte-se também que outro aspecto importante da EUDEBA em seus primeiros anos foi seu funcionamento como um centro de sociabilidade intelectual.³⁰⁴ Foi um espaço de troca de ideias, de construção e efetivação de um projeto editorial que se enxergava como uma forma de intervenção cultural na sociedade. Nesse sentido, pontua Jean-François Sirinelli:

*O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece. [...] Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias.*³⁰⁵

Tal análise coaduna-se com a avaliação feita por uma das protagonistas da EUDEBA recém-fundada, a professora Susana Zanetti, que afirmou ter feito parte de uma equipe de trabalho composta “por ‘liberais de esquerda’ não-peronistas, em sua maioria. Muitos deles não pertenciam à universidade, ao menos não aos fechados âmbitos acadêmicos que nela existem”.³⁰⁶ Além disso, Zanetti relatou que

no primeiro endereço onde se ubicou a EUDEBA (calle Florida, 656) havia uma grande quantidade de galerias de arte, bares e cafés onde se reuniam importantes intelectuais e pintores. Estava próxima, também, da Faculdade de Filosofia e Letras e de teatros. Assim, muitas pessoas ligadas às letras, à pintura, às modernas tendências no campo das artes visitavam a editora e ajudavam a criar um ambiente artístico rico, cosmopolita e nada católico.³⁰⁷

³⁰⁴ ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: notas de investigación sobre una tribu inquieta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013, pp. 139-140.

³⁰⁵ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 248-249.

³⁰⁶ Susana Zanetti foi Professora Titular da área de Literatura Latino-Americana da *Universidad Nacional de La Plata* (UNLP), tendo exercido também o cargo de Professora Titular da *Universidad de Buenos Aires* (UBA). Trabalhou com José Boris Spivacow na EUDEBA e no *Centro Editor de América Latina* (CEAL). Transcrição de entrevista concedida ao autor em 5 de fevereiro de 2011 e avalizada por Zanetti em 3 de março de 2011 via e-mail.

³⁰⁷ Transcrição de entrevista concedida ao autor em 5 de fevereiro de 2011 e revisada por Zanetti em 3 de março de 2011 via e-mail. A íntegra da entrevista localiza-se no ANEXO 1, ao final desta dissertação.

Esse rico ambiente cultural, intelectual e artístico, construído pelas equipes que compuseram a EUDEBA em seu período de formação, propiciou que fosse erigido um projeto cultural significativo na Argentina do século XX. Tal projeto foi feito coletivamente e em constante diálogo com os pujantes debates e embates que marcaram os *años sesentas* argentinos, não sendo, portanto, fruto de uma “excepcionalidade”.

A construção de uma editora como a EUDEBA se dá, assim, na atuação cotidiana e em constante relação com o contexto político em que se insere. Indícios que sustentam tal afirmação foram analisados nos capítulos seguintes ao primeiro, em que pudemos observar de que maneira o transbordamento da política influenciou os rumos que tomaria o projeto editorial da empresa.

Em contato com um ambiente político marcado por tensões que criariam, nas palavras de Sebastián Carassai, “*un fondo de creciente violencia inconscientemente compartido por amplios sectores sociales*”,³⁰⁸ a EUDEBA foi permeada por projetos e iniciativas editoriais que visavam a intervir na realidade ao gosto das mais diferentes ideologias presentes em suas equipes diretivas, contribuindo para divulgar ideias que, acreditava-se, poderiam transformar o contexto em que se vivia.

Se isso fica mais explícito no período em que a esquerda peronista esteve no poder, pudemos observar, também, que em outros períodos a penetração dos processos históricos e políticos da Argentina e do continente americano pode ser observada por meio de indícios mais sutis.

Desse modo, pode-se considerar que o estudo da EUDEBA como uma editora em constante processo de transformação e diálogo com o contexto histórico em que se insere é uma forma importante de compreender como se constroem e mantêm projetos culturais e editoriais complexos. Sem deixar de lado os aspectos específicos e particulares do processo editorial – Sociologia dos Textos, análise material dos livros, estudo de paratextos e de outros elementos –, é importante que se leve em conta as relações possíveis entre o trabalho de edição e os processos e períodos históricos em que se inserem, esforçando-se ao máximo para não subordinar um aspecto ao outro. Acreditamos que tal perspectiva permite vislumbrar as complexidades e os numerosos interesses políticos, econômicos e culturais envolvidos no trabalho de edição de livros e presentes nas atividades humanas ao longo da Modernidade.

³⁰⁸ CARASSAI, Sebastián. *Los años setenta de la gente común*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015, p. 262.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA. VV. *La noche de los bastones largos: 50 años*. Buenos Aires: UBA, 2018
- ALTAMIRANO, Carlos. *Bajo el signo de las masas (1943-1973)*. Buenos Aires: Ariel, 2001.
- _____. *Intelectuales: notas de investigación sobre una tribu inquieta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- _____. *Peronismo y cultura de izquierda*. Siglo XXI, 2013.
- ÁLVAREZ, Gonzalo, ARCHAIN, Alejandro e DÍAZ, Carlos. *Un editor de tres siglos: la vida y los libros de Arnaldo Orfila Reynal*. Buenos Aires: EUDEBA, 2015.
- AVELLANEDA, Andrés. *Censura, autoritarismo y cultura*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986, volumes 1 e 2.
- BELINI, Claudio; KOROL, Juan Carlos. *Historia económica de la Argentina en el siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012
- BONAVENA, Pablo (org.). *Orígenes y desarrollo de la guerra civil en la Argentina*. Buenos Aires: EUDEBA, 1998
- BOSSIO, Horacio García. *¿Qué nos hace más Nación?: desafíos del desarrollismo frondicista-frigerista*. Remedios de Escalada: EdUNLa Cooperativa, 2014.
- BUCHBINDER, Pablo. *Historia de La Facultad de Filosofía y Letras*, Buenos Aires: EUDEBA, 1997.
- _____. *¿Revolución en los claustros? - La Reforma Universitaria de 1918*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.
- _____. *Historia de las universidades argentinas*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.
- BUENO, Mónica; TARONCHER, Miguel Ángel (orgs.). *Centro Editor de América Latina: capítulos para una historia*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.
- BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil – uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: EDUSP, 2015.

- BUSTELO, Natalia. *Todo lo que necesitás saber sobre la Reforma Universitaria*. Buenos Aires: Paidós, 2018.
- Capítulo. *Historia de la literatura argentina*. (varios autores) Volumen 4 – los proyectos de la vanguardia. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986.
- CALIFA, Juan Sebastián. *Reforma y revolución: la radicalización del movimiento estudiantil de la UBA, 1943-1966*. Buenos Aires: EUDEBA, 2014.
- CALVEIRO, Pilar. *Política y/o violencia*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CARASSAI, Sebastián. *Los años setenta de la gente común*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.
- CAVAROZZI, Marcelo. *Autoritarismo y democracia: 1955-2006*. Buenos Aires: Ariel, 2009.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 5, v. 11, pp. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>>. Acesso em 30 de agosto de 2019.
- _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- CUCCHI, Rubén J. *Los años del decanato de José Babini*. Buenos Aires: EUDEBA, 2016.
- DE DIEGO, José Luis. *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- _____. *La otra cara de Jano: una mirada crítica sobre el libro y la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2015.
- _____. *Los autores no escriben libros: nuevos aportes a la historia de la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2019.
- DARNTON, Robert. *Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEAECTO, Marisa Midori e FILHO, Plínio Martins (orgs.). *Livros e Universidades*. São Paulo: EDUSP, 2017.

DÉRCOLI, Julián. “Las leyes universitarias del primer peronismo. Hacia una nueva forma de producción del conocimiento”. *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-010/556>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

DONGHI, Tulio Halperin. *História de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: EUDEBA/Libros del Rojas, 2012.

DUCHINI, Alejandro. “Fangio, sígame que esto es un secuestro”. *Página 12*, 23 de fevereiro de 2018. Disponível em: < <https://www.pagina12.com.ar/97422-fangio-sigame-que-esto-es-un-secuestro>>. Acesso em 1º de janeiro de 2020.

DUJOVNE, Alejandro: “*La máquina de traducir. Eudeba y la modernización de las ciencias sociales y humanas, 1955-1966*”. *Papeles de Trabajo*, 10(18), pp. 123-144, 2016.

FRIEDEMANN, Sergio. *El marxismo peronista de Rodolfo Puiggrós: una aproximación a la izquierda nacional*. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani (Documentos de Jóvenes Investigadores n. 39), 2014, pp. 89-90. Disponível em: <<http://webiigg.sociales.uba.ar/iigg/textos/documentos/dji39.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

FRONDIZI, Arturo. *Petróleo y política*. Buenos Aires: Editorial Raigal, 1955 (1ª edição 1954).

FUNES, Patrícia. *Las ideas políticas en América Latina*. México, D.F.: El Colegio de México, 2014.

GALASSO, Norberto. *Jauretche: biografía de un argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2014.

GARULLI, Liliana et alli (org.). *Documentos de historia argentina (1955-1976)*. Buenos Aires: Eudeba, 2011.

- GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- GIORDANINO, Eduardo Pablo. *Técnicas de registro y organización de materiales editoriales: paratextos, metadatos y catálogos*. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2010.
- GIULIANI, Alejandra. *Editores y política: entre el mercado latino-americano de libros y el primer peronismo (1938-1955)*. Temperley: Tren en movimiento, 2018.
- GOCIOI, Judith. *Boris Spivacow: el señor editor de América Latina*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010.
- _____. *Centro Editor de América Latina: una fábrica de cultura*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017.
- _____. *Libros para todos: colecciones de EUDEBA bajo la gestión de Boris Spivacow (1958-1966)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012.
- GOCIOI, Judith; BITESNIK, Esteban; ETCHEMAITE, Fabiola; ETCHEMAITE, Mariano. *Más libros para más: colecciones del Centro Editor de América Latina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional de la Argentina, 2008.
- GONZÁLEZ, Juan Ignacio. *Estudiantes e política sob ditadura: os universitários nas vésperas do Cordobazo (Córdoba, 1966-1969)*, apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal Fluminense no ano de 2018. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/tesesonline.php>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.
- GORELIK, Adrián e ALTAMIRANO, Carlos (comps.). *La Argentina como problema: Temas, visiones y pasiones del siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.
- HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Ilustrado por Juan Carlos Castagnino. Buenos Aires: EUDEBA, 2010 (5ª edição).
- INVERNIZZI, Hernán. *“Los libros son tuyos” – políticos, académicos y militares: la dictadura en EUDEBA*. Buenos Aires: EUDEBA, 2005.

- INVERNIZZI, Hernán; GOCOL, Judith. *Un golpe a los libros: represión a la cultura durante la última dictadura militar*. Buenos Aires: EUDEBA, 2002.
- IZAGUIRRE, Inés. *Lucha de clases, guerra civil y genocidio en argentina – 1973-1983*. Buenos Aires: Eudeba, 2009
- JAMES, Daniel (org.). *Nueva Historia Argentina – violencia, proscripción y autoritarismo (1955-1976)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.
- _____. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- LLAIRÓ, María de Monserrat. *Frondizi: un nuevo modelo de inserción internacional*. Buenos Aires: EUDEBA, 2003.
- LEÓN, Ángel Dámaso Luis. El deporte como propaganda revolucionaria: los secuestros de Fangio y Di Stéfano. In: *Historia y Patrimonio Cultural – ICA '18*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, pp. 45-53.
- LUNA, Félix. *Argentina, de Perón a Lanusse – 1943/1973*. Buenos Aires: Sudamericana/Planeta, 1984.
- LUNA, Félix (dir.). *La “Revolución Argentina” (1966-1976)*. Coleção História Gráfica de la Argentina Contemporânea. Buenos Aires: Hyspamerica, 1984.
- MANZANO, Valeria. *The age of youth in Argentina: culture, politics and sexuality from Perón to Videla*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2019.
- MAUNÁS, Delia. *Boris Spivacow - Memoria de un sueño argentino*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1995.
- MAZZEI, Daniel. *Bajo el poder de la caballería: el ejército argentino (1963-1973)*. Buenos Aires: Eudeba, 2012.
- MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.
- MELON PIRRO, Julio César. *El peronismo después del peronismo: resistencia, sindicalismo y política luego del 55*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

- MORERO, Sergio. *La noche de los bastones largos*. Buenos Aires: Eudeba, 2016.
- NEIBURG, Federico e PLOTKIN, Mariano (org.). *Intelectuales y expertos: la constitución del conocimiento social en Argentina*. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina – 1955-2000*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.
- NOVARO, Marcos (org.). *Peronismo y democracia: historia y perspectivas de una relación compleja*. Buenos Aires: Edhasa, 2014.
- NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A ditadura militar argentina – 1976-1983*. São Paulo: EDUSP, 2007.
- O'DONNELL, Guillermo. *Modernization and Bureaucratic-Authoritarianism: studies in South American Politics*. Berkeley: Institute of International Studies, 1973.
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PASSETTI, Gabriel. De “civilização e barbárie” às “campanhas do deserto”: relações políticas e guerras entre indígenas e *criollos* no sul da argentina (1852-1885). *Diálogos*, Maringá, v. 9, n. 3, 2005.
- _____. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- QUINO. *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1993.
- RIVERA, Jorge B. "Apogeo y crisis de la industria del libro: 1955-1970". In: *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, t. 4, 1986.
- RODRÍGUEZ, Laura Graciela. *Universidad, peronismo y dictadura*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2015.
- ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015.

- _____. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- ROTUNNO, Catalina e DÍAZ DE GUIJARRO, Eduardo (orgs.). *La construcción de lo posible: la Universidad de Buenos Aires 1955-1966*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *La edición de libros en la Argentina: una empresa de cultura*. Buenos Aires, EUDEBA, 1995.
- _____. *50 años de libros para todos*. Buenos Aires: EUDEBA, 2008.
- SARLO, Beatriz e ALTAMIRANO, Carlos. *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.
- SCARZANELLA, Eugenia. *Uma editora italiana na América Latina – o Grupo Abril (décadas de 1940 a 1970)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- SIDICARO, Ricardo. *Los tres peronismos: Estado y poder económico, 1946-1955, 1973-76, 1989-99*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.
- SIGAL, Silvia. *Intelectuales y política en Argentina: la década del sesenta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.
- SIGAL, Silvia; VERÓN, Eliseo. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: EUDEBA, 2014.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 248-249.
- SMULOVITZ, Catalina. *Oposición y gobierno: los años de Frondizi – I*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (Século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios: USP – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017, pp. 173-186.
- SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2010.

- _____. *Editar desde la Izquierda en la América Latina: la agitada historia del Fondo de Cultura Económica y de Siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017.
- SOUZA, Camilla Fontes de. *La acción cambiante: da luta armada aos direitos humanos nos cartazes argentinos (1973-1984)*. Dissertação de mestrado defendida em 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).
- SUASNÁBAR, Claudio. *Universidad e intelectuales: educación y política en la Argentina – 1955-1976*. Buenos Aires: Manantial, 2004.
- SZUSTERMAN, Celia. *Frondizi and the Politics of Developmentalism in Argentina – 1955-1962*. Houndmills: The Macmillan Press, 1993.
- TCACH, César. *De la Revolución Libertadora al Cordobazo: Córdoba, el rostro anticipado del país*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- _____. Peronismo y Reforma Universitaria: raíces de un desencuentro – una mirada desde su cuna – Córdoba (1943-1955). *PostData*, n. 1, v. 24, pp. 177-198, abr./set. 2019. Disponível em: <<http://www.revistapostdata.com.ar/2019/06/test/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.
- TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina: diez lecciones iniciales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.
- _____. “Imago Mundi”, *Punto de Vista*, año XI, número 33 (sept-dic. 1988), pp. 3-7.
- _____. *Nuestros años sesentas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- VERBITSKI, Horacio. *Medio siglo de proclamas militares*. Buenos Aires: La Página, 2006.
- VEZETTI, Hugo. *Pasado y presente: guerra, dictadura y sociedad en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.
- _____. *Sobre la violencia revolucionaria*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- ZAROWSKY, Mariano. Nueva izquierda, sociología y medios de comunicación: itinerário de Heriberto Muraro en los años sesenta y setenta. *IX Jornadas de Sociología de la UNLP*, 5 a 7 de setembro de 2016, Ensenada, Argentina. Disponível em: <<http://jornadassociologia.fahce.unlp.edu.ar/ix-jornadas/actas-2016/PONmesa11Zarowsky.pdf>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

ANEXO 1: CONVERSAS COM SUSANA ZANETTI (*in memoriam*)

Em fevereiro de 2011, estivemos com Susana Zanetti, professora da Universidade Nacional de La Plata que teve como seu primeiro empregador a EUDEBA dos tempos de José Boris Spivacow. Conversamos sobre a editora e isso foi por nós registrado e por ela corrigido. Tais são os registros transcritos aqui.

04/02/2011

A *Serie del Siglo y Medio* foi feita como uma homenagem aos 150 anos da Revolução de Mayo de 1810. Não foi uma iniciativa isolada. Coordenada pelo Ministério da Educação, foi lançada também a “Biblioteca de Maho”, que reuniu documentos importantes para o trabalho de especialistas. A *Serie del Siglo y Medio*, por outro lado, visava publicar obras importantes da literatura argentina. Obras que poderíamos chamar de “canônicas”. Os intelectuais que trabalhavam na Editorial Universitaria de Buenos Aires (EUDEBA) eram vanguardistas, mas não desprezavam os cânones.

Susana descreveu a equipe com que trabalhou na EUDEBA como sendo composta por “liberais de esquerda” não-peronistas, em sua maioria. Muitos deles não pertenciam à universidade, ao menos não aos fechados âmbitos acadêmicos que nela existem. Horácio Achával, por exemplo, que dirigiu a *Serie del Siglo y Medio*, era um homem que possuía um amplo conhecimento literário e artístico e não era da universidade.

A EUDEBA trabalhava com a perspectiva de divulgação máxima de seus livros – que deveriam ser baratos, acessíveis e atrativos para um público amplo, por seu aspecto físico e pelo tratamento de seu conteúdo. No entanto, atingir o maior público possível não significava publicar obras de importância ou valor cultural secundários. O que se pretendia era difundir obras de elevado valor cultural, consideradas, pelos editores, importantes para a formação intelectual do público. Era um processo de apropriação e transmissão dessas obras.

De acordo com Susana, tal concepção vinha, em grande parte, de Boris e de sua formação. Filho de imigrantes que iniciou sua formação intelectual a partir da leitura de obras importantes da literatura universal, valorizava o acesso à boa cultura. No caso, isso deveria ocorrer por meio de livros que deveriam ser, também eles, acessíveis – o que envolveu seu preço e distribuição.

Assim, o projeto da EUDEBA e da *Serie del Siglo y Medio* consistia em aproximar os livros do público, em conduzir o público em direção a determinado tipo de cultura, sem manejá-lo de forma “populista”.

Com a queda de Perón, em 1955, teve início um processo de reestruturação das universidades na Argentina. Risieri Frondizi, irmão do presidente Arturo Frondizi, foi escolhido reitor da Universidad de Buenos Aires (UBA) e propôs a criação de uma casa editorial ligada à universidade.

Nesse momento, havia um grande público potencialmente leitor na Argentina, advindo principalmente das escolas de nível primário e secundário. Esse público era observado com atenção pelas editoras já existentes, e foi focado com atenção pela recém-surgida EUDEBA.

A EUDEBA inovou ao vender livros baratos e distribuí-los nos *kioscos* próprios da empresa, mas também mostrou-se inovadora na forma de apresentar os livros que editava. As edições possuíam capas bem diagramadas, bem ilustradas e de aparência amigável, à diferença de muitas publicações sisudas e monocromáticas da época.

Oscar Díaz, um importante ilustrador que foi, tanto na EUDEBA quanto no Centro Editor de America Latina (CEAL), um dos principais membros do corpo editorial, comandava os trabalhos gráficos e artísticos de tais projetos. Era bem relacionado no meio artístico e muitos pintores e artistas tinham trânsito fácil na EUDEBA (e no CEAL).

No primeiro endereço onde ubicou-se a EUDEBA (calle Florida, 656) havia uma grande quantidade de galerias de arte, bares e cafés onde se reuniam importantes intelectuais e pintores. Estava próxima, também, da Faculdade de Filosofia e Letras e de teatros. Assim, muitas pessoas ligadas às letras, à pintura, às modernas tendências no campo das artes visitavam a editora e ajudavam a criar um ambiente artístico rico, cosmopolita e nada católico.

O projeto gráfico da EUDEBA merece destaque. Na *Serie del Siglo y Medio*, por exemplo, a capa de todos os livros contou com a reprodução de uma obra de determinado ilustrador (Carlos Alonso, Antonio Berni, entre outros). Além disso, alguns títulos que foram publicados dentro da *Serie del Siglo y Medio*, ainda que em uma “série” especial, possuíam material gráfico riquíssimo – como o exemplar de Martín Fierro, ilustrado por Castagnino, que teve enorme êxito e recepção crítica internacional, além de “20 pintores argentinos”, ou “La historia del Tango”, ou ainda o poema “Fausto”, de Estanislao del Campo, ilustrado por Oski.

De acordo com Susana, houve um grande trabalho, na *Serie del Siglo y Medio*, de ressuscitação de autores até então esquecidos ou obscurecidos. Isso se deu, por um lado, para formar uma série abrangente com títulos importantes, e, por outro, porque muitos títulos de certos autores não puderam ser publicados devido a direitos de publicação e outros problemas.

Para ela, algo importante na EUDEBA e no CEAL foi a qualidade dos componentes de tais projetos. Boris sabia escolher muito bem aqueles que trabalhariam com ele. Na EUDEBA e no CEAL, formaram-se verdadeiras *equipes* de trabalho.

05/02/2011

Com a saída da EUDEBA, a equipe que trabalhava com Boris, ao menos grande parte dela, fundou o CEAL. No entanto, a verba da nova editora era restrita. De acordo com Susana Zanetti, Horácio Achával deu a ideia de publicar uma História da Literatura Argentina em fascículos, que seriam acompanhados por livros importantes da literatura argentina. Surgiu, assim, em 1967, a *Coleção Capítulo – Biblioteca Fundamental Argentina*. Trabalharam no CEAL um bom número de jovens que hoje são intelectuais de primeira linha (Beatriz Sarlo, por exemplo) e professores da universidade, com cargos obtidos por concurso com a volta da democracia em 2003.

Susana ressalta que, além de fazer parte da concepção editorial dos membros do CEAL – ou seja, difundir as boas obras da literatura argentina –, *Capítulo* foi uma maneira encontrada para equilibrar as finanças da editora. Isso porque os fascículos possuíam retorno mais rápido que os livros. Eram vendidos em bancas e a quantidade de dinheiro recebida pela editora no prazo mais curto se desvalorizava menos. Isso é importante em especial em tempos de inflação elevada.

A literatura, então, foi usada como carro-chefe, como meio principal de se conseguir dinheiro para que a editora pudesse sobreviver. Além da melhor aceitação que possui a literatura no mercado editorial, há outro aspecto a ser considerado: as obras literárias estavam menos sujeitas à censura da ditadura que se implantara na Argentina.

O projeto cultural do CEAL não era incompatível, entretanto, com as estratégias de mercado da editora. Com a coleção *Capítulo* e outras, o CEAL passava trabalho para críticos e professores que haviam sido afastados das universidades.

Também a *Serie del Siglo y Medio* rendia capital rápido para a EUDEBA, principalmente pela estratégia de venda em *kioscos*. O capital da EUDEBA era misto. Grande parte provinha de dinheiro da universidade, mas havia parcelas de capital privado, muitas vezes dos próprios trabalhadores da editora. Isso garantia maior controle das contas e, consequentemente, do capital advindo das vendas. Até o golpe de 1966, entretanto, a EUDEBA recebeu muito dinheiro dos reitores da universidade.

Uma outra questão importante é porque certos autores não foram publicados. Como disse Susana anteriormente, muitos estavam com direitos de publicação muito caros ou inacessíveis. Existe também um aspecto a ser considerado: alguns autores não queriam ser publicados (falamos do CEAL, nesse caso) para não aparecerem como autores de “esquerda” – o CEAL ficou marcado, de certa forma, como uma editora de “esquerda”.

15/02/2011

Durante o mandato de Arturo Frondizi como reitor da UBA, a EUDEBA recebeu aportes de capital muito grandes. Posteriormente, com o golpe militar que colocou Onganía no poder, as vendas caíram (clima político ruim), a verba da editora diminuiu, e a qualidade dos livros (parte gráfica, etc) também. Com a ditadura de Onganía, Boris e a maioria da equipe editorial renunciou e, pouco tempo depois, fundou-se o Centro Editor de América Latina (CEAL), com um capital muito escasso.

Quanto à questão dos direitos de autor, Susana contou que o normal, na Argentina, é que seja pago ao autor 10% do preço de capa por cada exemplar vendido. Boris impôs que se pagasse menos (algo em torno de 5%), argumentando que, como as tiragens na EUDEBA e no CEAL eram maiores, os autores receberiam uma quantia adequada pela cessão de suas obras.

A prática normal de pagamento de direitos indicava que isso deveria ser feito uma vez por ano. No entanto, na EUDEBA e no CEAL, o pagamento normalmente demorava mais que isso, o que gerava incômodos e oposições. Na EUDEBA, por vezes a universidade manifestou-se contra essa prática de Boris, que se relacionava, no fim das contas, com uma concepção sua de que os livros deveriam ser pensados como objetos feitos **para** o povo.

Com relação aos funcionários, outra falha grave: o não-pagamento dos chamados *aportes jubilatorios*, ou seja, o pagamento das parcelas referentes à previdência de cada funcionário, com a função de compor a aposentaria do mesmo. De acordo com Susana, ocorreram grandes discussões entre as equipes e Boris acerca do tema. Na EUDEBA, o pagamento ocorreu normalmente, em grande parte por conta da influência da UBA. Já no CEAL, o problema foi mais grave, pois os funcionários acreditavam que recebiam o benefício, enquanto, em realidade, não o recebiam. Os salários eram fracionados – ou seja, recebidos pouco a pouco em pagamentos esparsos.

Boris soube escolher muito bem as equipes que com ele trabalharam. Assim, é necessário reconhecer e valorizar o trabalho dessas equipes, ressaltando que não foi Boris que fez a EUDEBA ou o CEAL. Foram os membros de tais equipes, foi o trabalho de todos juntos.

Na parte intelectual, Boris garantia grande liberdade aos funcionários. Discutia, mas sabia que aqueles que estavam montando as coleções eram capazes de fazer isso de maneira adequada.

No entanto, quando o assunto era a forma pela qual os livros seriam editados, distribuídos e vendidos, ele era rigoroso e inflexível. Não era possível mudar sua determinação com relação à qualidade do papel, o preço dos livros, o imediatismo das publicações. Para ele,

o importante era editar mais e mais livros. Susana avalia que seus projetos editoriais foram muito “imediatistas” e estiveram demasiadamente ligados à sua trajetória pessoal.

Há, em andamento, uma certa “santificação” de Boris e de seu trabalho, que impede que vislumbremos o que realmente importa: as configurações de um projeto cultural em tempos de crise e ditadura. Para Susana, Boris era muito ambicioso, fator que impediu que observasse estratégias de longo prazo na edição de seus livros. Mais uma vez, ressalta a importância das **equipes** de trabalho em ambas as editoras.

As pessoas que trabalharam na EUDEBA e no CEAL eram modernas, renovaram e retomaram certas coisas. Era um grupo que conversava entre si. Um verdadeiro grupo, uma equipe.

Para Susana, o CEAL pertence a um momento importante da história da cultura argentina, antes que a direção e a propriedade das grandes editoras do Ocidente sofressem processos de concentração, de passar ao poder de gerências internacionais, alheias aos interesses culturais que moviam tanto o CEAL como as editoras Losada ou Sudamericana, que não desapareceram, mas perderam a propriedade de importantes catálogos.

ANEXO 2: ILUSTRAÇÕES DE JUAN CARLOS CASTAGNINO PARA *MARTÍN FIERRO*

Y como nunca al que manda
le falta algún adulón,
uno que en esa ocasión
se encontraba allí presente
vino apretando los dientes
como perrito mamón.

Me hizo un tiro de revuélver
que el hombre creyó seguro,
era confiao y le juro
que cerquita se arrimaba,
pero siempre en un apuro
se desentumen mis tabas.

Él me siguió menudiando
mas sin poderme acertar,
y yo, déle culebriar,
hasta que al fin le dentré
y áhi no más lo despaché
sin dejarlo resollar.

Dentré a campiar en seguida
al viejito enamorado.
El pobre se había ganado
en un noque de lejía,
¡Quién sabe cómo estaría
del susto que había llevao!

46

¡Es sonso el cristiano macho
cuando el amor lo domina!
Él la miraba a la indina,
y una cosa tan jedionda
sentí yo, que ni en la fonda
he visto tal jedentina.

Y le dije: "—Pa su agüela
han de ser esas perdices."
Yo me tapé las narices,
y me salí estornudando,
y el viejo quedó olfatiando
como chico con lumbrices.

Cuando la mula recula,
señal que quiere cosiar;
ansí se suele portar
aunque ella lo disimula:
recula como la mula
la mujer, para olvidar.

Alcé mi poncho y mis prendas
y me largué a padecer
por culpa de una mujer
que quiso engañar a dos.
Al rancho le dije adiós,
para nunca más volver.

Las mujeres dende entonces
conocí a todas en una.
Ya no he de probar fortuna
con carta tan conocida:
mujer y perra parida,
no se me acerca ninguna.

XI

A otros les brotan las coplas
como agua de manantial;
pues a mí me pasa igual,
aunque las mías nada valen:
de la boca se me salen
como ovejas del corral.

Que en puertiendo la primera,
ya la siguen las demás,
y en montones las de atrás
contra los palos se estrellan,
y saltan y se atropellan,
sin que se corten jamás.

Y aunque yo por mi inorancia
con gran trabajo me esplico,
cuando llego a abrir el pico
téngalo por cosa cierta:
sale un verso y en la puerta
ya asoma el otro el hocico.

Y empréstemé su atención,
me oirá relatar las penas
de que traigo la alma llena,
porque en toda circunstancia
paga el gauchito su inorancia
con la sangre de las venas.

Después de aquella desgracia
me guarecí en los pajales,
anduve entre los cardales
como bicho sin guarida;
pero, amigo, es esa vida
como vida de animales.

Y son tantas las miserias
en que me he sabido ver,
que con tanto padecer
y sufrir tanta aflicción
malicio que he de tener
un callo en el corazón.

Ansí andaba como guacho
cuando pasa el temporal.
Supe una vez, pa mi mal,
de una milonga que había,
y ya pa la pulpería
enderecé mi bagual.

Era la casa del baile
un rancho de mala muerte
y se enllenó de tal suerte
que andábamos a empujones:
nunca faltan encontrones
cuando el pobre se divierte.

47

Retirado de HERNÁNDEZ, José.
Martín Fierro. Ilustrado por Juan
Carlos Castagnino. Buenos Aires:
EUDEBA, 2010 (5ª edição), pp.
46-47.